



UNIVERSIDADE DO ALGARVE

**VAZIOS URBANOS COMO OPORTUNIDADE  
DE INTEGRAÇÃO MULTIDISCIPLINAR NO  
PROJETO PAISAGÍSTICO**

ANA RITA GUERREIRO MARTINS

RELATÓRIO DE ESTÁGIO  
PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM ARQUITETURA  
PAISAGISTA

Trabalho efetuado sobre a orientação de:  
Orientador interno: Prof. Doutor Thomas Panagopoulos  
Orientadora externa: Arq. Pais. Andreia Santos

**2013**

**VAZIOS URBANOS COMO OPORTUNIDADE DE  
INTEGRAÇÃO MULTIDISCIPLINAR NO PROJETO  
PAISAGÍSTICO**

**“DECLARAÇÃO DE AUTORIA DE TRABALHO”**

“Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referência incluída.”

---

Ana Rita Martins ©

“A Universidade do Algarve tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicitar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objectivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.”

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar quero agradecer aos meus orientadores – Prof. Doutor Thomas Panagopoulos (orientador interno) e Arq. Pais. Andreia Santos (orientadora externa) por toda a disponibilidade, por todas as dúvidas (e foram muitas) esclarecidas, por todos os sábios conselhos e motivação dada.

Gostaria igualmente de agradecer aos dois docentes da disciplina de Plano de Estágio – Arq. Miguel Reimão Costa e Prof. Doutor Desidério Batista. Sem eles este tema nunca teria surgido nem seria desenvolvido desta forma. Obrigada por todas as sugestões e apoio ao longo da disciplina e depois da sua conclusão.

Quero agradecer a todas as pessoas que me ajudam ao longo do estágio. À Martinha pela boa amizade que desenvolvemos, pela companhia nos momentos mais parados, por ajudar a que a adaptação corresse da melhor forma possível e por me ajudar a ver Olhão de outra perspetiva. Ao Presidente da Câmara Municipal Francisco Leal pela possibilidade de estagiar naquele município. Ao senhor Zé Humberto por toda a disponibilidade em ajudar-me a “voltar atrás no tempo” dando-me acesso a informação que de outro modo não conseguiria obter. Ao João Cabaço pela imensa paciência que demonstrou, que não me deixou desistir quando o caminho tomado não parecia levar a lado nenhum, mas que de facto levou! Obrigada ao Vítor Leal por se mostrar sempre disponível, ajudando em tudo o que tivesse ao seu alcance.

Obrigada ao melhor grupo de trabalho de sempre – Elsa, Tiago e Artur. O trabalho que desenvolvemos juntos (e a amizade criada a partir daí) deu-me bases, inspiração e dedicação para concluir este trabalho.

Obrigada a todos os meus restantes amigos pela força, ânimo e preocupação (mesmo que isso significasse ficarem sem me ver longas temporadas). Sem toda a vossa insistência acho que este trabalho ainda não estaria concluído!

Por último mas não menos importante, obrigada a toda a minha família pelo apoio e paciência, foi essencial para manter a sanidade mental durante o tempo que me levou a concluir o trabalho.

## RESUMO

A problemática dos vazios urbanos está cada vez mais presente no panorama urbano contemporâneo. Como tal tem-se verificado um maior empenho da parte dos mais diversos estudiosos, em perceber este tipo de espaços, analisando-os na tentativa de encontrar soluções viáveis para os mesmos.

No presente trabalho a temática dos vazios urbanos é igualmente analisada não só através das convicções de arquitetos, arquitetos paisagistas ou urbanistas, mas também através das opiniões de diversos tipos de artistas (cineastas, fotógrafos, artistas de instalações entre outros) ou até mesmo antropólogos e sociólogos. Assim, é possível compreender como este tipo de espaços é encarado por áreas do conhecimento tão distintas, sendo que cada uma delas tem uma opinião bastante vincada, e por vezes dissemelhantes entre si.

A análise da componente mais artística do conhecimento acaba assim por se tornar uma mais-valia e um amplio do estudo efetuado por arquitetos/arquitetos paisagistas/urbanistas à temática dos vazios urbanos, pois é possível ter acesso a uma visão bastante mais livre e despretensiva deste tipo de espaços, o que de algum modo dá uma nova perspetiva de como encarar os vazios urbanos.

Essa perspetiva livre e apelativa à criatividade é assim utilizada no presente relatório como linha orientadora para a intervenção num vazio urbano na cidade de Olhão, a quando do estágio profissional na Câmara Municipal desta cidade, etapa decisiva para a conclusão do mestrado em Arquitetura Paisagista na Universidade do Algarve.

O presente relatório de estágio expõe assim todas as aprendizagens e conclusões retiradas tanto a nível da investigação, como a nível do estágio profissional, sobre os vazios urbanos, nos moldes em que se propôs analisá-los.

### Palavras-chave:

Vazio urbano | cidade contemporânea | *Terrain Vague* | Arte | multidisciplinariedade |

## **ABSTRACT**

The topic of urban voids increasingly takes presence in the contemporary urban landscape. As a result, there has been a growing commitment how various experts, to understand such spaces, analyzing them and finding viable solutions for them.

In the present work, the topic of urban voids is also analyzed not only by the convictions of architects, landscape architects or planners, but also by the opinions of many different types of artists (filmmakers, photographers, installations artists and others) or even anthropologists and sociologists. Thus, it is possible to understand how this type of space is seen as by distinct areas of knowledge, each having an opinion quite stark, and sometimes dissimilar.

The analysis of the most artistic component of knowledge ends up like an added value and an ample to the study from architects / landscape architects / urbanists to the theme of urban voids because it is possible to have access to a rather more free and unpretentious way to envisage this type of spaces, which somehow gives a new perspective of how to face the urban voids.

This free and appealing to creativity perspective is well used in this report as a guideline for intervention in an urban void at the town of Olhão, when the internship degree at the Town Hall of this city - decisive step towards completing the Masters in Landscape Architecture at the University of Algarve.

This report describes the acquired knowledge and conclusions drawn from, both research and internship about the Urban Voids, in the way it was proposed to analyze this topic.

### **Keywords**

Urban voids | Contemporary city | Terrain Vague | Art | multidisciplinary

## Índice

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2. ESTÁGIO NA CAMARA MUNICIPAL DE OLHÃO .....</b>	<b>14</b>
2.1 APRESENTAÇÃO DO LOCAL DE ESTÁGIO .....	14
2.2 TRABALHOS EFETUADOS .....	16
2.2.1 Projeto de Requalificação da EN125 .....	17
2.2.2 Dinamização dos Mercados Municipais .....	18
2.2.3 Guia Florístico dos Espaços Exteriores da Ecoteca .....	19
2.2.5 Semana da Criança e do Ambiente .....	20
<b>3. CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>22</b>
3.1 URBANISMO/ARQUITETURA/ARQUITETURA PAISAGISTA .....	22
3.1.1 Bernardo Secchi e Stefano Boeri .....	22
3.1.2 Rem Koolhaas e Adriaan Geuze .....	24
3.1.3 Alan Berger .....	26
3.1.4 Ignasi de Solà-Morales .....	28
3.1.5 Gilles Clément .....	30
3.1.6 Conclusões .....	33
3.2 FOTOGRAFIA .....	35
3.2.1 Eugene Atget .....	35
3.2.2 Man Ray .....	37
3.2.3 Henri Cartier-Bresson .....	38
3.2.4 Martha Cooper .....	39
3.2.5 Stan Douglas .....	40
3.2.6 Todd Hido .....	41
3.2.7 Conclusões .....	42
3.3 CINEMA .....	44
3.3.1 Marcel Carné .....	44
3.3.2 Luis Buñuel .....	46

3.3.3 Andrei Tarkovsky .....	48
3.3.4 Paul Verhoeven .....	49
3.3.5 Terry Gilliam .....	51
3.3.6 Melody Gilbert .....	52
3.3.7 Spike Jonze .....	53
3.3.8 Conclusões.....	55
<b>3.4 OUTRAS MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS .....</b>	<b>56</b>
3.4.1 Ben Vautier.....	56
3.4.2 Jordi Colomer .....	57
3.4.3 Sandro Vernonesi .....	58
3.4.4 Arcade Fire .....	59
3.4.5 Conclusões.....	61
<b>3.5 ANTROPOLOGIA/ SOCIOLOGIA .....</b>	<b>62</b>
3.5.1 Marc Augé.....	62
3.5.2 Henri Lefebvre.....	65
3.5.3 Conclusões.....	67
<b>3.6 CASOS DE ESTUDO .....</b>	<b>68</b>
3.6.1 O Caso de Roterdão – West 8.....	68
3.6.2 Jardim de ENS Lyon – Gilles Clément .....	76
<b>4. PROJETO DE INTERVENÇÃO NUM VAZIO URBANO.....</b>	<b>78</b>
4.1 LOCALIZAÇÃO.....	78
4.2. ENQUADRAMENTO LEGAL .....	79
4.3 ANÁLISE .....	81
4.3.1 Análise Biofísica .....	81
4.3.2 Análise Urbanística.....	89
4.3.3 Análise Socioeconómica.....	96
4.4 CONCEÇÃO PROJETUAL.....	102
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>108</b>
<b>6. BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>112</b>

**ANEXO I** – Plano Geral do Projeto de Requalificação da En125  
Plano Geral do Plano de Dinamização dos Mercados Municipais

**ANEXO II** – Guia Florístico dos Espaços Exteriores da Ecoteca

**ANEXO III** – Plano Geral da Proposta de Intervenção para o vazio urbano em Olhão

**ANEXO IV** – Declaração de Estágio na Câmara Municipal de Olhão

## ÍNDICE DE FIGURAS

---

Figura 2.1 – Localização geográfica da freguesia de Olhão .....	14
Figura 2.2 – Plano Geral do Plano de Dinamização dos Mercados Municipais .....	17
Figura 2.3 – Plano Geral do Plano de Dinamização dos Mercados Municipais .....	18
Figura 2.4 – Auditório Municipal de Olhão .....	20
Figura 2.5 – Jardim <i>O Pescador Olhanense</i> .....	20
Figura 2.6 – Jogo didático realizado na Semana do Ambiente e da Criança .....	21
Figura 2.7 – Jogo didático realizado na Semana do Ambiente e da Criança.....	21
Figura 3.1 – Representação da <i>Antiga Paris</i> por Eugène Atget.....	36
Figura 3.2 - Representação da <i>Antiga Paris</i> por Eugène Atget .....	36
Figura 3.3 – <i>Terrain Vague</i> (1929).....	37
Figura 3.4 – <i>After the War, End of an Era</i> (1945).....	38
Figura 3.5 – <i>Derriere la Gare Saint- Lazare</i> (1932).....	38
Figura 3.6 – Representação do usufruto de vazios urbanos por crianças .....	39
Figura 3.7 – Representação do usufruto de vazios urbanos por crianças .....	39
Figura 3.8 – Representação do usufruto de vazios urbanos por crianças .....	39
Figura 3.9 – <i>Michigan Central Station</i> (1998).....	40
Figura 3.10 – <i>Les Grands Moulins de Pantin</i> (2006).....	40
Figura 3.11 – <i>1726</i> (2004).....	41
Figura 3.12 – <i>3179</i> (2004).....	41

Figura 3.13 – Poster do filme <i>Terrain Vague</i> (1960).....	45
Figura 3.14 – Cena de <i>Terrain Vague</i> (1960).....	45
Figura 3.15 – Cena de <i>Las Hurdes</i> (1932) passada num espaço degradado .....	46
Figura 3.16 – Poster do filme <i>Los Olvidados</i> (1950).....	47
Figura 3.17 – Cena de <i>Los Olvidados</i> passada num vazio urbano .....	48
Figura 3.18 – Cena de <i>Stalker</i> (1979) passada num espaço extremamente degradado.....	49
Figura 3.19 – Cenário de <i>Robocop</i> (1987) .....	50
Figura 3.20 – Locais degradados usados como cenários de <i>12 Monkeys</i> (1995) .....	51
Figura 3.21 – Um dos locais de filmagens de <i>Urban Explorers</i> (2007) .....	52
Figura 3.22 – Cena passada num vazio urbano em <i>Jackass 3D</i> (2010) .....	54
Figura 3.23 – <i>Terrain Vague</i> (1961) .....	56
Figura 3.24 – Brasília representada em <i>Anarchitekton</i> (2003) .....	57
Figura 3.25 – Capa do livro <i>Terrain Vague</i> (2007) .....	58
Figura 3.26 – Cena num vazio urbano em <i>The Suburbs</i> (2010) .....	60
Figura 3.27 – Praça de Binnenrotte, Roterdão.....	69
Figura 3.28 – Binnenrotte nos anos 80 antes da intervenção.....	69
Figura 3.29 – Binnenrotte depois da intervenção .....	70
Figura 3.30 – Pormenor do pavimento de Binnenrotte .....	71
Figura 3.31 – Binnenrotte durante a feira da cidade.....	71
Figura 3.32 – Schouwburgplein .....	72
Figura 3.33 – Schouwburgplein antes da intervenção .....	73
Figura 3.34 – Schouwburgplein antes da intervenção .....	73
Figura 3.35 – Diferentes pavimentos utilizados no projeto .....	73
Figura 3.36 – Diferentes pavimentos utilizados no projeto .....	73
Figura 3.37 – Colunas de iluminação hidráulica .....	74

Figura 3.38 – Área de fontes em Schouwburgplein .....	74
Figura 3.39 – Jardim de ENS Lyon .....	76
Figura 3.40 – Diferentes espécies utilizadas no Jardim de ENS Lyon .....	76
Figura 3.41 – Pormenor do Jardim ENS Lyon .....	77
Figura 4.1 – Localização geográfica da área em estudo na freguesia de Olhão .....	78
Figura 4.2 – Localização geográfica da área em estudo .....	78
Figura 4.3 – Excerto da peça gráfica nº4 “Sistema Litoral” do PROTAL (2007) .....	79
Figura 4.4 – Área em estudo e envolvente segundo as diretrizes do PDM de Olhão ...	80
Figura 4.5 – Hipsometria do concelho de Olhão e respetiva legenda.....	81
Figura 4.6 – Diferença de cotas na envolvente da área em estudo .....	82
Figura 4.7 – Relevo da área em estudo .....	82
Figura 4.8 – Freguesia de Olhão em termos geológicos .....	84
Figura 4.9 – Delimitação do Planalto litoral e da Baixa Aluvionar no Concelho de Olhão .....	85
Figura 4.10 – Relação da linha de água e a área em estudo .....	87
Figura 4.11 – Vegetação incipiente da área em estudo .....	88
Figura 4.12 – Vegetação da linha de água existente na área em estudo.....	89
Figura 4.13 – 1ª Fase de ocupação – Barreta (séc. XVIII) .....	90
Figura 4.14 – 2ª Fase de ocupação – Meados do séc. XVII .....	91
Figura 4.15 – 3ª Fase de ocupação - 1875 .....	91
Figura 4.16 – Vila de Olhão e respetivas hortas no ano de 1873 .....	92
Figura 4.17 – Situação da então Vila de Olhão em 1976 .....	92
Figura 4.18 – Área em estudo no ano de 1981 .....	93
Figura 4.19 – Situação da cidade em 1991 .....	93
Figura 4.20 – Área em estudo aquando da construção das piscinas municipais (1998) .....	94

Figura 4.21 – Situação da cidade em 2008 .....	95
Figura 4.22 – Área em estudo atualmente .....	95
Figura 4.23 – População residente no Concelho de Olhão (2011) e variação da população residente 1991-2011 .....	96
Figura 4.24 – Proposta de Intervenção para o vazio urbano com duas áreas distintas.....	103
Figura 4.25 – Área 1 proposta .....	104
Figura 4.26 – Área 2 proposta .....	105

## **ÍNDICE DE GRÁFICOS**

---

Gráfico 4.1 – População residente (%) no concelho de Olhão por Grupos Funcionais (1991,2001 e 2009) .....	97
Gráfico 4.2 - Nº de habitantes por grandes grupos etários das freguesias do concelho de Olhão .....	98
Gráfico 4.3 – Nº de Desempregados inscritos no centro de emprego por ano e sexo no Concelho de Olhão .....	99

## **ÍNDICE DE TABELAS**

---

Tabela 4.1 – Perfil setorial das atividades económicas mais importantes no concelho de Olhão .....	100
--	-----

## 1. INTRODUÇÃO

---

Durante as últimas décadas a cidade contemporânea tem vindo a ser alvo de alterações massivas que trouxeram diversas sequelas ao meio urbano. Uma das sequelas mais evidentes é a fragmentação crescente das cidades, que acaba por auxiliar grandemente a decadência destas.

Esta fragmentação tem vindo a contribuir para o aparecimento de *espaços expectantes, mais ou menos abandonados, mais ou menos delimitados (...) manchas de “não-cidade”, espaços ausentes, ignorados ou caídos em desuso (...)*<sup>1</sup> no seio da cidade, que contribuem fortemente para a sua degradação. São os chamados vazios urbanos, tema que tem vindo cada vez mais a despertar o interesse nas mais diversas áreas do conhecimento. Desde arquitetos, urbanistas, arquitetos paisagistas, passando por fotógrafos, ou até mesmo cineastas, todos parecem estar interessados por esta temática, tendo cada um uma visão muito própria de qual o papel e importância destes vazios para a cidade contemporânea e seus habitantes.

No seio da arquitetura/urbanismo/arquitetura paisagista, a opinião nem sempre é concordante. Alguns autores veem estes vazios como algo negativo para a cidade. Acreditam por exemplo que são locais onde *a cidade já não existe*<sup>2</sup> ou seja, locais sem qualquer tipo de uso ou função, extremamente degradados, *des-povoados, in-seguros, im-produtivos*<sup>3</sup>. Por outro lado, existem outros autores que têm uma perspetiva um pouco diferente, assumindo-os como uma grande oportunidade e motivação para trazer algo de novo à cidade<sup>4</sup>. Uma oportunidade até de incutir na cidade os princípios do *Landscape Urbanism*, de modo a que espaços como estes tragam melhorias não só a eles próprios mas para toda a cidade.

Mas tal como foi referido anteriormente, não são só estes profissionais que se debruçaram sobre esta temática ao longo dos anos. Existem outras áreas do conhecimento que parecem ter uma opinião bastante vincada e por vezes distinta (relativamente ao anterior grupo mencionado) sobre os vazios urbanos. Aliás, muito

---

<sup>1</sup> MELO, L. – *Terrain Vague – Notas de Investigação para uma identidade*, 2007

<sup>2</sup> SOLÀ-MORALES, I. – *Territórios*, 2002, p. 187

<sup>3</sup> *Idem*, p. 187

<sup>4</sup> BERGER, A. – *Drosscapes – Wasting Land in Urban America*, 2006, p. 33

antes dos arquitetos e urbanistas se interessarem sobre esta temática, já os fotógrafos e cineastas se interessavam por este tipo de espaços, incorporando-os nas suas obras.

Para os fotógrafos por exemplo, a sua atração para estes espaços deve-se às possibilidades quase infinitas que os mesmos proporcionam<sup>5</sup>. Eles são atraídos pelo surreal, nos quais buscam *a interrupção do mundo racionalizado*<sup>6</sup>. São locais onde existe uma fuga à rigidez da cidade, onde *a fotografia e o espaço podem trabalhar de maneira mais criativa*<sup>7</sup>. Tal como os fotógrafos vários outros artistas compartilham esta opinião, achando que os vazios urbanos são os locais perfeitos para ser feita uma apropriação individual e livre do espaço. Os artistas usufruem deles à sua maneira, algo que um espaço intervencionado comum não permite, já que existe sempre uma certa imposição de usos e funções.

Os vazios urbanos são, por isso uma temática cada vez mais discutida, onde têm vindo a surgir diversas opiniões nem sempre concordantes. Esta dualidade de opiniões deveras interessante foi pouco estudada até agora. Apesar da temática *Vazios Urbanos* ser bastante investigada no âmbito da Arquitetura Paisagista, são poucos aqueles que relacionaram a visão desta área para com estes espaços, com as visões de outras áreas do conhecimento, que igualmente devem ser tidas em conta.

Surge então a questão: Porque não recorrer às visões tidas por outras áreas do conhecimento para enriquecer a abordagem da arquitetura paisagista aos vazios urbanos; sendo assim possível garantir características propícias à criatividade, ou até mesmo um espírito livre, tão apreciado pelos fotógrafos e outros artistas, e não uma rigidez de usos e funções (muitas vezes impostos pelos arquitetos paisagistas)? Esta questão é extremamente interessante e pertinente, ainda mais por se considerar extremamente benéfico para os utilizadores do espaço o facto de estes poderem fazer a sua própria apropriação do espaço, que muitas vezes os permite vivê-lo mais intensamente.

Surge então o presente Relatório de Estágio intitulado de *Vazios Urbanos como Oportunidade de Integração Multidisciplinar no Projeto de Arquitetura Paisagista*, que

---

<sup>5</sup> CARNEY, P., MILLER, V. - Vague Spaces. In A. Jansson, & A. Lagerkvist, *Strange Spaces - Explorations Into Mediated Obscurity*, 2009, p. 43

<sup>6</sup> *Idem*, p. 43

<sup>7</sup> *Idem e Ibidem*, p. 44

visa precisamente o estudo desta temática nestes interessantes moldes. Aqui, o objetivo primordial é precisamente compreender como vê afinal a área mais artística do conhecimento este tipo de espaços, para que de algum modo se consiga integrar as suas opiniões numa abordagem multidisciplinar a um vazio urbano na cidade de Olhão (local onde se realizou o estágio profissional).

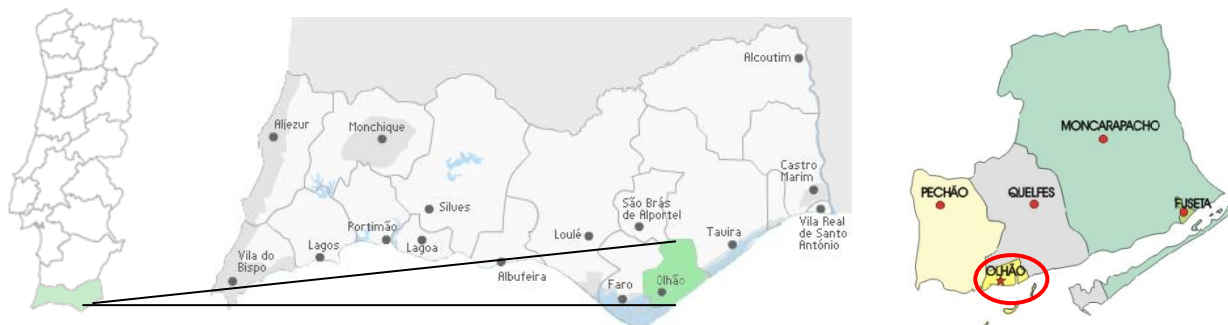
O presente relatório está portanto dividido em três capítulos principais onde a temática em questão é explorada. Primeiramente tem-se um capítulo intitulado de *Estágio na Câmara Municipal de Olhão* onde é apresentado o local de estágio, os trabalhos lá desenvolvidos e como estes foram frutíferos para consolidar conhecimentos ao nível do Mestrado em Arquitetura Paisagista. Seguidamente tem-se o capítulo - *Contextualização teórica* onde, como o próprio nome indica, são analisados autores de diversas áreas do conhecimento (principalmente ligados às artes) que em algum momento das suas carreiras mostraram interesse pelos vazios urbanos. É assim possível obter um parecer rigoroso sobre esta temática e tirar conclusões sobre os diversos modos de a encarar. Finalmente tem-se o capítulo - *Projeto de Intervenção num vazio urbano*, onde os conhecimentos apreendidos nos anteriores capítulos dão então origem a um projeto (ao nível do estudo prévio), de modo a consolidar os ensinamentos obtidos no presente trabalho.

## 2. ESTÁGIO NA CAMARA MUNICIPAL DE OLHÃO

### 2.1 – APRESENTAÇÃO DO LOCAL DE ESTÁGIO

De modo a concluir o mestrado em Arquitetura Paisagista pela Universidade do Algarve optou-se pela realização de um estágio profissional na Câmara Municipal de Olhão (CMO) com a duração de cinco meses (27 de fevereiro - 27 de julho).

O concelho de Olhão encontra-se em Portugal continental, na região Algarvia, estando dividido em cinco freguesias: Fuseta, Moncarapacho, Olhão, Pechão e Quelfes. A CMO encontra-se localizada na freguesia de Olhão (Figura 2.1).



**Figura 2.1:** Localização geográfica da freguesia de Olhão (onde se encontra a CMO)

O edifício principal desta autarquia localiza-se no largo Sebastião Martins Mestre, tendo como presidente desde 1993 o Engenheiro Agrário Francisco José Leal (tendo ao seu cargo treze pelouros). Estão também presentes seis vereadores pelos quais estão divididos os restantes pelouros existentes.

Segundo o artigo 10.º do Decreto-Lei n.º 305/2009, de 23 de outubro, republicado pelo despacho n.º393/2012 em 14 de novembro de 2011, a organização da CMO divide-se essencialmente na Estrutura nuclear (composta pelo *Departamento de Administração Geral*, *Departamento de Obras Municipais e Gestão Urbanística* e *Departamento de Educação, Cultura, Desporto e Ação Social*) e na Estrutura flexível (da qual fazem parte sete divisões municipais). O estágio profissional realizou-se na Divisão de Ambiente e Recursos Naturais (pertencente à estrutura flexível), sob a orientação da Arq. Paisagista Andreia Santos. Atualmente esta divisão tem como corpo técnico:

- 1 Arquiteto Paisagista;

- 1 Gestor do Ambiente;
- 1 Biólogo;
- 1 Médico Veterinário.

A Divisão de Ambiente e Recursos Naturais desempenha funções extremamente importantes para o desenvolvimento e qualidade de vida do concelho, considerando-se as mais relevantes (através do artigo 2.º do Decreto-Lei n.º 305/2009, de 23 de outubro, republicado pelo despacho n.º393/2012 em 14 de novembro de 2011):

- Coordenar e dirigir as agendas e os recursos humanos afetos à Divisão;
- Elaborar pareceres e informações sobre assuntos inerentes à Divisão;
- Assegurar relações funcionais com outras áreas orgânicas da Câmara;
- Colaborar com os diversos serviços do Município na análise e ou acompanhamento de projetos na área da arquitetura paisagista;
- Participar na avaliação dos impactes ambientais de empreendimentos urbanísticos e outros projetos municipais, públicos ou privados, que pela sua natureza ou dimensão venham a influenciar direta ou indiretamente a qualidade de vida no município;
- Implementar e promover estratégias de educação e sensibilização ambiental;
- Avaliar situações de incomodidade sonora no âmbito das competências municipais e assegurar o cumprimento do Regulamento Geral sobre o Ruído;
- Promover estratégias para a redução de resíduos e para a reciclagem;
- Colaborar na definição de estratégias para a gestão de resíduos específicos, sucatas, veículos em fim de vida, eletrodomésticos, entulhos, óleos alimentares;
- Assegurar a criação, proteção e gestão dos espaços verdes na responsabilidade do município;
- Promover a arborização de espaços públicos, providenciando o plantio e seleção das espécies adequadas às condições dos espaços verdes;
- Promover a instalação de sistemas de rega automática e semiautomática dos espaços verdes;
- Colaborar com as juntas de freguesia, escolas e outros organismos públicos na criação de espaços verdes;
- Apreciar e emitir pareceres sobre projetos e petições relacionados com os espaços verdes de operações de loteamento, nos termos da legislação em vigor;

- Colaborar com a Divisão de Obras na elaboração/execução dos projetos e empreitadas específicas da divisão;
- Proceder à remoção da vegetação espontânea que surja nos espaços públicos;
- Assegurar a limpeza das praias.

## 2.2 TRABALHOS EFETUADOS

---

Durante o período no qual decorreu o estágio profissional não se efetuou exclusivamente o trabalho inicialmente proposto no plano de estágio, existindo ainda a oportunidade de integrar outros projetos que se encontravam a decorrer. Foi assim possível compreender toda a dinâmica inerente ao trabalho em equipa (multidisciplinar) numa Câmara Municipal. De um modo geral a participação em todas atividades/projetos trouxeram grandes benefícios de aprendizagem em diferentes níveis:

- Foram criados hábitos de rotina e trabalho, uma vez que existiam horários e prazos a cumprir durante todo o estágio. Ter prazos a cumprir é algo extremamente comum nesta profissão, sendo por isso uma forma de se familiarizar com a situação;
- Foram aprofundados conhecimentos ao nível do desenho assistido por computador, através da utilização do *Autodesk Autocad*, programa usado constantemente ao longo de 5 meses de estágio;
- Utilizou-se pela primeira vez o sistema de informação geográfica *Quantum Gis*, aprendendo a manuseá-lo;
- Foi possível trabalhar com profissionais de diferentes áreas (multidisciplinaridade), que se mostraram disponíveis a ajudar sempre que possível;
- Existiu pela primeira vez o contacto com o mundo do trabalho ao nível de uma instituição pública, sendo assim possível compreender e integrar a dinâmica ali existente;
- Adquiriu-se experiência ao nível do projeto, principalmente na execução de peças escritas e técnicas, algumas das quais menos desenvolvidas a nível académico;
- Contactou-se com a legislação em vigor, de modo a que todos os projetos efetuados se encontrassem ao abrigo desta.

Os projetos e atividades, nos quais se participou ao longo do estágio, foram então:

### **2.2.1 PROJETO DE REQUALIFICAÇÃO DA EN125** (Execução de rotunda no cruzamento da EN125 com a Rua 18 de Junho e arranjos dos espaços envolventes)

A participação neste projeto deu-se de 27 de fevereiro a 19 de março de 2012. Esta requalificação foi efetuada no âmbito de um concurso para obtenção de cofinanciamento comunitário, através do Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER).

O projeto encontrava-se integrado no Programa Operacional Regional do Algarve: Eixo 3 – Valorização Territorial e Desenvolvimento Urbano, pertencendo ao domínio de intervenção *Mobilidade Territorial*. Consistia na reorganização do tráfego viário num troço da EN125 através da introdução de uma rotunda e requalificação das áreas pedonais adjacentes (Figura 2.2) de modo a melhorar o tráfego pedonal ali existente (tendo sempre atenção ao Decreto-Lei n.º 163/2006 de 8 de agosto, referente à mobilidade e acessibilidade para todos).



**Figura 2.2:** Plano Geral da requalificação proposta para a EN125  
Fonte: *Câmara Municipal de Olhão*

A colaboração neste projeto deu-se ao nível da conceção de peças escritas e técnicas, entre elas memória descritiva, caderno de encargos, estimativa orçamental, plano de pormenores e plano de rega.

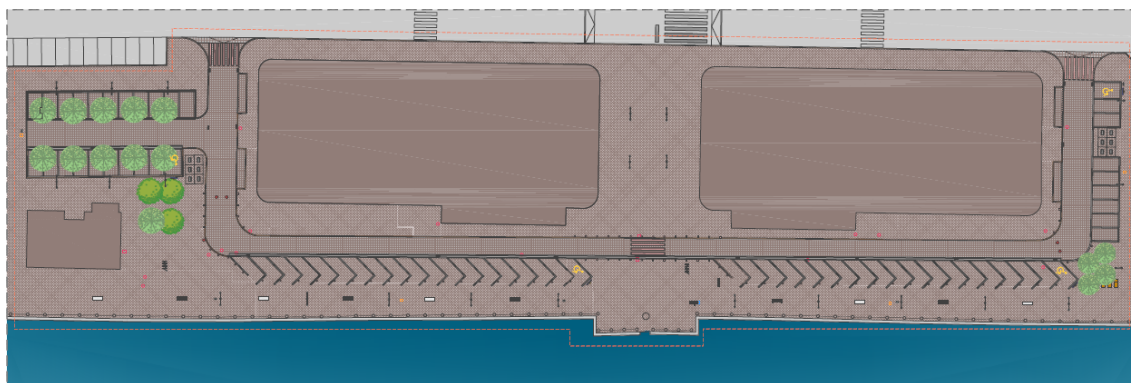
Considerou-se uma tarefa extremamente interessante uma vez que, a nível académico estas peças (nomeadamente as escritas) acabam por ficar um pouco descuradas em relação às desenhadas. Foi assim possível aprofundar o conhecimento ao nível destas

peças num contexto nunca antes presenciado, o que acabou por influenciar o modo de execução das mesmas.

Para além disso foi ainda possível ter contacto com o mercado fornecedor, algo nunca antes experienciado. Conseguiu-se assim, a perceção de como é feita a seleção e encomenda de pavimentos, mobiliário urbano, vegetação, material de rega e iluminação, tendo em conta a qualidade, preço e as suas características.

### 2.2.2 DINAMIZAÇÃO DOS MERCADOS MUNICIPAIS (Componente dos Espaços Exteriores)

A participação neste projeto deu-se de 19 de março a 26 de março de 2012. O principal objetivo passava pela requalificação dos espaços exteriores na envolvente dos Mercados Municipais de Olhão (Figura 2.3). Esta requalificação assentava na elevação da rede viária que circunda os mercados à cota da rede pedonal, de modo a eliminar obstáculos e a proporcionar uma maior mobilidade e acessibilidade a todos os utentes do espaço. Para além desta mudança, previa-se a requalificação do mobiliário urbano, promovendo modernidade ao espaço, bem como uma melhoria da qualidade de vida, implementando também suportes para bicicletas de modo a promover cada vez mais a deslocação por veículos sem motor, de forma a evitar o uso intensivo do automóvel nesta zona.



**Figura 2.3:** Plano Geral do Plano de Dinamização dos Mercados Municipais  
Fonte: *Câmara Municipal de Olhão*

A colaboração neste projeto deu-se novamente ao nível da planta de pormenores, memória descritiva, caderno de encargos e estimativa orçamental. Foram realizadas igualmente as medições orçamentais, e uma carta onde estavam expressas todos os pavimentos/revestimentos e lancis a manter ou a eliminar.

Foi novamente possível aperfeiçoar conhecimentos ao nível de algumas peças escritas e desenhadas sendo que, pela primeira vez se executou medições orçamentais. Esta carta nunca tinha sido executada a nível académico, existindo por isso mesmo, algumas dificuldades numa fase inicial, que acabaram por ser postas de parte. Este foi sem dúvida um dos pontos mais positivos na participação neste projeto.

### **2.2.3 GUIA FLORÍSTICO DOS ESPAÇOS EXTERIORES DA ECOTECA**

---

A participação neste projeto deu-se de 26 de março a 4 de abril de 2012. O objetivo primordial consistia na organização de um guia com as espécies existentes no espaço exterior da Ecoteca de Olhão, nos idiomas português e inglês, de modo a auxiliar os futuros visitantes, bem como dinamizar o espaço.

A colaboração consistiu na realização de um inventário (através de uma visita de campo) de todas as espécies que lá se encontravam, bem como uma reportagem fotográfica das mesmas. Seguidamente, e recorrendo a diversos instrumentos (livros de flora e vegetação, apresentações cedidas em aulas, internet, etc.) fez-se o reconhecimento de cada uma das espécies, bem como um pequeno texto (nos dois idiomas) sobre cada uma delas. Estes textos tinham informações gerais sobre as espécies (características, habitat, altura da floração, entre outros), bem como algumas curiosidades. Foi ainda elaborado um pequeno glossário com alguma informação complementar de modo a auxiliar os utentes do espaço.

Tratou-se de um trabalho bastante interessante, pois permitiu a interação com a flora Algarvia, tema tão estudado a nível académico. Foi possível enriquecer o leque de espécies conhecidas bem como a informação que se tinha destas.

### **2.2.4 INFORMAÇÃO PARA A PÁGINA DE INTERNET DA CMO**

---

A participação neste projeto deu-se de 4 a 9 de abril de 2012.

De modo a dinamizar a página de internet oficial da CMO, foi solicitado que se elaborasse textos introdutórios para três subcategorias presentes numa das categorias principais da página da CMO intitulada de *Ambiente*. Foram assim criados textos referentes a **Educação e Sensibilização Ambiental, Espaços Verdes, Áreas Protegidas, Ruído, Energias e Reciclagem**, onde foram descritos os espaços presentes em cada uma destas categorias pertencentes ao concelho de Olhão, bem como todos os esforços tidos pela autarquia para manter e dinamizar estes locais.

De modo a enriquecer estes textos, foram ainda captadas fotos dos espaços verdes mais emblemáticos da cidade (Figura 2.4 e 2.5).



**Figura 2.4 e 2.5:** Auditério Municipal de Olhão e Jardim *O Pescador Olhanense*  
*Fonte: Ana Rita Martins*

Esta atividade revelou-se bastante interessante pois foi possível obter-se maior conhecimento sobre todas as áreas protegidas, espaços verdes existentes no concelho, bem como todas as ações de sensibilização desenvolvidas pelo município. Para além disso, existiu ainda a oportunidade de percorrer todos os espaços verdes emblemáticos do concelho, sobre os quais ainda pouco se conhecia.

### **2.2.5 SEMANA DA CRIANÇA E DO AMBIENTE**

---

Preparação das atividades entre 14 e 25 de maio de 2012.

Participação na Semana da Criança e do Ambiente de 28 de maio a 1 de junho de 2012.

Durante a última semana de Maio a CMO organizou este evento, que teve como objetivo estimular as crianças a trabalhar e a brincar em conjunto, sempre com as questões ambientais como pano de fundo. Coube à Divisão de Ambiente e Recursos Naturais, a organização de algumas atividades que visassem a interação das crianças com a flora da região Algarvia. Desse modo, desenvolveu-se (em parceria com o núcleo de estudantes de Arquitetura Paisagista da UALG, o NAPUA) quatro jogos, onde as crianças teriam de identificar espécies arbóreas, arbustivas e aromáticas comuns da região através de cartões (com o nome científico, comum e imagens das mesmas).

Para além destes jogos, desenvolveu-se todo o processo de decoração da tenda (cartazes, cartões de identificação de espécies, e organização da mesma), cabendo à CMO a obtenção de todas as espécies necessárias para os jogos.

Durante a semana na qual decorreram as atividades, esteve-se presente na tenda da CMO, realizando-se os jogos com as crianças (Figura 2.6 e 2.7), com a ajuda de alguns membros do NAPUA que auxiliaram em tudo o que foi necessário. Foi assim possível dar a conhecer a cerca de 3100 crianças, quais as espécies mais comuns de encontrar na região Algarvia (sendo a sua maioria autóctone) bem como a sua aparência, nome, aroma e possíveis utilizações.



**Figura 2.6 e 2.7:** Jogos didáticos realizados na Semana do Ambiente e da Criança  
*Fonte: Ana Rita Martins*

A educação ambiental é algo extremamente importante, ainda mais quando relacionada com crianças, uma vez que esta permite alertá-las e consciencializá-las relativamente à preservação do meio ambiente. Durante a semana em que se realizaram os jogos com as crianças foram sempre que possível, dadas informações de como preservar o ambiente e todas as espécies que ali se encontravam. Tal atividade permitiu assim deixá-las mais alertas a estas questões, para que se tornem adultos mais conscientes da problemática ambiental.

### 3. CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

---

De modo a ser possível criar uma estratégia de intervenção coerente para a área em estudo, é necessário recorrer a uma contextualização teórica. Neste caso, a contextualização teórica corresponde a uma análise minuciosa de obras e autores que se debruçaram sobre a temática dos vazios urbanos, de modo a existir um forte suporte teórico para o tema em estudo, onde se poderá encontrar respostas e uma linha orientadora fundamental para guiar todo o trabalho.

Assim sendo, e tendo em conta que o objetivo primordial é compreender como a vertente mais artística do conhecimento encara os vazios urbanos, serão seguidamente analisados autores referentes não só ao urbanismo, arquitetura, arquitetura paisagista, mas também à fotografia, cinema, escrita, música, antropologia, sociologia, entre outros.

#### 3.1 URBANISMO/ARQUITETURA/ARQUITETURA PAISAGISTA

---

Estas três áreas do conhecimento, ainda que distintas, interpretam os vazios urbanos de um modo bastante semelhante, daí serem aqui apresentadas como uma só. Existem vários autores que se considera imprescindível de analisar, de modo a compreender como o Urbanismo, a Arquitetura e a Arquitetura Paisagista, tendo vindo a abordar a temática em estudo. Através dos autores escolhidos é possível ter acesso ao modo evolutivo como os vazios urbanos têm sido encarados desde o surgimento dessa problemática até aos dias de hoje, sendo ainda possível ter acesso a diferentes modos de encarar a temática. Seguidamente serão assim apresentados esses autores, bem como as suas teorias relativamente aos vazios urbanos.

##### 3.1.1 BERNARDO SECCHI E STEFANO BOERI

---

O urbanista Bernardo Secchi e o arquiteto Stefano Boeri, fizeram parte do primeiro grupo de arquitetos/urbanistas, que se debruçaram sobre a temática dos *Vazios Urbanos*<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> BORRET, K. – The “void” as a Productive Concept for Urban Public Space. In The Ghent Urban Studies Team, *The Urban Condition: Space, Community and Self in the Contemporary Metropolis*, 1999, p. 237

Através da obra *The Urban Condition: Space, Community and Self in the Contemporary Metropolis* (1999) mais precisamente do capítulo intitulado *The "Void" as a Productive Concept for Urban Public Space* de Kristiaan Borret é possível ter acesso ao modo como estes dois autores encaram este tipo de espaços.

Tal como refere a obra em questão, em 1984 Secchi começou por se aperceber que, tanto nas maiores como nas menores cidades da Europa, começavam a aparecer grandes espaços vazios, que ele afirmava serem espaços à espera de uma *definição morfológica*. Ainda não tendo sido alvos de projetos, eram espaços sem funcionalidade e vida aparente.

Secchi distingue dois tipos de vazios urbanos no seio da cidade contemporânea. Em primeiro lugar, tem-se os locais que descendem das inúmeras infraestruturas do século XIX que foram abandonadas, tais como matadouros, quartéis, docas, complexos industriais ou caminhos-de-ferro, que neste momento se encontram em completo desuso e ruína. Tratam-se de espaços extremamente degradados que acabam por fazer enormes buracos, tanto no tecido urbano, como na periferia imediata do centro da cidade.

O segundo tipo de vazios urbanos é detetado *no padrão típico da era pós-guerra, em que as cidades e o território tornaram-se imensas coleções de objetos taticamente colocados ao lado uns dos outros, mudos*. Esta afirmação leva a crer que este segundo tipo de vazio urbano é criado pela falta de ligação entre os diversos componentes da cidade, pela falta de planeamento conjunto da cidade causado por uma *sociedade contemporânea decomposta*. Tal facto leva então ao aparecimento de espaços intersticiais, que são basicamente espaços sobranceiros de projetos que entretanto foram postos em prática. Não são lugares de encontro, mas sim vazios, pois não desempenham nenhum papel verosímil na dinâmica da cidade. Aparecem como projetos interrompidos, difíceis de atravessar, que acabam por se transformar em residências para ciganos, grupos de marginais e imigrantes ilegais, ou até parques de estacionamento precários. Estes espaços são por ele chamados de *Terrain Vague*.

Já Stefano Boeri, usou este pensamento de Secchi como ponto de partida, e em 1993 desenvolveu uma investigação minuciosa sobre a morfologia da cidade difusa. Para Boeri, os espaços sem função na periferia da cidade, tinham primeiramente o nome de

*novos espaços sem nome*, tendo sido diversos os nomes que este tipo de espaços teve desde então tendo em conta as suas especificidades.

Boeri debruçou-se então no *Terrain Vague*, anteriormente estudado por Secchi, dando-lhe a sua própria definição. Ainda como refere Borret, para Boeri *Terrain Vague* são espaços sem identidade, atravessados por muita gente, ou então espaços que tiveram dois tipos de desenvolvimento espacial que acabaram por entrar em conflito.

Segundo ainda a mesma obra, Boeri refere que ao contrário de outros locais pouco clarificados da cidade dispersa, os *Terrain Vague* continuam a resistir a todas as definições, já que o seu significado não resulta de uma ausência de códigos, mas sim pela presença de múltiplos códigos que se sobrepõem, chocam entre si e que se destroem uns aos outros.

A abordagem destes dois autores aos vazios urbanos não é de todo positiva. Possivelmente por fazerem parte do primeiro grupo de autores (desta área do conhecimento) que se debruçou sobre a temática, a verdade é que esta parece ainda pouco desenvolvida e com escassez de respostas. São apontados tanto por Boeri como por Secchi, vários aspetos negativos deste tipo de espaços, mas não são dadas nunca alternativas, modos de os tornar produtivos, mais relevantes para a cidade e sua população.

Esta abordagem seria mais tarde revista pelo segundo grupo de estudiosos que se debruçou sobre esta, trazendo finalmente uma abordagem bastante mais positiva, e onde foi finalmente possível encontrar respostas relativamente ao melhor modo de tornar estes espaços degradados e sem uso, finalmente ativos e pertencentes à dinâmica da cidade.

### **3.1.2 REM KOOLHAAS E ADRIAAN GEUZE**

---

O arquiteto Rem Koolhaas e o arquiteto paisagista Adriaan Geuze, têm uma forma bastante particular de encarar os vazios urbanos. Ambos fizeram parte desse segundo grupo de especialistas que se debruçaram sobre esta temática, apresentando uma nova forma de os encarar. Ao contrário de Secchi e Boeri, que os encaravam de uma forma negativa, Koolhaas e Geuze vêem os vazios urbanos como algo produtivo, acreditando

que podem ser utilizados para se desenvolver uma linguagem contemporânea para o espaço urbano<sup>9</sup>.

Tal como Borret expõe novamente em *The Urban Condition: Space, Community and Self in the Contemporary Metropolis* (1999) no capítulo já referido, estes dois autores acreditam que para atingir esta linguagem contemporânea do espaço, os vazios urbanos não precisam necessariamente de um programa rígido de usos, muito pelo contrário. Consideram que uma certa indefinição de usos e funções para um espaço com estas características, é extremamente benéfico para a população, pois permite que cada um crie os seus próprios usos para este, tendo em conta as suas necessidades<sup>10</sup>.

Tendo em conta a obra *Conversas com Estudantes*, em que Rem Koolhaas dá a conhecer diversas perguntas que lhe são dirigidas em seminários e conferências e as respetivas respostas, é possível compreender um pouco mais de como este arquiteto encara os vazios urbanos. Numa das respostas dadas por ele, refere como os vazios urbanos podem ser encarados como um *impulso artístico*<sup>11</sup>. Segundo ele, o vazio é uma qualidade importante, que normalmente os arquitetos ignoram. Por mais que o vazio crie uma aversão ao nada, Koolhaas menciona que essa aversão deve ser enfrentada, ainda mais pelos arquitetos e arquitetos paisagistas, que segundo ele, nunca podem deixar nada vazio, indeterminado ou sem solução<sup>12</sup>. É assim o dever destes profissionais agir nestes espaços, dando-lhes nova vida, e dando-lhes novamente um papel de relevância no seio da cidade contemporânea.

Segundo Borret, Geuze parece partilhar da mesma opinião que Koolhaas, referindo que os vazios urbanos não podem de todo ser encarados como algo de prejudicial para a cidade. Para Geuze, este tipo de espaços é extremamente adaptável, existindo possibilidades sem fim para eles, que devem ser aproveitados pela população tendo em conta a sua imaginação<sup>13</sup>.

---

<sup>9</sup>BORRET, K. – The “void” as a Productive Concept for Urban Public Space. In The Ghent Urban Studies Team, *The Urban Condition: Space, Community and Self in the Contemporary Metropolis*, 1999, p. 238

<sup>10</sup>*Idem*, p. 243

<sup>11</sup>KOOLHAAS, R. – *Conversas com estudantes*, 2002, p. 61

<sup>12</sup>*Idem*, p. 61

<sup>13</sup>BORRET, K. – The “void” as a Productive Concept for Urban Public Space. In The Ghent Urban Studies Team, *The Urban Condition: Space, Community and Self in the Contemporary Metropolis*, 1999, p. 242

Tanto Geuze como Koolhaas têm dedicado grande parte das suas carreiras a interpretar e a intervir em vazios urbanos, de modo a abrir a mente tanto de estudiosos, como da população em geral. Ambos têm ateliers de grande sucesso (Geuze com *West 8* e Koolhaas com *OMA*), onde são realizados diversos projetos que têm vazios urbanos como pano de fundo. No decorrer deste trabalho serão analisados alguns desses projetos, de modo a compreender como esta interpretação tão positiva e distinta é de facto exprimida no território, algo importante para o trabalho em curso.

### 3.1.3 ALAN BERGER

Comparativamente a Secchi ou Boeri, pode-se afirmar que o arquiteto paisagista Alan Berger tem uma abordagem muito mais adaptada à situação atual das cidades, embora bastante diferente da tida por Koolhaas ou Geuze. Isto porque, enquanto os primeiros autores se debruçaram sobre esta temática pela primeira vez no início dos anos oitenta (quando as cidades eram dissemelhantes do que são atualmente) Berger só o fez já depois do ano 2000, quando as cidades já tinham um nível de desenvolvimento bastante superior e mais próximo do que são atualmente.

Berger aborda fundamentalmente a temática dos vazios urbanos aplicada aos Estados Unidos da América, embora esta tenha bastantes aspetos em comum à situação vivida nas cidades Europeias. Ao longo da sua investigação sobre esta temática, Berger tenta perceber como surgem afinal os vazios urbanos, o que é possível fazer com eles, e como afetarão eles, as áreas urbanizadas no futuro.

Para Berger este tipo de espaços tem o nome de *Drosscape* (*paisagens de desperdício*) sendo um dos grandes desafios do século XXI relativamente à cidade contemporânea<sup>14</sup>.

Berger tem uma visão muito objetiva das *paisagens de desperdício* que nem sempre se enquadra na perspetiva tida por outros estudiosos. Segundo ele, a expressão *pós-industrial* é bastante utilizada por arquitetos paisagistas, arquitetos e urbanistas sempre que descrevem as *paisagens de desperdício*, sejam elas paisagens industriais abandonadas, ou edifícios devolutos. Berger refere que se deve evitar utilizar esta expressão neste contexto, pois o termo em si cria mais problemas do que propriamente soluções. Segundo ele, esta expressão acaba por definir estes locais como estáticos,

---

<sup>14</sup> BERGER, A. – Drosscapes – Wasting Land in Urban America. In Waldheim C., *The Landscape Urbanism Reader*, 2006, p. 199

como sendo parte do passado, e não como consequência inevitável dos processos industriais que qualquer cidade sofre<sup>15</sup>. Para Berger, o grande potencial destes locais só é reconhecido quando existe a percepção de que efetivamente são um resultado inevitável do crescimento urbano saudável<sup>16</sup>. Berger sugere então que seria estrategicamente útil para compreender o potencial destes locais, se os projetistas evitassem o termo *pós-industrial* quando discutem esta temática<sup>17</sup>.

Essa abordagem positiva continua quando Berger refere que as *paisagens de desperdício* podem também trazer surpresas agradáveis a nível ecológico. Isto porque segundo ele, os ecologistas encontram ambientes muito mais diversificados a nível ecológico em locais contaminados, do que nas paisagens nativas que os cercam. São espaços com uma elevada aptidão para receber novas técnicas de recuperação, onde os arquitetos paisagistas podem intervir de modo inédito, testando novas técnicas, ao mesmo tempo que descontaminam o espaço e o tornam utilizável novamente<sup>18</sup>.

Segundo Berger as *paisagens de desperdício* podem ser divididas em seis categorias, tendo em conta a sua origem<sup>19</sup>. Estas podem ser despoletadas pela rápida urbanização horizontal (expansão urbana) que é cada vez mais sentida na cidade contemporânea, ou através da alteração dos processos económicos e de produção (que levam ao abandono de diversos locais)<sup>20</sup>. Assim sendo, as *paisagens de desperdício* criadas pela rápida urbanização podem ser *paisagens de desperdício de habitação*, *paisagens de desperdício de infraestruturas* ou *paisagens de desperdício de transição*, enquanto que as provenientes dos processos económicos e de produção podem ser *paisagens de desperdício de obsolência*, *paisagens de desperdício de troca* ou *paisagens de desperdício de contaminação*<sup>21</sup>. Esta abordagem é sem dúvida bem mais minuciosa que a de Secchi, já que este apenas as divide em duas categorias.

Este autor relaciona ainda a problemática dos vazios urbanos com a recente teoria intitulada de *Landscape Urbanism*. Esta teoria visa a intervenção localizada, a maior parte das vezes em espaços extremamente degradados, que acaba por resultar em

---

<sup>15</sup> BERGER, A. – *Drosscapes – Wasting Land in Urban America*. In Waldheim C., *The Landscape Urbanism Reader*, 2006, p. 200

<sup>16</sup> BERGER, A. – *Drosscapes – Wasting Land in Urban America*, 2006, p. 36

<sup>17</sup> BERGER, A. – *Drosscapes*. In Waldheim C., *The Landscape Urbanism Reader*, 2006, p. 200

<sup>18</sup> *Idem*, p. 208

<sup>19</sup> BERGER, A. – *Drosscapes – Wasting Land in Urban America*, 2006, p. 14

<sup>20</sup> BERGER, A. – *Drosscapes*. In Waldheim C., *The Landscape Urbanism Reader*, 2006, p. 199

<sup>21</sup> BERGER, A. – *Drosscapes – Wasting Land in Urban America*, 2006, p. 14

melhorias para toda a cidade. Para ele, os arquitetos paisagistas devem deixar de pensar em pequena escala mesmo quando o projeto diz respeito a um pequeno espaço, sendo sempre necessário projetá-lo de modo a que traga benefícios a uma grande escala. Para este autor os vazios urbanos são ótimas oportunidades para implementar este conceito, sendo que acredita que uma intervenção bem efetuada trás benefícios para toda a cidade<sup>22</sup>.

Esta é sem dúvida uma abordagem bastante interessante e muito mais realista. Berger é sem dúvida um dos autores a ter em conta quando se pretende intervir em espaços com estas características, principalmente nos moldes em que se pretende fazer no presente trabalho, pelo modo bastante positivo como os encara, e pelas inúmeras soluções que parece encontrar para eles.

### 3.1.4 IGNASI DE SOLÀ-MORALES

---

O arquiteto, filósofo e crítico espanhol Ignasi de Solà-Morales, é sem dúvida outro dos estudiosos mais emblemáticos quando se fala desta temática. Tal como Berger, Koolhaas ou Geuze, este autor gosta de enfatizar todas as possibilidades que os vazios urbanos podem adquirir, embora ainda assim, encare estes espaços de forma um pouco diferente destes três autores.

Tal como Berger refere na obra *Drosscapes – Wasting Land in Urban America*, Solà-Morales viu um enorme potencial neste tipo de espaços, quando ainda poucos o faziam<sup>23</sup>. Solà-Morales foi por isso, um dos primeiros autores a compreender o verdadeiro valor dos vazios urbanos, ou *Terrain Vague*, como são apelidados por ele.

Para este autor os *Terrain Vague* são locais aparentemente esquecidos, obsoletos, locais externos à atividade das cidades<sup>24</sup>. São ilhas sem atividade dentro da cidade, locais despovoados, inseguros, não-produtivos<sup>25</sup>.

Ao contrário dos outros autores que estudam este tipo de espaços somente pela perspetiva da arquitetura, arquitetura paisagista ou urbanismo, Solà-Morales faz a

---

<sup>22</sup> BERGER, A. – *Drosscapes*. In Waldheim C., *The Landscape Urbanism Reader*, 2006, p. 209

<sup>23</sup> BERGER, A. – *Drosscapes – Wasting Land in Urban America*, 2006, p. 33

<sup>24</sup> SOLÀ-MORALES, I. – *Territórios*, 2002, p.187

<sup>25</sup> *Idem*, p.188

ligação deste tipo de visão, com a tida pelas artes, o que é bastante importante para o trabalho em curso.

Na obra *Territórios* (2002), mais precisamente num capítulo intitulado de *Terrain Vague*, Solà-Morales dá a sua opinião sobre este tipo de espaços, relacionando-os com os diferentes tipos de artes e as suas opiniões, mostrando como estas são importantes para compreender a essência dos *Terrain vague*.

Segundo esta obra, para Solà-Morales a fotografia é uma das artes extremamente importes para conseguir uma experiencia visual da cidade. Segundo ele, as fotografias e fotomontagens relativas às cidades, mostram a acumulação e justaposição de grandes objetos arquitetónicos, o que auxilia a explicar a dinâmica das cidades.

Solà-Morales refere mesmo alguns fotógrafos que segundo ele, expressavam perfeitamente a dinâmica das cidades, tais como Paul Citroen, Man Ray, Georg Grosz ou Henry Cartier-Bresson (alguns analisados mais à frente).

Para este autor, os espaços sem uso, abandonados, que outrora acolheram uma série de acontecimentos, parecem conquistar cada vez mais, não só os fotógrafos urbanos, mas todos os tipos de artistas.

Ainda neste obra Solà-Morales refere que a reação dos mais diversos tipos de artistas é preservar este tipo de espaços alternativos, exteriores à produtividade urbana. Desde fotógrafos, cineastas, músicos, artistas de instalações, pintores, entre outros, todos eles procuram refúgio neste tipo de locais, pela liberdade que estes lhes conferem.

Enquanto arquitetos, arquitetos paisagista e urbanistas preferem uma reabilitação total deste tipo de espaços, onde pouco ou nada da sua essência desorganizada e vazia fica, os artistas preferem que os vazios urbanos fiquem intocáveis, dando-lhes inspiração, e sendo palco para muitas das suas obras.

Como Berger refere em *Drosscapes – Wasting Land in Urban America* (2006), Solà-Morales apesar de concordar que estes espaços possam precisar de intervenção, não pensa como a maioria dos arquitetos ou urbanistas. Segundo Berger, para Solà-Morales é necessário ter em atenção à opinião de todo o tipo artistas. Arquitetos, arquitetos paisagistas ou urbanistas, não devem tentar resolver “os problemas” dos vazios urbanos através de um projeto invasivo. Devem antes lutar para manter as diferenças deste tipo

de espaço, projetando de modo a que estes resistam à continuidade demasiado planeada que existe nas cidades contemporâneas. Devem utilizar as diferenças deste tipo de espaço, para os motivar a criar um projeto que continue a tornar estes espaços diferentes de tudo o resto da cidade, e ao mesmo tempo sendo usufruídos pela população<sup>26</sup>.

Ainda segundo Berger, esta teoria de Solà-Morales não tem tido a devida atenção da parte de arquitetos, arquitetos paisagistas ou urbanistas com visões mais rígidas. Tal fato é de lamentar, pois este modo tão diferente e livre de encarar os vazios urbanos, deveria ser repensado por todos os que intervêm na cidade, de modo a que este tipo de espaços deixe finalmente de ser discriminado passando a ser visto como algo com potencial e utilidade.

### 3.1.5 GILLES CLÉMENT

---

O Arquiteto Paisagista francês Gilles Clément é outro dos autores imprescindíveis de analisar relativamente à temática dos vazios urbanos.

Clément introduziu no panorama da arquitetura paisagista contemporânea um conceito bastante curioso e de grande importância - *Tiers Paysage (Terceira Paisagem)*. Segundo Clément, este conceito diz respeito à soma dos espaços postos de parte pelo Homem que acabam por evoluir sozinhos, ao ritmo da própria natureza<sup>27</sup>.

São vários os tipos de espaços que segundo Clément são considerados como *Terceira Paisagem*, sendo que todos eles em algum momento já foram explorados pelo Homem, mas em determinada altura acabaram por ser abandonados. São exemplo disso: locais urbanos ou rurais, espaços de transição, pântanos, estradas, praias, aterros abandonados, entre outros. A esta lista Clément acrescenta ainda espaços de cariz mais natural, que cada vez mais são esquecidos pelo Homem: locais inacessíveis, picos de montanha, áreas não-cultiváveis, desertos e reservas naturais<sup>28</sup>.

Tendo em conta todas as definições de vazio urbano esmiuçadas até agora é possível afirmar que de facto os vazios urbanos podem ser considerados como uma das *Terceiras Paisagens* de Clément. Tal como uma *Terceira Paisagem*, os vazios urbanos podem igualmente ser definidos como espaços abandonados pelo Homem que acabam por

---

<sup>26</sup> BERGER, A. – *Drosscapes – Wasting Land in Urban America*, 2006, p. 33

<sup>27</sup> CLÉMENT, G. - *Manifeste du Tiers Paysage*, 2004, p.1

<sup>28</sup> CLÉMENT, G. – The Third Landscape. In <http://www.gillesclement.com/art-454-tit-The-Third-Landscape>

evoluir por eles próprios, sem qualquer tipo de intervenção por parte deste levando à sua extrema degradação.

Clément interpreta a *Terceira Paisagem* de um modo extremamente positivo sendo que na sua obra *Manifeste du Tiers Paysage* (2004) é possível ter acesso a uma descrição bastante minuciosa sobre esta temática.

Nesta obra Clément começa por explicar qual a interessante origem deste conceito. Segundo ele, este surgiu a partir de um estudo realizado à paisagem de Vassivière no Limousin coordenada pelo *Centre d'Art et du Paysage de Vassivière* em 2002. Naquele local era possível encontrar dois tipos de paisagem – por um lado uma típica exploração florestal controlada por um engenheiro florestal por outro, uma paisagem maioritariamente composta por pastagens e gado sob a vigilância de um engenheiro agrónomo. Ambas as paisagens estavam estritamente ordenadas pelo Homem de modo a cumprirem as suas funções, sendo que a uma primeira vista a área aparentava resumir-se apenas a estas duas paisagens.

Após uma análise à biodiversidade existente nas duas paisagens percebeu-se que esta estava bastante abaixo do esperado para dois locais com aquelas características, algo que acabou por levar a uma investigação mais profunda. Com esta investigação foi então perceptível a existência de um terceiro tipo de paisagem (daí o nome dado ao conceito) situado nas margens das outras paisagens onde de fato existia uma grande biodiversidade. Eram basicamente locais onde as máquinas não chegavam, bordas de estradas e rios, locais íngremes, com valas e matas de grande densidade, não havia ali qualquer interferência do Homem.

Esta inexistência da interferência humana levou à criação de refúgios ecológicos que Clément considera deveras importantes para a manutenção da vida terrestre. Segundo ele, estes locais são então a *Terceira Paisagem*, cujo carácter natural deve ser mantido.

Apesar de neste caso em particular Clément se referir ao meio rural, é possível encontrar diferentes parecenças com o que se passa no meio urbano contemporâneo. Aqui, a *Terceira Paisagem* acaba por ser o conjunto de todos os espaços que escapam ao controle do Homem – os vazios urbanos. São locais que ganham vida própria, que se desenvolvem ao seu próprio ritmo, criando ambiências deveras interessantes, mas muitas vezes incompreendidas. Em muitos destes espaços é certo que não se verifica

esta biodiversidade referida por Clément, mas o próprio espaço consegue criar situações tão inusitadas e dissemelhantes do verificado na restante da cidade, que só por isso merecem ter a sua essência preservada.

Clément tem ainda outro conceito bastante interessante que descreve o seu modo de intervir na *Terceira Paisagem* em meio urbano. Trata-se do conceito *Le Jardin en mouvement* (*Jardim em movimento*) que segundo Clément se rege pelo princípio: fazer o máximo possível para, e tão pouco quanto possível contra<sup>29</sup>.

Através deste princípio o autor refere qual o papel do arquiteto paisagista no projeto para uma *Terceira Paisagem*. Segundo ele, este não pode nunca alterar a dinâmica do espaço. É necessário interpretar as interações existentes no espaço, tentando que o projeto seja equilibrado, mantendo e/ou aumentando a diversidade biológica, de modo a garantir o futuro do local. Para isso é necessário aumentar a qualidade do substrato (terra, água, ar) e intervir com tão poucos meios quanto possível (uso limitado de máquinas, água, entre outros). Não pode ser o arquiteto paisagista a definir quais as espécies que lá se irão desenvolver, tem de ser o próprio espaço a determiná-lo e deixar que a natureza do local dite as regras. Cabe ao arquiteto paisagista apenas ditar as diretrizes para que isso aconteça. Se existir o aparecimento de espécies num local considerado menos próprio (num caminho por exemplo) cabe ao responsável decidir se elas se irão manter ou não. Quer isto dizer que o espaço estará em constante modificação, sendo que tal não foi decidido numa folha de papel mas pelos responsáveis do espaço que vão acompanhando as suas mudanças<sup>30</sup>.

Este conceito é extremamente interessante pois tal como acontece com Koolhaas, Geuze ou Solà-Morales, o projeto não pode ser estático, tem de dar aso a inúmeras possibilidades, algo que também se verifica na opinião de Clément. A forma como o espaço é utilizado não pode nunca ficar definida num simples papel, é algo que se vai definindo com o tempo, tendo em conta o desenvolvimento deste e necessidades do seu utilizador.

Embora a forma de interpretar este tipo de espaços seja bastante dissemelhante da tida pelos outros autores mencionados, percebe-se a intenção de Clément em permitir que a

---

<sup>29</sup> CLÉMENT, G. – The Garden in Motion. In <http://www.gillesclement.com/art-469-tit-The-Garden-in-Motion>

<sup>30</sup> *Idem*

essência do espaço seja mantida, assegurando que o que os distingue da envolvente não deixe de existir, algo que vai de encontro às diretrizes seguidas no presente trabalho.

Pode-se portanto afirmar que Clément é outro dos autores desta área do conhecimento que acredita que este tipo de espaços deve ser mantido fora do controle excessivo do arquiteto paisagista. Clément leva-nos a crer que o controle deste no espaço nem sempre é positivo, sendo que a falta de controlo não significa que não haja o usufruto do espaço. É possível utilizar um espaço com estas características sem intervir em demasia nele, sendo possível usufruí-lo sem que este veja as suas características alteradas.

### **3.1.6 CONCLUSÕES**

---

É notório a diferença de opiniões nesta área do conhecimento relativamente a esta temática que parece ter amadurecido à medida que o tempo evolui.

Quando os vazios urbanos começam a ser verdadeiramente notados na cidade no início dos anos 80, foram encarados como um grave problema, cuja única solução era serem irradiados através de intervenções massivas. Eram espaços extremamente incompreendidos, que arquitetos, arquitetos paisagista e urbanistas queriam transformados, mas para os quais não eram apresentadas soluções viáveis nem concretas, tal como se verificou com Secchi e Boeri.

Felizmente esta mentalidade foi-se alterando e aos poucos foi-se percebendo que estes espaços não deviam de todo ser encarados como algo negativo, tendo eles as suas virtudes que podem aliás, ser efetivamente frutíferas para a cidade quando aproveitadas do melhor modo.

Surgem então opiniões como a de Koolhaas, Geuze, Solà-Morales ou Clément que para além de compreenderem o valor deste tipo de espaços, propõem que sejam vistos de modo completamente diferente. Surge uma “revolução” na temática dos Vazios Urbanos com a perspetiva destes autores que visa a intervenção mínima, mantendo a essência do espaço, de modo a que cada utilizador se apodere livremente deste. Algo

que foi visto com estranheza por muitos era também algo há muito posto em prática por outros.

Apesar de ter sido feita uma rigorosa pesquisa, não foi possível encontrar nenhum autor desta área do conhecimento a nível nacional que encarasse os vazios urbanos nesta perspetiva. Denotou-se igualmente uma carência de investigação desta temática, principalmente nestes moldes em Portugal. Considera-se portanto que o presente trabalho possa dar aso a novas discussões, levando arquitetos, arquitetos paisagistas e urbanistas nacionais a debater esta temática, esmiuçando-a um pouco mais.

## 3.2 FOTOGRAFIA

---

Como foi anteriormente referido, não é de hoje que os vazios urbanos são apreciados pela fotografia e fotojornalismo. Apesar de ser algo cada vez mais recorrente, desde sempre se percebeu um especial apreço pelos fotógrafos em relação a este tipo de espaços. São inúmeros os exemplos de representações de espaços abandonados e extremamente degradados por este tipo de artistas. Considera-se portanto ser necessária uma especial atenção a esta manifestação artística para compreender como vêm afinal os fotógrafos os vazios urbanos, de modo a ganhar diretrizes de como agir na área em estudo tendo como apoio esta área do conhecimento.

Foram assim distinguidos cinco artistas de diferentes épocas, bastante aclamados do panorama fotográfico, que se considera serem apreciadores de vazios urbanos, pois todos eles em algum momento da sua vida criaram obras em que este tipo de espaços se encontra representados.

### 3.2.1 EUGENE ATGET (1857-1927)

---

Nascido em Libourne, perto de Bordéus em 1857, Eugene Atget é considerado por alguns como um típico fotógrafo comercial, mas analisando melhor a sua obra é visível que não é isso que se verifica<sup>31</sup>.

Apesar de Atget não ter trabalhado de forma progressiva, de não ter utilizado técnicas inovadoras e de não ter fundado nenhum movimento, o seu trabalho é ainda hoje reconhecido pela originalidade que as suas fotos adquiriram<sup>32</sup>.

Como refere John Szarkowski na página de internet dedicado ao autor, Atget criou *um grande catálogo visual dos frutos da cultura francesa da época*<sup>33</sup>.

Analisando atentamente a obra de Atget, é visível a representação de cenas mais requintadas da cultura francesa, tais como montras de lojas repletas de vestuário e perucas caras, ou até mesmo monumentos, jardins e casas imponentes.

---

<sup>31</sup> <http://www.atgetphotography.com/The-Photographers/Eugene-Atget.html>

<sup>32</sup> *Idem*

<sup>33</sup> *Idem e Ibidem*

Por outro lado talvez influenciado pela sua vivência na periferia de Paris, Atget, mostrou outro lado da cultura francesa através da evidência do lado mais misterioso, denso e obscuro de Paris.

É esta representação do lado mais negro desta cidade que faz com que se considere importante referir e analisar a obra de Atget, de modo a compreender o seu fascínio por estes espaços inglórios e desorganizados.

Atget foi sem dúvida um dos primeiros a interessar-se pelos vazios urbanos. Enquanto outros fotógrafos da época se focavam na representação do luxo e vaidade, Atget focou-se na *compreensão e interpretação da tradição antiga e complexa de viver*<sup>34</sup>.

São infindáveis as fotografias do artista que retratam esses locais mais sombrios na periferia de Paris, percebendo-se assim o enorme fascínio que o artista sente por eles. As Figuras 3.1 e 3.2 são exemplos da sua obra, que demonstram na perfeição o deslumbramento de Atget por este tipo de espaços.



**Figura 3.1 e 3.2:** Representações da *Antiga Paris* por Eugène Atget.  
Fonte: <http://www.atgetphotography.com/>

Em ambas as fotografias é visível o modo de vida dos mais desfavorecidos, que acabavam esquecidos em locais improvisados e totalmente desorganizados. Atget capta na perfeição este lado da vida Parisiense, mostrando a obscuridade e total confusão de este tipo de espaços.

Atget representou durante grande parte da sua carreira imagens como estas, que representam segundo ele a *Antiga Paris*<sup>35</sup>. Foi esta representação que o tornou tão

<sup>34</sup> <http://www.atgetphotography.com/The-Photographers/Eugene-Atget.html>

aclamado pela fotografia, pois foi um dos poucos artistas da sua época, a prestar atenção a este tipo de espaços, a encontrar neles uma beleza, merecedora de ser fotografada.

### 3.2.2 MAN RAY (1890-1976)

O fotógrafo, pintor e cineasta Man Ray foi outro dos artistas que demonstrou apreço pelos vazios urbanos. Nascido em Filadélfia em 1890, mas mudando-se para Paris em 1921, é considerado como um dos artistas mais versáteis e criativos do séc. XX<sup>36</sup>.

Man Ray dedicou grande parte da sua carreira a documentar a vida da elite Francesa, tendo também sido atraído para outro tipo de contextos, tais como os vazios urbanos. Este artista lutou sempre contra as restrições demasiado formais das artes visuais, sendo por isso as suas obras consideradas como provocadoras, envolventes, desafiadoras e sobretudo minimalistas<sup>37</sup>.

O objetivo de Man Ray era sem dúvida chocar. Gostava de experimentar, ousar, e criar assim obras totalmente diferentes daquilo que se fazia na altura<sup>38</sup>. Pensa-se por isso que terá partido daí o interesse de Man Ray por fotografar espaços despojados de significado e obscuros. Esse tipo de espaços era o pano de fundo perfeito para uma obra minimalista, envolvente e utilizando ao mesmo tempo, objetos inusitados.

Ao analisar a sua obra saltam à vista alguns exemplos do apreço deste artista por vazios urbanos. Uma das suas obras mais emblemáticas tem precisamente o nome de *Terrain Vague* (Figura 3.3), onde Ray fotografa um espaço estranho, desleixado, ocupado apenas por um tronco de árvore, e um elemento de ferro<sup>39</sup>.



**Figura 3.3:** *Terrain Vague* (1929)  
Fonte: <http://www.manray-photo.com/>

Pensa-se portanto que o apreço que Man Ray sentia por este tipo de espaços, vinha do minimalismo de formas e sentido que é possível encontrar neles. As inúmeras

<sup>35</sup> <http://www.atgetphotography.com/The-Photographers/Eugene-Atget.html>

<sup>36</sup> <http://www.manraytrust.com, 2006/>

<sup>37</sup> <http://www.pbs.org/wnet/americanmasters/episodes/man-ray/prophet-of-the-avant-garde/510/>

<sup>38</sup> *Idem*

<sup>39</sup> CARNEY, P., MILLER, V. – *Vague Spaces*. In A. Jansson, & A. Lagerkvist, *Strange Spaces – Explorations Into Mediated Obscurity*, 2009, p.43

possibilidades criativas que detêm fazem com que seja possível criar obras fascinantes, ousadas e chocantes, algo que Ray apreciava verdadeiramente.

### 3.2.3 HENRI CARTIER-BRESSON (1908-2004)

---

Henri Cartier-Bresson é considerado como um dos artistas mais amados, originais e criativos da história da fotografia<sup>40</sup>. Também Cartier-Bresson mostrou de algum modo fascínio pelos vazios urbanos, sendo estes apresentados em algumas das suas obras mais emblemáticas.



**Figura 3.4:** *After the War, End of an Era* (1945)  
Fonte: <http://www.moma.org/>

Este fotógrafo representava maioritariamente cenários de guerra e pós guerra (Figura 3.4)<sup>41</sup>. O seu objetivo era aceitar e demonstrar o erro e a imperfeição humana, algo que normalmente não era feito. A fotografia era vista por ele como uma forma de liberdade, um modo de apresentar o mundo tal como realmente era, não confundindo o público, que normalmente tinha acesso a imagens que demonstravam uma realidade fantasiosa<sup>42</sup>. Pensa-se ser exatamente por isso, que Cartier-Bresson sentia um fascínio pelos vazios urbanos. Através da sua representação podia mostrar as falhas humanas, que levavam ao abandono deste tipo de espaços, mostrando a realidade e não apenas locais embelezados e estritamente organizados. Tal como o próprio dizia: *A anarquia é uma estética*<sup>43</sup>.



**Figura 3.5:** *Derriere la Gare Saint-Lazare* (1932)  
Fonte: <http://www.atgetphotography.com/>

Uma das suas obras mais reconhecidas *Derriere la Gare Saint-Lazare* de 1932 (Figura 3.5) é justamente um ótimo exemplo do seu apreço por este tipo de espaços.

---

<sup>40</sup> <http://www.moma.org/visit/calendar/exhibitions/968>

<sup>41</sup> *Idem*

<sup>42</sup> CARTIER-BRESSON, H. – *O imaginário segundo a Natureza*, 2004, p.9

<sup>43</sup> *Idem*, p.12

Nesta obra é possível perceber um espaço desorganizado, aparentemente sem uso, com alguns objetos dispersos na sua extensão, com um cartaz em decomposição ao fundo. É uma obra envolvente, misteriosa e demonstrativa da realidade vivida na altura em Paris. O facto de ser uma das suas obras mais reconhecidas e aclamadas só demonstra como este tipo de espaço, pode ser bem recebido pelo público em geral, bem como fazer parte de qualquer tipo de intervenção artística.

### 3.2.4 MARTHA COOPER (1940-actualidade)

Referindo artistas um pouco mais atuais, pode-se mencionar Martha Cooper, uma fotojornalista americana (ainda no ativo) conhecida exatamente por captar locais degradados e sem uso aparente, no seio das grandes cidades americanas, tal como Nova Iorque<sup>44</sup>.

Depois de analisada a sua obra, o mais interessante é perceber que locais como estes, vistos por uns como manchas negras indesejáveis no seio das cidades, são encarados de modo completamente diferente por outros tantos.

Cooper consegue captar um mundo completamente diferente associado a este tipo de espaços, que muitos desconhecem.

Tal como Cooper captou nas Figuras 3.6, 3.7 e 3.8, estes locais que supostamente nada teriam de fascinante, são considerados como espaços de divertimento e fantasia para os mais desfavorecidos. É fascinante ver a infinidade de possibilidades que estes espaços detêm, e como Cooper tão bem os reflete nas suas obras.

Martha Cooper foi sem dúvida uma das artistas ligadas à fotografia que se considerou mais importante de analisar. Através das suas obras foi possível compreender que existem inúmeras possibilidades para os vazios urbanos, e que a sua maioria não se



**Figura 3.6, 3.7 e 3.8:** Representação do usufruto de vazios urbanos por crianças  
Fonte: <http://98bowery.com/>

<sup>44</sup> <http://i-art-joburg.com/martha-cooper/>

encontra tão vazio de sentido e uso como se imagina. Tal facto é bastante importante para o trabalho em curso, pois só colmata a teoria de que os vazios urbanos para serem úteis à sociedade, não necessitando de projetos extremamente invasivos e rigorosos em usos e funções.

### 3.2.5 STAN DOUGLAS (1960-atualidade)

Stan Douglas um versátil artista canadiano contemporâneo, é outro dos que parece sentir fascínio pelos vazios urbanos. Trabalhando maioritariamente no Canadá, mas também nos Estados Unidos da América e Europa, Douglas fotografava principalmente em contextos citadinos. As suas obras mostravam por isso, grandes aglomerados de pessoas, cenas do quotidiano das cidades e ainda espaços desorganizados e abandonados no seio destas<sup>45</sup>.

Tal como Hal Foster descreve na sua obra *Design and Crime (and other Diatribes)* (2002), Douglas interessa-se maioritariamente por utopias falhadas e tecnologias obsoletas, pela possibilidade da criação de novos usos a partir de formas envelhecidas<sup>46</sup>. Pensa-se ser exatamente por isso que Douglas tenha interesse em vazios urbanos e os integre nas suas obras. Os



**Figura 3.9:** Michigan Central Station (1998)  
Fonte: <http://www.kadist.org/>

vazios representam assim, as *formas envelhecidas* de que Foster fala, e que segundo ele podem dar aso a novos usos, tal como a fotografia. Dois exemplos que demonstram perfeitamente o apreço de Douglas por espaços degradados e sem vida são *Michigan Central Station* de 1998



**Figura 3.10:** Les Grands Moulins de Pantin (2006)  
fonte: <http://www.artnet.fr/>

(Figura 3.9) e *Les Grands Moulins de Pantin* de 2006 (figura 3.10).

<sup>45</sup> <http://www.davidzwirner.com/artists/stan-douglas/biography/>

<sup>46</sup> FOSTER, H. – *Design and Crime (and other diatribes)*, 2002, p.139

Em ambas as obras é visível um cenário de degradação e despojamento. São espaços sem vida, mas que segundo a teoria de Douglas serão espaços perfeitos para dar vida a novos usos e voltarem mais uma vez a ser úteis para a sociedade.

Pode-se portanto afirmar que Stan Douglas, tal como os outros artistas estudados anteriormente, acredita neste tipo de espaço e no seu potencial, integrando-os nas suas obras, mostrando como ainda podem vir a ser úteis.

### 3.2.6 TODD HIDO (1968-actualidade)

Finalmente tem-se o fotógrafo americano contemporâneo Todd Hido, outro dos apaixonados por vazios urbanos. O seu trabalho recai fundamentalmente em paisagens suburbanas depois do anoitecer, onde Hido capta *a solidão e isolamento destes locais*<sup>47</sup>, tal como refere Tom E. Hinson.

Depois de uma análise a grande parte da sua obra é imediatamente perceptível o interesse deste artista por este tipo de espaços. Todas as suas fotografias captam locais sombrios, vazios de vida e sentido, mas que por isso mesmo se tornam atrativos para ele. A verdade é que locais que supostamente não teriam interesse algum pelas suas características negativas, captaram não só a atenção de Hido, mas de vários críticos que acabaram por reconhecer o valor das suas obras, premiando-as variadíssimas vezes.

Dois exemplos de obras de Todd onde precisamente se pode confirmar o seu



**Figura 3.11:** 1726 (2004) Fonte: <http://www.toddhido.com/>



**Figura 3.12:** 3179 (2004) Fonte: <http://www.toddhido.com/>

apreço por vazios urbanos são 1726, de 2004 (Figura 3.11) e 3179 de 2004 (Figura 3.12). Em ambas é possível ver dois locais já depois do entardecer, completamente vazios, deixados ao abandono, onde nada se passa.

<sup>47</sup> HINSON, T., *conservador de fotografia do Museu de Arte de Cleveland*

Tal como Hido referiu numa entrevista dada à página de internet *Ahorn magazine* - *eu não sou do tipo de fotógrafo que tenta criar algo novo a partir de uma ideia preconcebida, pelo menos não com paisagens ou edifícios*<sup>48</sup>. Quer isto dizer que Hido fotografa a realidade, aquilo que os seus olhos vêem, sem tentar criar cenas embelezadas, que na verdade não existem. Daí o seu fascínio por vazios urbanos, já que estes espaços demonstram na perfeição exatamente aquilo que se passa nas cidades e seus subúrbios. São locais perfeitamente normais de encontrar no seio das cidades contemporâneas (e que por isso mesmo devem ser aceites), que devem ser encarados de forma positiva.

### 3.2.7 CONCLUSÕES

---

Depois da análise da obra destes seis artistas é finalmente possível tirar algumas conclusões de como vê afinal a fotografia, os vazios urbanos.

Algo que se percebeu existir em comum em todos eles é o motivo que os leva a apreciarem este tipo de espaços. Todos eles, procuram demonstrar a realidade vivida nas respetivas épocas, e nada melhor para retratar a realidade do que através dos vazios urbanos. Enquanto uma grande percentagem dos fotógrafos encena situações que na verdade não existem, todos estes artistas, preferem demonstrar o que realmente acontece nas cidades, abrir os olhos ao seu público. Daí surgir um sem fim de obras onde aparecem espaços extremamente degradados, obscuros e sem uso, que a população tenta esquecer que existem. Mas todos estes fotógrafos conseguem mostrar que estes espaços merecem atenção, podem ser utilizados, e não devem de todo ser discriminados por quem passa por eles todos os dias. Um grande exemplo disso é Martha Cooper, que mostra nas suas obras como espaços que aparentemente estão imóveis e sem uso possível, podem ser aproveitados das mais infundáveis maneiras. Com um pouco de criatividade e mente aberta os vazios urbanos podem novamente voltar a ser espaços úteis, sem que para isso seja necessário inculcar-lhes mudanças vertiginosas.

É na permanência destes espaços tal qual como estão, mantendo-os como fonte de inspiração que os fotógrafos acreditam. Não consideram valer a pena esconder uma

---

<sup>48</sup> HIDO, T., [http://www.ahornmagazine.com/issue\\_6/interview\\_hido/interview\\_hido.html](http://www.ahornmagazine.com/issue_6/interview_hido/interview_hido.html), 2011

realidade que existe, acreditando ser necessário trabalhá-la para que não caia no esquecimento.

Este é precisamente um dos ensinamentos que se pretende utilizar de modo a incrementar a intervenção paisagística no vazio urbano onde se propôs intervir.

Para isso, é necessário compreender-se de que modo outros tipos de arte vêm os vazios urbanos, e de que modo essa opinião tem parecenças ou dissemelhanças com a componente artística que se acabou de analisar.

### 3.3 CINEMA

---

Sendo que a expressão francesa *Terrain Vague* parece ter surgido pela primeira vez precisamente no cinema em 1960<sup>49</sup>, considera-se fundamental analisar as suas raízes de modo a perceber como são vistos afinal estes espaços pelos cineastas. Assim sendo, considera-se relevante analisar alguns cineastas/realizadores, que em algum momento das suas carreiras integraram esse tipo de espaços nas suas obras, de modo a compreender de que modo surgiu o seu apreço pelos vazios urbanos.

De um leque extenso de realizadores que já se debruçaram nesta temática foram escolhidos sete, que se pensa abranger diferentes épocas e estilos cinematográficos, de modo a tornar a análise mais abrangente e frutífera.

#### 3.3.1 MARCEL CARNÉ (1906-1996)

---

O realizador francês Marcel Carné é o responsável pelo filme *Terrain Vague* (1960), sendo por isso, o mais provável responsável pelo surgimento da expressão que Solà-Morales usou para definir os vazios urbanos anos depois.

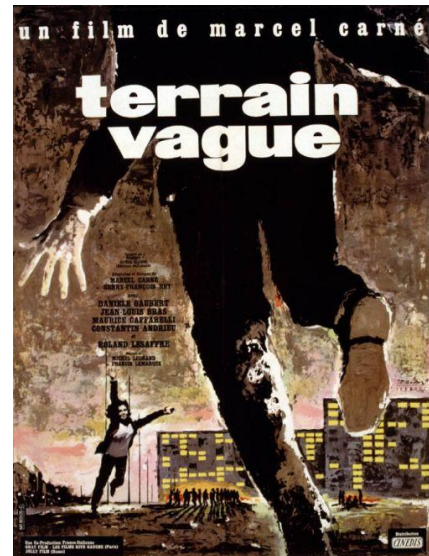
Marcel Carné era apreciador do estilo cinematográfico intitulado de *film noir*, sendo que grande parte das suas obras tem características que se encaixam neste estilo. Apesar de ser difícil descrever a expressão *film noir*, pode-se dizer que esta diz respeito a um estilo com forte ênfase na autenticidade, pelo qual se opta por retratar a vida comum da sociedade, normalmente em cenários urbanos, usando muitas vezes cenários sombrios e com pouca luz<sup>50</sup>.

---

<sup>49</sup> BERGER, A. – *Drosscapes – Wasting Land in Urban America*, 2006, p. 33

<sup>50</sup> <http://www.marcelcarne.com/bio.htm>

Esta apreciação por parte de Carné para com o *film noir* é uma das explicações mais coerentes para o seu apreço por vazios urbanos. Sendo estes espaços autênticos, estando no seio da cidade, sendo espaços normalmente sombrios e com pouca luz, são locais perfeitos para filmar obras representativas deste estilo cinematográfico. Antes mesmo do filme *Terrain Vague*, existem várias obras do período mais brilhante da carreira deste autor, que incluem espaços com estas características. Por exemplo na obra *Jenny* (1936), é visível um cenário urbano escuro e sombrio durante toda a trama, o que denota o apreço que este artista sempre sentiu por este tipo de espaços. Mas é só em *Terrain Vague* que realmente um vazio urbano tem um papel principal, sendo o pano de fundo de toda a trama.



**Figura 3.13:** Poster do filme *Terrain Vague* (1960)

Fonte: <http://www.marcel-carne.com/>

Em *Terrain Vague* (Figura 3.13) Carné faz um estudo à delinquência juvenil, mostrando a vida de um grupo de jovens numa área industrial abandonada na cidade de Paris<sup>51</sup>.

Praticamente todo o filme é passado neste local, onde o grupo de jovens busca os “tesouros” ali existentes, compartilha os seus segredos, enquanto explora e usufrui do local ao máximo. Pelo meio existe ainda uma história de amor entre dois jovens, que só consolida o facto de tudo ser possível nesse tipo de espaços (Figura 3.14).



**Figura 3.14:** Cena de *Terrain Vague* (1960)

Fonte: <http://www.cinematheque.fr/>

Em *Terrain Vague* é feito um paradigma entre a cidade extremamente lotada e rígida em usos e funções e este espaço que apela à liberdade e criatividade levada ao limite. O vazio urbano aqui utilizado como pano de fundo, aparece como uma lufada de ar fresco

<sup>51</sup> <http://www.marcel-carne.com/les-films-de-marcel-carne/1960-terrain-vague/fiche-technique-synopsis-revue-de-presse/>

que sobressai da rigidez vivida em Paris, o que faz como que este grupo de jovens se aproprie dele para conquistar a felicidade que ambicionam.

Esta obra de Carné é, por isso mesmo, um excelente exemplo de como os vazios urbanos podem ser encarados como espaços dados à liberdade, criatividade e de espírito livre. São locais que podem ser vividos intensamente, bastante apreciados pela população sem que haja a típica rígida organização vivida na restante cidade.

Carné é sem dúvida um artista importante a apontar relativamente a esta temática, não só por ter introduzido a expressão *Terrain Vague*, mas pela visão tão aberta que demonstra relativamente aos vazios urbanos, sendo precisamente isso que se procura nesta componente artística.

### 3.3.2 LUIS BUÑUEL (1900-1983)

Sendo considerado como um dos mais criativos e produtivos realizadores de todos os tempos, o espanhol Luis Buñuel sentia igualmente um certo fascínio por vazios urbanos, utilizando-os nas suas obras<sup>52</sup>.

Este realizador surrealista gostava de representar os antagonismos da sociedade. Não só representava o estilo de vida exuberante da sociedade espanhola, como também representava a doença e a pobreza, que eram presenciadas naquele país nos anos 20 e 30<sup>53</sup>. O seu documentário *Las Hurdes* (1932) é um claro exemplo, em que este antagonismo da sociedade espanhola é apresentado, em que claramente são utilizados espaços bastante degradados



**Figura 3.15:** Cena de *Las Hurdes* (1932) passada num espaço degradado  
Fonte: <http://whitelamb526.blogspot.pt/>

(Figura 3.15) que mostram precisamente o outro lado da vida exuberante da época.

Para além das suas obras cinematográficas, Buñuel expressa ainda a sua opinião sobre os subúrbios das cidades espanholas (espaços segundo ele sombrios e abandonados, dos quais ninguém parecia ter interesse) nos seus conhecidos textos. A sua opinião está

<sup>52</sup> <http://www.luisbunuel.com/bio.html>

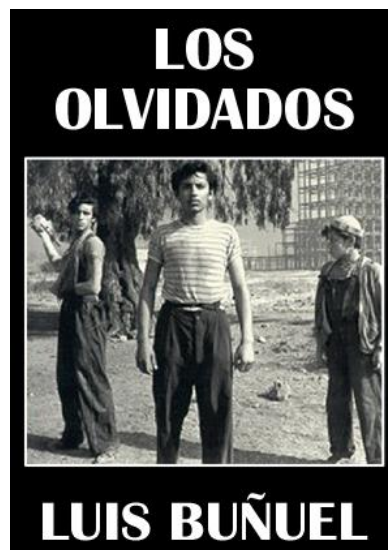
<sup>53</sup> *Idem*

expressa precisamente na obra *An Unspeakable Betrayal – Selected Writings of Luis Buñuel* (1995), no capítulo intitulado *Suburbs: Motifs*. Aqui o objetivo de Buñuel é dar a conhecer este outro lado da sociedade espanhola, a realidade vivida na época, que não deve de todo ser ignorada.

Buñuel faz uma comparação bastante interessante nesta obra, dizendo que estes espaços são como o sótão de uma casa. Tal como numa casa há a tendência a acumular tudo o que não é necessário, objetos desgastados e já sem uso nos sótãos, na cidade estes espaços acabam por ter a mesma função. São espaços onde existe a acumulação de vivências passadas, e objetos já sem validade, onde ninguém está interessado em ir<sup>54</sup>.

Para ele os vazios urbanos tanto têm de negativo como de inspirador. Por mais que ele os descreva com espaços hostis, negros, tristes ou vazios, Buñuel acredita que são um escape da monotonia vivida nas cidades<sup>55</sup>. Segundo ele a inutilidade destes espaços é uma terrível maldição para a cidade, sendo por isso necessário dar-lhes vida, dar-lhes a projeção que merecem<sup>56</sup>. É por isso mesmo que este tipo de espaços acaba por servir como pano de fundo para algumas das suas obras, sendo o modo que Buñuel encontrou de lhes dar valor e fazer com o que o seu público sinta interesse por eles.

Na obra *Los Olvidados* de 1950 (Figura 3.16) Buñuel aborda tal como Carné, a delinquência juvenil, embora desta vez o enredo se passe no México. Aqui são retratados os subúrbios degradados de uma grande cidade, aliados aos problemas típicos da adolescência vividos por um grupo de jovens<sup>57</sup>.



**Figura 3.16:** Poster do filme *Los Olvidados* (1950)

Fonte: <http://europeanmovies.org/>

<sup>54</sup> BUÑUEL, L. – Suburbs: Motifs. In Buñuel L., *An Unspeakable Betrayal – Selected Writings of Luis Buñuel*, 1995, p.9

<sup>55</sup> *Idem*, p.9

<sup>56</sup> *Idem e Ibidem*, p.10

<sup>57</sup> AUSTERLITZ, S., [http://sensesofcinema.com/2003/cteq/los\\_olvidados/](http://sensesofcinema.com/2003/cteq/los_olvidados/), 2005

Tal como o narrador explicar no trailer do filme, em *Los Olvidados* não está presente a fantasia, não se trata de uma cena de ficção, mas sim uma realidade desconhecida por muitos, baseada precisamente numa história verdadeira (Figura 3.17).



*Los Olvidados* foi uma das obras mais aclamadas de Buñuel, tendo atingido um sucesso estrondoso. O público teve finalmente acesso a uma realidade desconhecida, percebendo o que verdadeiramente se passa nesse tipo de espaços e que não deve ser ignorado (Figura 3.17).

**Figura 3.17:** Cena de *Los Olvidados* passada num vazio urbano

Fonte: <http://www.claqueta.es/>

Tendo em conta a análise da obra desta artista pensa-se que, tal como se verificou na fotografia, o grande motivo do apreço de Buñuel pelos vazios urbanos está relacionado com o facto de através destes, poder evidenciar a realidade vivida nas cidades, sem criar ilusões, tal como fazia a maior parte dos artistas da época. Estes espaços por mais sombrios que possam ser, são uma parte adquirida das cidades e devem ser aceites como tal.

Tendo em conta a análise da obra desta artista pensa-se que, tal como se verificou na fotografia, o grande motivo do apreço de Buñuel pelos vazios urbanos está relacionado com o facto de através destes, poder evidenciar a realidade vivida nas cidades, sem criar ilusões, tal como fazia a maior parte dos artistas da época. Estes espaços por mais sombrios que possam ser, são uma parte adquirida das cidades e devem ser aceites como tal.

### 3.3.3 ANDREI TARKOVSKY (1932-1986)

O realizador russo Andrei Tarkovsky é considerado por muitos como um dos grandes realizadores do século XX. Para ele o cinema não tinha regras ou leis, considerava que tudo era possível e era isso que o entusiasmava mais nesta arte<sup>58</sup>.

O modo como Tarkovsky encarava o cinema é bastante interessante, dando-nos algumas diretrizes que tornam possível compreender porque era este realizador fascinado pelos vazios urbanos.

Para este realizador o cinema não podia de modo algum ser artificial. O cinema deve ser verdadeiro, representar somente a realidade, pois segundo Tarkovsky, só assim é possível existir uma ligação entre o realizador e o seu público<sup>59</sup>. Pensa-se ser por isso

<sup>58</sup> BIELAWSKI, J. & TRONDSSEN, S.,

<http://people.ucalgary.ca/~tstronds/nostalghia.com/TheTopics/interview.html>, 2001

<sup>59</sup> [http://people.ucalgary.ca/~tstronds/nostalghia.com/TheTopics/interview.html#On\\_Stalker](http://people.ucalgary.ca/~tstronds/nostalghia.com/TheTopics/interview.html#On_Stalker)

mesmo que tenha surgido o gosto deste realizador pelos vazios urbanos, tendo ele integrando estes espaços nos seus filmes.

Tal como a maioria dos artistas já estudados, também Tarkovsky parece reconhecer que através de espaços em desuso, degradados e sem vida, é possível mostrar uma realidade desconhecida de muitos, dando-lhe vida nem que seja por momentos. Um dos exemplos onde é possível verificar a utilização deste tipo de espaços nos seus filmes é *Stalker* de 1979 (Figura 3.18). Nesta longa-metragem o enredo alienígena é passado



**Figura 3.18:** Cena de *Stalker* (1979) passada num espaço extremamente degradado.

Fonte: <http://www.electricsheepmagazine.co.uk/>

fundamentalmente em fábricas químicas abandonadas na Estónia, bem como outros locais igualmente degradados no mesmo país<sup>60</sup>. São variadíssimas as cenas que mostram estes locais completamente abandonados e sem vida, que são parte da sociedade contemporânea e que são aqui expostos por Tarkovsky. Este filme foi bastante aclamado pelo público o que demonstra que este tipo de espaços pode ser afinal bem recebido pela população.

Através da representação deste tipo de espaços Tarkovsky consegue assim ser verdadeiro para com o seu público. Consegue mostrar a realidade vivida nas cidades, que obviamente inclui espaços menos cuidados que são rejeitados pela população. É o seu modo de não tornar as suas obras artificiais, utilizando espaços que realmente existem, frutos da dinâmica da cidade como pano de fundo das suas magníficas tramas.

### 3.3.4 PAUL VERHOEVEN (1938-atualidade)

O realizador holandês Paul Verhoeven é outra personalidade do cinema que se considera importante analisar relativamente a esta temática.

Verhoeven é conhecido pelos seus filmes de drama e ficção científica, tendo realizado alguns dos filmes mais importantes da história do seu país. Tendo nascido num

<sup>60</sup> <http://weburbanist.com/2008/04/03/5-infamous-abandonments-used-in-famous-films-deserted-buildings-from-cult-classics-of-cinema/>

ambiente de grande hostilidade (Segunda Guerra Mundial e consequente invasão nazi da Holanda) Verhoeven aprendeu a relacionar-se e a apreciar a desordem e o estado de calamidade vivido na época. Assim sendo o artista criou um estranho apreço por sangue e pela guerra, sendo que grande parte das suas obras foram inspiradas nesses factos<sup>61</sup>.

Sendo que os vazios urbanos são normalmente associados a desordem e calamidade, pensa-se que o artista aprecie este tipo de espaços, precisamente pelo ambiente inquietante onde esteve inserido durante toda a sua infância. Estes espaços acabavam por representar para ele locais de aventura, pois todas as suas brincadeiras eram feitas a paredes-meias com aviões destruídos, corpos putrefactos, bem como todo um cenário de adversidade<sup>62</sup>.

Um dos filmes onde melhor se percebe o apreço de Verhoeven pelos vazios urbanos (Figura 3.19), é um dos seus maiores sucessos, o filme *Robocop* de 1987. Neste filme, o pano de fundo são edifícios abandonados e extremamente degradados, que representam a antiga Detroit (*Old Detroit*), a qual se tentará substituir por uma nova cidade, a cidade Delta<sup>63</sup>.



**Figura 3.19:** Cenário de *Robocop* (1987)  
Fonte: <http://soundofcannons.blogspot.com/>

Estes espaços podem nesta obra ser encarados como um local de aventura, pois todo o enredo contagiante desta história se passa em seu redor. Não são propriamente encarados como algo de terrível mas sim como um pano de fundo inusitado que dá asas a toda a aventura passada na trama.

Pode-se portanto dizer que o fascínio de Verhoeven pelos vazios urbanos relaciona-se com a oportunidade de aventura que estes proporcionam. Estes espaços podem dar aso às mais diferentes tramas, sendo possível dar-lhes o carácter que se entender. São verdadeiras oportunidades para deixar a imaginação voar.

---

<sup>61</sup> SHAW, D., <http://sensesofcinema.com/2003/great-directors/verhoeven/#bibl>

<sup>62</sup> *Idem*

<sup>63</sup> <http://www.imdb.com/title/tt0093870/>

### 3.3.5 TERRY GILLIAM (1940- atualidade)

---

O único membro americano dos Monty Python, Terry Gilliam, sempre passou mais tempo atrás das câmaras do que efetivamente à frente destas<sup>64</sup>. Embora os Monty Python sejam conhecidos pelo seu humor negro, Terry Gilliam é facilmente associado a obras inovadoras e futuristas<sup>65</sup>.

Terry Gilliam sempre defendeu a fantasia, a magia e a imaginação levada ao extremo aplicada ao cinema. Criou mesmo uma expressão, na qual se baseia para grande parte das suas obras, o *magic realism* (*realismo mágico*). Segundo ele, é um modo de expandir o modo como encaramos o Mundo, já que existem infinitas possibilidades de o encarar<sup>66</sup>.

Tendo em conta este deslumbramento de Gilliam pela fantasia e magia aplicadas ao cinema, considera-se ser precisamente por isso que este artista sinta interesse pelos vazios urbanos.

Os vazios urbanos permitem justamente que a imaginação dos seus utilizadores voe. É possível criar um cenário de fantasia e magia pelas inúmeras utilizações que se podem dar a espaços com estas características. Considera-se ser precisamente por isto que Gilliam utilizou uma central elétrica abandonada e outros locais igualmente degradados (Figura 3.20), como pano de fundo para o reconhecido filme *12 Monkeys* (1995). Através das características deste tipo de espaços, o artista conseguiu criar uma trama futurista ditada pela fantasia, onde um prisioneiro do futuro regressa ao tempo atual para salvar o mundo de um terrível vírus<sup>67</sup>.



**Figura 3.20:** Locais degradados usados como cenários em *12 Monkeys* (1995)

Fonte: <http://www.en-derin.com/>

---

<sup>64</sup> <http://www.terrygilliam.com/bio.html>

<sup>65</sup> GILLIAM, T., CHRISTIE, I. – *Gilliam on Gilliam*, 1999, p. vii

<sup>66</sup> GILLIAM, T., [http://www.believmag.com/issues/200303/?read=interview\\_gilliam](http://www.believmag.com/issues/200303/?read=interview_gilliam), 2003

<sup>67</sup> *Idem*

Como a utilização de vazios urbanos Gilliam conseguiu criar uma história irreal e futurista, com a utilização de um espaço bem real da sociedade contemporânea. Mostrou assim as inúmeras oportunidades que estes espaços oferecem, dando-lhes valor, de modo a que o seu público os comece a valorizar e a vê-los com outros olhos.

### 3.3.6 MELODY GILBERT

Melody Gilbert é uma conceituada e galardoada documentarista contemporânea americana<sup>68</sup>. Esta artista trabalha fundamentalmente sozinha, focando grande parte da sua carreira num mundo oculto, com o qual cria grande intimidade<sup>69</sup>. O canal *The Documentary* chegou mesmo a apelidá-la como *uma das cineastas mais destemidas no cinema documental contemporâneo*<sup>70</sup>.

Um dos mundos ocultos onde Gilbert se tem focado durante a sua carreira (e que parece passar despercebido à maioria das pessoas) são precisamente os espaços extremamente degradados e sem uso no seio das mais diversas cidades.

De todos os cineastas analisados até agora, Gilbert é aquela que melhor explora este tipo de espaços, expondo-os ao público tal qual como são, sem a criação de um enredo que na verdade não existe (como acontece na maioria dos outros realizadores estudados).

Um dos seus mais conceituados documentários – *Urban Explorers: Into the Darkness* (2007) retrata justamente a experiência de destemidos exploradores que desvendam locais extremamente degradados (Figura 3.21) em Paris, onde buscam *tesouros invisíveis à civilização moderna*<sup>71</sup>.



Neste documentário é possível visualizar um universo totalmente desconhecido e completamente

**Figura 3.21:** Um dos locais de filmagem de *Urban Explorers* (2007)  
Fonte:  
<http://www.urbanexplorersfilm.com/pressimages.htm>

<sup>68</sup> <http://www.frozenfeetfilms.com/about.php>

<sup>69</sup> <http://www.frozenfeetfilms.com/FFF-MelodyBio.pdf>

<sup>70</sup> <http://www.frozenfeetfilms.com/about.php>

<sup>71</sup> [http://www.urbanexplorersfilm.com/about\\_urban\\_explorers.htm](http://www.urbanexplorersfilm.com/about_urban_explorers.htm)

eletrizante. Trata-se de uma obra repleta de cenas obscuras, até mesmo assustadoras, que acaba por prender o público ao ecrã de tal modo, que existe sempre a necessidade de perceber o que este grupo irá encontrar na cena seguinte. O mais interessante são talvez os já referidos tesouros que os exploradores procuram. São encontrados inúmeros objetos do passado, que conseguem contar a história do espaço, a história de toda uma época à qual pertenciam. Estes exploradores mostram igualmente que nestes espaços é possível captar imagens lindíssimas, que dão aso a obras fotográficas maravilhosas.

Em determinados momentos deste documentário, o grupo de exploradores vai dando a sua opinião relativamente a esta experiência, sendo esta unânime. Estes espaços representam aventura, a excitação de descobrir um mundo que foi esquecido por nós, e que tem assim uma oportunidade de ser conhecido.

Melody Gilbert é por tudo isto uma artista que merece toda a atenção relativamente a esta temática. Gilbert apresenta como ninguém este mundo, mostrando-nos a sua verdadeira essência e todas as oportunidades que representa.

### 3.3.7 SPIKE JONZE (1969-actualidade)

---

O conhecido realizador, produtor e diretor criativo americano Spike Jonze é outro dos artistas que parece sentir um grande apressamento por vazios urbanos.

Jonze tem dedicado grande parte da sua carreira a realizar anúncios de tv, videoclips para artistas famosos (Beastie Boys, Fatboy Slim, Kanye West, Bjork, R.E.M, entre outros), tendo ainda realizado alguns filmes que obtiveram enorme sucesso, tais como *Queres ser John Malkovich?* (1999), *O sítio das Coisas Selvagens* (2009) ou *Jackass 3D* (2010)<sup>72</sup>.

Em grande parte das suas obras, principalmente videoclips, Jonze utiliza espaços degradados e desocupados para representar cenas em que as personagens têm liberdade total, usando e abusando do pano de fundo em questão. Pode-se por exemplo referir o videoclip *Otis* (2011) de Kanye West e Jay Z, *Flashing Lights* (2008) de Kanye West, ou o conhecido filme *Jackass 3D* (2010), onde os protagonistas usam este tipo de

---

<sup>72</sup> <http://www.imdb.com/name/nm0005069/bio>

espaços para conduzir perigosamente carros, ou ainda para desafiar o perigo em cenas arrojadas e totalmente inusitadas e cheias de criatividade (Figura 3.22).



**Figura 2.22:** Cena passada num vazio urbano de *Jackass 3D*  
Fonte: Spike Jonze, youtube

A curta-metragem *The Scenes from the Suburbs* de 2011, baseada no álbum *The Suburbs* da banda canadense Arcade Fire (analisados posteriormente) é o maior dos exemplos que se pode dar, quando se fala no apreço deste artista por vazios urbanos. Aqui Jonze relata a vida de um grupo de jovens nos subúrbios de uma grande cidade, e toda a liberdade que estes têm principalmente quando recorrem a este tipo de espaços para as suas brincadeiras.

Em todas as obras onde Jonze utiliza os vazios urbanos como pano de fundo o objetivo parece ser o mesmo: mostrar a infinidade de hipóteses de utilização que estes emanam, bem como a liberdade que estes oferecem. Jonze não os vê por isso, como espaços negativos, que não servem para absolutamente nada, como a maioria os encara. Jonze, tal todos os outros artistas estudados até aqui, acredita no valor destes espaços, sendo por isso mesmo, que os utiliza em grande parte das suas magníficas obras.

### 3.3.8 CONCLUSÕES

---

Tal como aconteceu na fotografia, o cinema parece apreciar os vazios urbanos pelo facto destes representarem na perfeição a realidade contemporânea das cidades. Para além disso, existe outro grande motivo, que aliás foi unânime em todos os cineastas analisados - através deste tipo de espaços é possível ter acesso a uma criatividade sem limites.

No cinema é necessário inovar. São inúmeras as obras onde se vê a presença de fantasia e magia - a criatividade de um realizador não tem limites. Através dos vazios urbanos os cineastas parecem encontrar inspiração para fazer qualquer coisa, talvez por serem espaços vazios e sem uso, ou talvez mesmo pela ambiência perturbadora e obscura que proporcionam, tornam-se espaços perfeitos para os mais variadíssimos enredos. São por isso mesmo, muitas vezes utilizados por diversos realizadores, que vêm ali a possibilidade de utilizar um espaço que realmente existe, ao invés de cenários pré-fabricados, que não trariam a mesma sensação de veracidade à história. Deste modo dão uso a estes espaços, provando como não têm de ficar necessariamente ao abandono, podendo ser utilizados para tudo aquilo que a imaginação ditar.

Esta investigação foi sem dúvida proveitosa, pois permitiu perceber que o cinema é mais uma vertente artística que acredita nas capacidades dos vazios urbanos por si só. É possível retirar desta análise diversos ensinamentos que serão certamente proveitosos para a delimitação da estratégia de intervenção no vazio urbano em questão, nunca descurando claro que esta será feita no âmbito da arquitetura paisagista.

### 3.4 OUTRAS MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS

---

Para além da fotografia e do cinema (que numa primeira análise pareceriam ser as vertentes artísticas mais ligadas aos vazios urbanos), existem outros tipos de arte que igualmente se sentem atraídos por esta temática.

Assim sendo, considera-se importante analisar outras manifestações artísticas, de modo a ser concebido um parecer o mais coeso e completo quanto possível sobre a temática.

Seguidamente serão então apresentados artistas de diferentes vertentes artísticas que se consideram importantes para a consolidação do parecer sobre esta temática.

#### 3.4.1 BEN VAUTIER (1935 – atualidade)

---

Ben Vautier é considerado como um dos artistas franceses contemporâneos mais aclamados. Este artista de instalações foca todo o seu trabalho em integrar cenas da vida quotidiana em representações artísticas<sup>73</sup>.

Sendo que os vazios urbanos são um aspeto claríssimo da cidade contemporânea, também eles já receberam algum protagonismo nas obras de Vautier.

A utilização de cenas do quotidiano nas suas obras surgiu no início dos anos 60, quando o artista declarou que *tudo é arte*<sup>74</sup>. Foi precisamente nesta altura que Vautier começou a utilizar os mais inusitados cenários dando aso às suas conhecidas instalações artísticas. Vautier utilizava normalmente cartazes com uma mensagem simples mas cheia de significado, enquadrando-as no pano de fundo que achava mais adequado.

Uma das suas obras mais conhecidas tem precisamente o nome de *Terrain Vague* (1961), onde o artista representa um espaço vazio e desleixado (Figura 3.23), onde dispõe um cartaz com essa mesma expressão. Apesar de existirem outras obras onde o artista igualmente representa espaços com estas características, considera-se



**Figura 3.23:** *Terrain Vague* (1961)  
Fonte: <http://www.ben-vautier.com/>

---

<sup>73</sup> TAILLANCOURT, P., <http://www.vickydavid.com/artist-ben-vautier.htm>

<sup>74</sup> *Idem*

ser esta a mais importante pelo nome que tem.

Com a representação deste tipo de espaços Vautier mostrar como realmente tudo pode ser arte, até mesmo espaços que à primeira vista parecem não ter significado algum. Este artista é por isso mesmo mais um exemplo de que os vazios urbanos não necessitam de transformações brutais para serem úteis e que realmente não é preciso muito para quebrar as barreiras entre o cotidiano e a arte.

### 3.4.2 JORDI COLOMER (1962 – atualidade)

O espanhol Jordi Colomer é outro dos artistas contemporâneos de instalações que parece sentir um certo apreço por vazios urbanos.

Colomer para além de artista de instalações é igualmente arquiteto e historiador, algo que possivelmente afetou o seu trabalho mais recente, o qual se considera de maior importância para a temática em estudo.

Em 2001 Colomer decide focar toda a sua investigação e trabalho no espaço urbano e na exploração das diferentes cenas da vida social (bairros, ruas, espaços degradados, entre outros). É por isso mesmo uma investigação marcada por viagens, onde o artista tenta descobrir ou redescobrir os mais diferentes meios urbanos. O seu objetivo é que o seu público reflita sobre as inúmeras possibilidades de sobrevivência oferecidas pela metrópole contemporânea<sup>75</sup>.

Um das suas obras que reflete precisamente isso é *Anarchitekton* de 2003, onde Colomer mostra várias cidades (Barcelona, Bucareste, Brasília e Osaka) sendo percorridas por um homem, que contagia a realidade com ficção<sup>76</sup>.

Nesta obra e principalmente na parte referente a Brasília (Figura 3.24) e Barcelona é possível encontrar vazios



**Figura 3.24:** Brasília representada em *Anarchitekton* (2003)

Fonte: <http://www.jordicolomer.com>

<sup>75</sup> <http://www.jordicolomer.com/?lg=2&id=3>

<sup>76</sup> <http://www.jordicolomer.com/?lg=2&id=4&prid=4>

urbanos como pano de fundo, algo que demonstra que Colomor não pretende esconder esta parte menos aprazível das cidades, mostrando-as exatamente como são.

Existem muitas outras obras deste artista que mostram espaços igualmente sem vida e sem uso (*L'avenir* de 2011 por exemplo), denotando-se por isso mesmo um interesse especial da sua parte pelos vazios urbanos. Talvez o fato de ser arquiteto o tenha sensibilizado para esta temática, mas a verdade é que Colomor consegue nas suas obras mostrar como este tipo de espaços podem ter utilidade, sem existir necessariamente mudanças drásticas. Podem fazer parte de obras de arte, ainda mais quando estas representam a cidade contemporânea tal qual como é com os seus defeitos e aspetos positivos, sem existir a necessidade de esconder aquilo que por vezes não se compreende.

### 3.4.3 SANDRO VERNONESI (1959-atualmente)

---

O escritor italiano Sandro Veronesi é considerado como um dos melhores escritores italianos da sua geração, sendo outro artista que parece sentir interesse pela temática em estudo<sup>77</sup>.

Considera-se importante referir Veronesi neste relatório pois é a prova que até mesmo os artistas mais improváveis, podem sentir-se seduzidos pelos vazios urbanos, incluindo-os mesmo nas suas obras de arte, sejam elas de que tipo for.

Veronesi inclui portanto esta temática no seu conceituado livro *Terrain Vague* (2007), expressão utilizada anteriormente por outros para definir os vazios urbanos. *Terrain Vague* (Figura 3.25) foi considerado em Itália como um dos vinte melhores livros do ano 2008, tendo sido por isso um enorme sucesso junto do público, apesar dos vinte anos que levou até ficar terminado<sup>78</sup>.



**Figura 3.25:** Capa do livro *Terrain Vague* (2007)  
Fonte: <http://www.deslivres.com/>

---

<sup>77</sup> <http://www.asa.pt/autores/autor.php?id=2148>

<sup>78</sup> LORRAIN. F., <http://www.lepoint.fr/culture/2010-03-16/sandro-veronesi-l-italie-est-un-pays-eteint/249/0/434085>

*Terrain Vague* tem uma mensagem política oculta. Por detrás da história de um menino que fugiu de um orfanato e vive agora em locais degradados, Veronesi dá um toque obscuro, amargo e até mesmo irritado à trama, na tentativa de demonstrar a sua posição relativamente ao panorama político do seu país na altura<sup>79</sup>.

Nesta obra Veronesi tenta apelar à população para que abra os olhos e perceba o que realmente se anda a suceder com a política do país e os seus governantes. Segundo ele, os gestores do seu país parecem estar a levar o país à falência, envolvendo-o num conjunto de escândalos que não deveriam existir<sup>80</sup>. Para além disso, o autor tenta abrir os olhos da população para este tipo de espaços, vazios e sem uso para os quais, ninguém parece igualmente se interessar. Para isso faz com a trama passe por momentos verdadeiramente bonitos e de grande liberdade quando associada aos vazios urbanos. É assim possível compreender que estes espaços têm afinal algo de bom, pela oportunidade de liberdade que ostentam.

O facto de toda a trama se passar precisamente em espaços com as características já mencionadas faz com que o seu público finalmente perceba a sua verdadeira essência, e de como estes não merecem ser desrespeitados, mas sim compreendidos. Pensa-se que o facto desta obra ter sido tão bem recebida pelo público, possa ser uma ajuda preciosa para que a população comece finalmente a entender todos os aspetos presentes na cidade contemporânea.

#### **3.4.4 ARCADE FIRE**

---

Quando anteriormente se referiu Spike Jonze e o seu documentário intitulado de *Scenes from the Suburbs*, foi impossível não referir a banda canadense Arcade Fire, já que foi precisamente para eles que o documentário foi produzido.

*Scenes from the Suburbs* teve como inspiração o álbum dos Arcade Fire, *The Suburbs* (2010). *The Suburbs* é uma das obras mais marcantes da carreira desta banda, tendo mesmo recebido o *Grammy* para a melhor álbum do ano 2011.

Este álbum pode ser considerado como uma homenagem aos momentos de infância e adolescência passados pelos elementos da banda nos subúrbios de uma grande cidade.

---

<sup>79</sup> LORRAIN. F., <http://www.lepoint.fr/culture/2010-03-16/sandro-veronesi-l-italie-est-un-pays-eteint/249/0/434085>

<sup>80</sup> *Idem*

Muitos desses momentos foram passados em terrenos baldios, degradados e sem uso, do qual eles se apoderavam, dando-lhes todo o tipo de usos<sup>81</sup>. Pode-se então considerar que os Arcade Fire também sentem um grande apreço pelos vazios urbanos, pela utilização que lhes deram durante a sua infância.

Ao analisar o álbum *The Suburbs* tanto em questão de videoclips ou letras das músicas, é possível ver várias reflexões da banda relativamente aos tempos passados nos subúrbios. Para eles foram tempos excelentes, pois tinham liberdade total, principalmente quando utilizavam os tais espaços degradados e sem uso, dando asas a sua imaginação e fazendo todo o tipo de brincadeiras.

No videoclip da música bastante nostálgica com o mesmo nome que o álbum é possível ver como os subúrbios eram na realidade bem aproveitados por este grupo de jovens, sendo que a liberdade tem o papel principal durante toda a música. São várias as cenas que mostram locais degradados (Figura 3.26) e as inúmeras possibilidades que estes podem adquirir.



**Figura 3.26:** Cena num vazio urbano em *The Suburbs*,  
Fonte: Arcade Fire, youtube

Aqui está mais uma prova que este tipo de espaços é grandemente apreciado por todos os tipos de artes, até mesmo pela música, algo que à primeira vista poderia não fazer sentido.

---

<sup>81</sup> FALCÃO, M. – O Mapa do Futuro. In *Revista Blitz* n° 54, 2010, p. 37

### 3.4.5 CONCLUSÕES

---

Mais uma vez é possível perceber como as artes se sentem fascinadas com os vazios urbanos. Neste caso foram analisadas vertentes artísticas que à primeira vista poderiam não ter motivos para ter qualquer tipo de ligação com este tipo de espaços, mas que mesmo assim se sentem atraídos por eles.

Não são só fotógrafos e cineastas que utilizam vazios urbanos como parte das suas obras. Também artistas de instalações, músicos, e até mesmo escritores parecem sentir apreço por este tipo de espaços, utilizando-os nos seus trabalhos.

Mais uma vez o motivo que os leva a apreciarem os vazios urbanos é unânime. Também estes artistas parecem perceber as inúmeras possibilidades que este tipo de espaços emana, sendo possível dar aso à imaginação utilizando-os até onde a fantasia deixar. São espaços apreciados tal qual como estão, pois só assim mantêm esta essência desprovida de regras, e é por isso mesmo que as artes parecem apreciá-los cada vez mais.

### 3.5 ANTROPOLOGIA/ SOCIOLOGIA

---

Sendo que a definição de Antropologia é precisamente *a ciência que estuda o comportamento humano*<sup>82</sup> considera-se fundamental compreender qual a abordagem desta área do conhecimento à ligação entre o Homem e a cidade, principalmente com os vazios que nela existem.

Sendo o objeto de estudo da antropologia justamente o Homem, esta área do conhecimento é fundamental para o presente relatório, pois dá-nos as linhas orientadoras de quais os hábitos e costumes do Homem no seio da cidade contemporânea, o que procura, e a sua interpretação da envolvente (inclusive dos vazios urbanos).

Por sua vez a Sociologia é *a parte das ciências humanas que estuda o Homem, bem como o seu comportamento, tendo em conta o meio onde se encontra*<sup>83</sup>. Considera-se assim igualmente importante compreender como encara esta ciência os vazios urbanos, e o comportamento do Homem quando neles inserido, de modo a se perceber qual o melhor modo de intervir neste tipo de espaço.

Foram assim escolhidos dois autores, que em algum momento das suas carreiras dedicaram os seus estudos à ligação do homem com a cidade, onde chegaram mesmo a introduzir de algum modo a temática dos vazios urbanos. Considera-se portanto, essas abordagens como uma mais-valia para a compreensão desta temática por parte da antropologia/sociologia, sendo possível compreender quais as semelhanças fundamentais entre esta abordagem e a tida por outras áreas do conhecimento mais artísticas.

#### 3.5.1 MARC AUGÉ

---

Tal como o próprio antropólogo francês Marc Augé refere, grande parte da sua carreira foi dedicada *às pequenas observações e (...) ao estudo dos lugares carregados de sentido, a super-abundância contemporânea dos espaços que deixaram de ser lugares (...) espaços que constituem para ele uma provocação ao mesmo tempo assustadora e estimulante*<sup>84</sup>. Tendo como base estes aspetos, bem como o seu estudo minucioso sobre

---

<sup>82</sup> *Dicionário da Língua Portuguesa*, 2011, p.129

<sup>83</sup> *Idem*, p.148

<sup>84</sup> AUGÉ, M. – *Não-Lugares – Introdução a uma antropologia da sobremodernidade*, 1998, p.8

a cidade contemporânea, este autor criou um conceito bastante interessante. Trata-se do conceito de *Não-Lugar* que em vários aspectos se assemelha ao conceito de *Vazio Urbano*. Apesar de serem conceitos distintos, tocam-se em alguns pontos, sendo que muitas vezes tem-se a sensação que o autor se está mesmo a referir a vazios urbanos, quando na verdade fala de *Não-Lugares*. De qualquer modo, e tendo em conta as semelhanças entre ambos os conceitos, considera-se importante referir este autor relativamente a esta temática, pois de algum modo Augé acaba por traduzir a opinião da antropologia sobre o tipo de espaço em estudo neste relatório.

Para Augé *Não-Lugar* é precisamente o contrário de *Lugar*. Enquanto que *Lugar* é um espaço de convivência, de intimidade, um local com história, identidade, o *Não-Lugar* é exatamente o oposto<sup>85</sup>. Já aqui é possível encontrar semelhanças entre este conceito e o de *Vazio Urbano* já que, segundo os arquitetos, arquitetos paisagistas e urbanistas analisados anteriormente, os vazios urbanos são igualmente locais sem identidade, sem intimidade, e onde supostamente não existe convivência alguma, pois não são utilizados pela maioria da população.

Para este autor os *Não-Lugares* foram criados com base nas transformações típicas da cidade contemporânea. Não são considerados como “lugares de memória”, não sendo por isso espaços dos quais a população se lembre, aos quais se afeiçoe (daí a maioria não os utilizar). São maioritariamente espaços que já obtiveram inúmeras utilizações no passado. Augé chega mesmo a referir vários espaços que são considerados por ele como *Não-Lugares*, sendo que muitos deles são igualmente considerados pela arquitetura, arquitetura paisagista e urbanismo como *Vazios Urbanos*. Pode-se referir por exemplo locais de ocupação provisória, bairros de lata em avançado estado de degradação, *squats* (casas devolutas ocupadas por grupos de jovens), entre muitos outros<sup>86</sup>.

Apesar da definição de *Não-Lugar* ser de certo modo depreciativa, Augé considera todo o estudo efetuado relativamente a este conceito, enriquecedor e estimulante, como aliás já foi referido anteriormente. Para além disso, Augé faz questão de referir, que embora o conceito de *Não-lugar*, seja constantemente relacionado a aspetos negativos, necessita de ser encarado de modo muito mais positivo<sup>87</sup>.

---

<sup>85</sup> AUGÉ, M. – *Não-Lugares – Introdução a uma antropologia da sobremodernidade*, 1998, p. 83

<sup>86</sup> *Idem*, p.84

<sup>87</sup> *Idem e Ibidem*, p. 88

Esta declaração é semelhante à tida por alguns dos arquitetos e arquitetos paisagistas analisados anteriormente, bem como fotógrafos ou cineastas, relativamente aos vazios urbanos. Tal deve-se ao facto de em todos os casos, os autores não encararem estes espaços degradados como algo de negativo para a cidade, concordando que estes precisam simplesmente de ser compreendidos, para que se possa tirar o melhor partido possível destes. Pode-se portanto considerar que existe aqui outra ligação entre ambos os conceitos, sendo que em ambos os casos os autores que se debruçam sobre estas temáticas, consideram que estes tipos de espaços podem ser vistos como algo positivo.

Embora Augé considere que os *Não-Lugar* são espaços sem alma ou memória (pela degradação que emanam), estes acabam por pertencer de certa maneira ao passado, pois a grande maioria existe há bastante tempo, tendo adquirido várias formas e funções antes de entrar em desuso. Tendo em conta a análise feita a este autor é possível perceber um certo apreço da sua parte relativamente ao passado. Augé refere mesmo que atualmente é possível assistir a uma decomposição rápida da cidade, sendo que os locais que invocam o passado, que nos trazem memórias das sociedades passadas estão praticamente em extinção<sup>88</sup>. Tal facto leva a crer que para Augé, os *Não-Lugares* (especialmente aqueles que também são considerados como vazios urbanos por outros autores), podem ser uma ótima oportunidade para relembrar o passado, desde que as modificações neles efetuadas para estarem novamente ao uso da população, não os descaracterize.

Pensa-se portanto ser possível incluir Augé no conjunto de autores que acredita que os locais degradados e sem uso aparente, não precisam de grandes modificações para voltarem a ter uso, e sobretudo a serem valorizados, no seio da cidade contemporânea. Esta é portanto, uma opinião importante para o trabalho em curso, pois só vem consolidar a opinião tida pela maioria dos autores estudados até aqui.

---

<sup>88</sup> AUGÉ, M. – *Não-Lugares – Introdução a uma antropologia da sobremodernidade*, 1998, p. 7

### 3.5.2 HENRI LEFEBVRE

---

O sociólogo e filósofo Henri Lefebvre abordou várias temáticas ao longo da sua carreira, sendo uma das mais fascinantes, a relação do espaço com a cultura contemporânea, através da qual analisou minuciosamente as dimensões mais discretas ou mais marginais das sociedades urbanas<sup>89</sup>.

O estudo de Lefebvre apoia-se basicamente na elaboração de três conceitos fundamentais: *prática social*, *representação do espaço* e *espaço de representação*<sup>90</sup>. É precisamente sobre este último que se fará uma análise rigorosa, uma vez que é possível encontrar um certo paralelismo entre este conceito, e o de *Vazio Urbano*, o que será frutífero para o trabalho em curso.

Segundo o autor *espaços de representação* são os espaços que são vividos através de imagens ou símbolos. Estão normalmente associados a artistas, bem como escritores ou filósofos. São estes os únicos que parecem interessar-se por este tipo de espaços, sendo que a maioria nem acaba por os vivenciar apenas descrever, não existindo contacto direto com os mesmos. A imaginação tem um papel fundamental nos *espaços de representação*, sendo esta que os apropria e transforma<sup>91</sup>.

Estes espaços podem ainda ser locais de resistência à ordem (bairros da lata, acampamentos de ciganos etc.) ou produtos da exclusão da sociedade<sup>92</sup>.

Tal como Filomena Silvano refere na obra *Antropologia do Espaço – Uma Introdução* (2001), os *espaços de representação* parecem estar associados ao lado clandestino e subterrâneo da vida social. São espaços que existem às margens das grandes obras, ficando por isso mesmo, fora de tudo o que é considerado atual e aceite pela sociedade em geral<sup>93</sup>.

Ao analisar esta definição de *espaços de representação* é possível encontrar várias semelhanças entre este conceito e a visão tida pelos artistas estudados anteriormente relativamente aos *vazios urbanos*. Esta é, portanto uma maneira de perceber como

---

<sup>89</sup> SILVANO, F. – *Antropologia do Espaço – Uma introdução*, 2001, p.41

<sup>90</sup> *Idem*, p. 41

<sup>91</sup> LEFEBVRE, H. – *The Production of Space*, 1991, p. 39

<sup>92</sup> CARNEY, P., MILLER, V. – Vague Spaces. In A. Jansson, & A. Lagerkvist, *Strange Spaces – Explorations into Mediated Obscurity*, 2000, p 36

<sup>93</sup> SILVANO, F. – *Antropologia do Espaço – Uma introdução*, 2001, p.45

Lefebvre encara este tipo de espaço, espelhando de certo modo, a opinião da sociologia sobre a temática em estudo.

Tal como nos *espaços de representação*, os vazios urbanos parecem ser vividos maioritariamente por artistas, e embora neste caso a maioria vivencie verdadeiramente o espaço, existem ainda outros que apenas se inspiram neles para as suas obras, não os experienciado verdadeiramente (por exemplo o escritor Sandro Veronesi que apenas os retratou numa das suas obras).

Relativamente à imaginação como fator dominante do *espaço de representação*, este fato também se verifica em relação aos vazios urbanos. Tal como os artistas analisados referem é exatamente pela possibilidade de imaginação/criatividade infinita, que os utilizam, podendo criar livremente, sem barreiras.

Outro dos aspetos semelhantes entre estes dois conceitos é o fato de também os vazios urbanos existirem à margem das “grande obras”, neste caso das cidades, não participando no ritmo destas. Este é aliás, um dos aspetos utilizado pelos arquitetos, arquitetos paisagistas e urbanistas para denunciar este tipo de espaço no seio da cidade contemporânea. Para além disso, também os vazios urbanos são considerados como locais de resistência à ordem (normalmente apelidados como locais desorganizados e caóticos), sendo que também aqui é possível dar como exemplo bairros de lata ou acampamentos de ciganos.

Com a criação do conceito de *espaço de representação*, Lefebvre acaba por dar atenção a este tipo de espaços normalmente esquecidos, e que tanto em comum têm com os vazios urbanos. Lefebvre mostra compreendê-los sendo que em toda a sua obra *The Production of Space (1991)* nunca os discrimina, mostrando mesmo que todos os tipos de espaço têm valor. Considera-se portanto, que Lefebvre compartilha da opinião dos artistas estudados relativamente aos vazios urbanos, sendo que estes espaços não devem ser encarados como espaços estritamente geométricos, mas com um valor próprio, que por enquanto poucos parecem perceber<sup>94</sup>.

---

<sup>94</sup> LEFEBVRE, H. – *The Production of Space*, 1991, p. 1

### 3.5.3 CONCLUSÕES

---

Tal como aconteceu com todos os artistas estudados até aqui, também a antropologia e sociologia parecem perceber o valor de espaços degradados e aparentemente sem uso. Também estas áreas do conhecimento reclamam do pouco apreço que a população em geral nutre por eles, referindo que somente os artistas (pela sua mente mais aberta) compreendem o seu valor.

Tanto Augé como Lefebvre parecem não considerar estes espaços como propriamente algo negativo para a cidade. São aliás uma possibilidade de reviver o passado, já que enquanto toda a restante cidade evolui, os espaços degradados e sem uso são das poucas frações da cidade que ainda têm uma ligação ao passado, ficando parados no tempo sem evolução. Para isso claro, não se poderá implementar modificações extremas, pois desse modo o que é especial nestes espaços acabaria e estes fundir-se-iam com a restante cidade.

Pensa-se portanto que a Sociologia e Antropologia têm um modo positivista de encarar os vazios urbanos, tal como a maioria dos autores estudados anteriormente. Tal fato é bastante frutífero, pois só consolida a tese de que não é necessário implementar grandes transformações e imposição de usos e funções em espaços com estas características para que estes tenham as condições necessárias para servirem a população do melhor modo possível.

### 3.6 CASOS DE ESTUDO

---

A abordagem que se tem vindo a seguir neste relatório já foi anteriormente levada a cabo por outros arquitetos e arquitetos paisagistas. Como foi verificado, a abordagem aos vazios urbanos por Adriaan Geuze é uma das que mais se aproxima do que se pretende aqui elaborar. Considera-se portanto, imprescindível analisar projetos elaborados por este arquiteto paisagista, de modo a compreender como atua ele no espaço.

Surge então a necessidade de analisar dois projetos efetuados pela West 8 (atelier de Geuze) para Roterdão, cujo espírito livre e a não obrigatoriedade de usos e funções imperam. É assim possível compreender como esta abordagem é efetuada nos dias de hoje, sendo possível conseguir diretrizes de intervenção para a área em estudo.

Para além de Geuze, também Gilles Clément tem um modo bastante próprio de encarar os vazios urbanos (*Terceira Paisagem*) nos quais intervêm de modo peculiar. Sendo a sua perspetiva relativamente a este tipo de espaços tão dissemelhante da tida por Geuze (apesar de ambos sentirem um grande apreço por este tipo de espaços), considera-se deveras interessante analisar um dos projetos deste arquiteto paisagista de modo a compreender o seu modo de intervir nestas situações, dando-nos a possibilidade de comparação com a abordagem de Geuze.

#### 3.6.1 O Caso de Roterdão – West 8

---

Como já foi referido, o atelier de Geuze, West 8, realizou dois projetos para vazios urbanos na cidade de Roterdão na Holanda que se considera serem de grande importância para a temática em estudo. Trata-se da Praça de Binnenrotte, no centro da cidade e Schouwburgplein, a Praça do Teatro. Seguidamente serão apresentados esses dois casos bem como os motivos pelos quais se considera essa abordagem de algum modo semelhante à que se pretende desenvolver.

### 3.6.1.1 Praça de Binnenrotte

#### Informação técnica<sup>95</sup>:

País: Holanda

Cidade: Roterdão

Começo da obra: 1991

Finalização da obra: 1994

Área: 45, 000 m<sup>2</sup>

Custo: 3,922,930 €

Autor: West 8



**Figura 3.27:** Praça de Binnenrotte, Roterdão  
Fonte: <http://www.take-a-trip.eu/>

Binnenrotte trata-se de uma das áreas centrais com grande valor histórico de Roterdão. Neste local existe a tradição de se realizar duas vezes por semana um mercado da cidade, que chega a reunir cerca de 70 mil pessoas<sup>96</sup>.

A área envolvente de Binnenrotte era marcada nos anos 80 por uma linha ferroviária descativada que retirava a beleza e que de certo modo retardava o desenvolvimento deste local<sup>97</sup>. Esta linha ferroviária dominava o centro da cidade antes da Segunda Guerra Mundial, sendo que nos anos 80 tornava Binnenrotte num local estreito e claustrofóbico (Figura 3.28)<sup>98</sup>.



**Figura 3.28:** Binnenrotte nos anos 80 antes da intervenção  
Fonte: <http://www.lgafoto.nl/>

<sup>95</sup> <http://www.publicspace.org/en/works/z010-binnenrotte-square>

<sup>96</sup> *Idem*

<sup>97</sup> BORRET, K. – The “void” as a Productive Concept for Urban Public Space. In The Ghent Urban Studies Team, *The Urban Condition: Space, Community and Self in the Contemporary Metropolis*, 1999, p. 243

<sup>98</sup> <http://www.publicspace.org/en/works/z010-binnenrotte-square>

Apesar da envolvente não ser a mais apelativa, Binnenrotte era na altura o único espaço com cariz público no centro da cidade, realizando-se assim mesmo a feira da cidade naquele espaço todas as semanas<sup>99</sup>.

No final dos anos 80 surge então a oportunidade de remoção da linha ferroviária, o que proporcionaria a possibilidade de criação de um novo centro da cidade, mais amplo e flexível, dando melhores condições de funcionamento à feira<sup>100</sup>.

Assim sendo o atelier West 8 criou um projeto que tinha como principal objetivo ligar todas as partes integrantes do centro histórico de Roterdão, já muito massacradas pela Segunda Guerra Mundial, de modo a que estas se tornassem num só espaço - o centro da cidade, deixando este por isso mesmo, de se comportar como diversos fragmentos sem ligação entre si<sup>101</sup>.

O projeto foi bastante simples, sendo a prova de que com pouco, é possível ter um local extremamente produtivo e integrado na cidade (Figura 3.29). Tendo em conta que o símbolo de reconhecimento de Binnenrotte é precisamente a feira que lá se realiza, foi criada uma ampla praça sem obstáculos, de modo a que a feira possa ali ocorrer sem imprevistos<sup>102</sup>. Através



**Figura 3.29:** Binnenrotte depois da intervenção  
Fonte: <http://www.stadshartrotterdam.nl/>

da colocação de um plinto de 17 centímetros de altura, o trânsito automóvel e estacionamento foi completamente banido daquele local, proporcionando não só a realização da feira, mas também todo o tipo de eventos que se pretenda. O pavimento é de extrema qualidade e resistência, de modo a suportar toda a atividade que lá existe,

<sup>99</sup> <http://www.publicspace.org/en/works/z010-binnenrotte-square>

<sup>100</sup> BORRET, K. – The “void” as a Productive Concept for Urban Public Space. In The Ghent Urban Studies Team, *The Urban Condition: Space, Community and Self in the Contemporary Metropolis*, 1999, p. 243

<sup>101</sup> <http://www.publicspace.org/en/works/z010-binnenrotte-square>

<sup>102</sup> BORRET, K. – The “void” as a Productive Concept for Urban Public Space. In The Ghent Urban Studies Team, *The Urban Condition: Space, Community and Self in the Contemporary Metropolis*, 1999, p. 244

sendo que para além de pontos de eletricidade, os únicos objetos que ali se pode encontrar são os pontos de ancoragem em aço usados como banca para a feira<sup>103</sup>.

Para além disso e como é possível ver em pormenor na Figura 3.30, foi criada uma figura colorida abstrata que se desenvolve no pavimento, apelando à criatividade e dando vida a este espaço.



**Figura 3.30:** Pormenor do pavimento de Binnenrotte  
Fonte: <http://www.stadshartrotterdam.nl/>

Através da retirada da linha de caminho-de-ferro e com a criação desta ampla área, o centro da cidade de Roterdão tornou-se num espaço bastante mais amplo e desimpedido, o que proporciona uma circulação livre por parte da população. Foram assim criados de dois ambientes completamente diferentes no mesmo espaço.

Por um lado a enorme movimentação de pessoas e bens quando ali se instala a feira, que preenche por completo o local (Figura 3.31). Por outro lado, uma praça desimpedida e livre que apela definitivamente à criatividade e vontade de cada um, podendo ser utilizada das mais variáveis maneiras.



**Figura 3.31:** Binnenrotte durante a feira da cidade  
Fonte: [http://nl.wikipedia.org/wiki/Bestand:Mart\\_Binnenrotte.jpg](http://nl.wikipedia.org/wiki/Bestand:Mart_Binnenrotte.jpg)

<sup>103</sup> <http://www.publicspace.org/en/works/z010-binnenrotte-square>

Apesar do contexto deste projecto ser totalmente diferente do verificado no espaço que se pretende intervir, o caso de Binnenrotte é bastante interessante de analisar, pois é a prova de que um projeto para uma área degradada não precisa de ser demasiado lotado de formas e volumes para obter sucesso. Neste caso em particular, bastou um projeto bastante simples, apelando à essência do local, para que fosse extremamente bem aceite pela população. É bastante interessante perceber que um projeto que à primeira vista parece vazio a todos os níveis é no entanto cheio de sentido, integrando-se perfeitamente na dinâmica da cidade. A liberdade que este local confere à população é extremamente importante, pois permite que esta o utilize mais variadíssimas maneiras, sem restrição de usos ou funções. Tal como Borret afirma, este é um exemplo de projeto que encara um vazio urbano como algo positivo e produtivo, sendo precisamente isso que se pretende para a área em estudo<sup>104</sup>.

### 3.6.1.2 Schouwburgplein – Praça do Teatro (1990-1997)

---

#### **Informação técnica<sup>105</sup>:**

País: Holanda

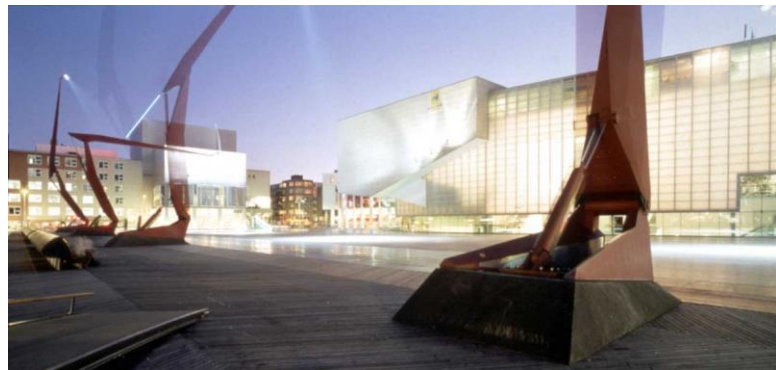
Cidade: Roterdão

Começo da obra: 1990

Finalização da obra: 1997

Área: 12,250 m<sup>2</sup>

Autor: West 8



**Figura 3.32: Schouwburgplein**

Fonte: <http://netzspannung.org/>

Schouwburgplein é uma área bastante bem localizada da cidade de Roterdão. Localiza-se entre o teatro de Roterdão (sendo por isso chamada de Praça do Teatro) e Doelen Concert Hall. Encontra-se rodeado de cafés e restaurantes e a uma curta distância da

---

<sup>104</sup>BORRET, K. – The “void” as a Productive Concept for Urban Public Space. In The Ghent Urban Studies Team, *The Urban Condition: Space, Community and Self in the Contemporary Metropolis*, 1999, p. 243

<sup>105</sup><http://www.architectuurinrotterdam.nl/building.php?buildingid=75&lang=en&PHPSESSID=228f4fae13d7250ef550110c6208b879>

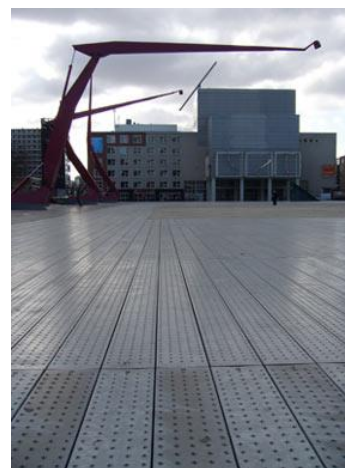
estação central de comboios. Apesar desta excelente localização antes da intervenção de West 8, Schouwburgplein era um local praticamente morto, sem uso, triste e degradado (Figura 3.33 e 3.34)<sup>106</sup>.



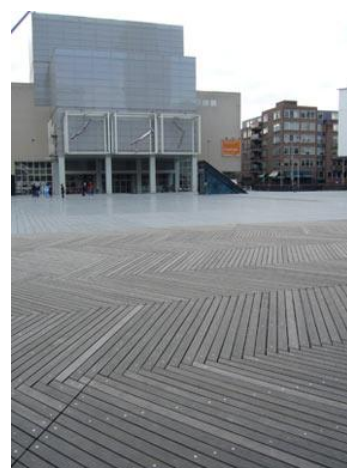
**Figura 3.33 e 3.34:** Schouwburgplein antes da intervenção

Fonte: <http://courses.umass.edu/latour/Netherlands/schneider/index.html>

Como Borret refere em *The Urban Condition: Space, Community and Self in the Contemporary Metropolis*, Geuze acredita que esta praça necessita de ser encarada como mais que uma etapa, deve ser usada de forma flexível, tendo uma postura ativa na cidade. É precisamente com base nesta ideia que Geuze e o seu gabinete West 8 intervêm no espaço, de modo a torna-lo novamente funcional e um poço de criatividade para quem o utiliza<sup>107</sup>.



Em 1990 surge então o projeto de West 8 que promete a revitalização deste espaço. Tendo como principal incitador a iluminação e os usos pretendidos para o espaço, são criadas três áreas funcionais amplas e flexíveis. Estas áreas são delimitadas por diferentes pavimentos, sendo apenas isso que as distingue entre si (Figura 3.35 e 3.36). A praça é por isso pressentida como um espaço só, apesar desta aparente divisão<sup>108</sup>.



**Figura 3.35 e 3.36:** Diferentes pavimentos utilizados no projecto

Fonte: <http://courses.umass.edu/>

<sup>106</sup> <http://courses.umass.edu/latour/Netherlands/schneider/index.html>

<sup>107</sup> BORRET, K. – The “void” as a Productive Concept for Urban Public Space. In The Ghent Urban Studies Team, *The Urban Condition: Space, Community and Self in the Contemporary Metropolis*, 1999, p. 245

A área mais próxima ao teatro, onde existe uma entrada para o parque subterrâneo foi revestida a um pavimento de epoxy, sendo que a área associada aos negócios é revestida a placas metálicas. Por fim, tem-se a área de estadia, onde existem bancos personalizados de maneira e colunas de iluminação hidráulicas, elementos que chamam imediatamente a atenção de quem visita o espaço (figura 3.37).



**Figura 3.37:** Colunas de iluminação hidráulica  
Fonte: <http://www.hs-owl.de/>

De modo a tornar o espaço ainda mais versátil e apelativo à criatividade, foi criada no centro da praça uma área sobrelevada 35 cm de deck de madeira, como se de um palco se tratasse. Ali os mais diversos eventos podem acontecer, tudo depende da imaginação de cada um. Para além disso, existe também uma pequena área de fontes (Figura 3.38), que faz as delícias dos utilizados principalmente à noite, quando estas se iluminam num espetáculo de luzes e cor<sup>109</sup>.



**Figura 3.38:** Área de fontes em Schouwburgplein  
Fonte: <http://www.youropi.com/nl/rotterdam/>

A iluminação tem de facto um papel proponente nesta praça. Sendo esta tão ampla e dedicada à criatividade, não é de todo um espaço estático, sendo que a iluminação auxilia nas alterações da praça quer ao longo do dia, quer ao longo das estações do ano<sup>110</sup>. Durante a noite as colunas hidráulicas de iluminação, bem como as luzes provenientes do parque de estacionamento subterrâneo, banham o espaço num

<sup>108</sup><http://www.architectuurinrotterdam.nl/building.php?buildingid=75&lang=en&PHPSESSID=228f4fae13d7250ef550110c6208b879>

<sup>109</sup> <http://courses.umass.edu/latour/Netherlands/schneider/index.html>

<sup>110</sup> <http://www.west8.nl/projects/schouwburgplein/>

espetáculo de cores e formas. Em conjunto estas três colunas formam um relógio digital, algo que fascina os utilizadores e que claramente auxilia esta praça a ser tão única<sup>111</sup>.

Outro dos aspetos únicos desta praça e que faz com que os seus utilizadores consigam usufruir e explorar ao máximo as suas utilidades, é o fato de ser possível comandar a iluminação proveniente das três colunas. Estas estão equipadas com um mecanismo de movimento como o dos guindastes, sendo que os utilizadores através da colocação de uma moeda podem decidir a posição da iluminação<sup>112</sup>.

Apesar da originalidade deste projeto as opiniões sobre ele não foram unânimes. Através da análise realizada foi possível compreender que o facto deste espaço público não usufruir do uso de vegetação e não ter usos claramente implícitos, faz com que vários autores o considerem como um projeto mal sucedido. Como se tem vindo a perceber ao longo deste relatório, ainda não foi possível conquistar uma opinião unânime de arquitetos, arquitetos paisagistas e urbanistas, relativamente a este tipo de projetos mais despojados, embora seja notório que essa mentalidade mais fechada tem vindo a mudar. Na verdade Schouwburgplein acaba por ser um excelente exemplo de como um espaço sem obrigatoriedade de usos pode ser um sucesso, uma vez que este é vastamente utilizado pela população, sendo assim considerado como um verdadeiro sucesso. Considera-se que o objetivo de Adriaan Geuze para este local foi conseguido, já que de um local vazio de sentido e usos, extremamente degradado, foi possível criar um local que se integra perfeitamente na dinâmica da cidade.

Apesar de mais uma vez se tratar de um espaço bastante dissemelhante da área em estudo, existem por outro lado aspetos que os interligam. Tal como neste caso a área em estudo encontra-se bem localizada numa área bastante movimentada, embora o espaço em si se encontre degradado e sem uso. A análise do projeto de Schouwburgplein foi uma mais-valia, pois só demonstra como é possível criar uma intervenção de certo modo minimalista para um espaço com estas características, sendo esta ainda assim um sucesso.

---

<sup>111</sup> <http://courses.umass.edu/latour/Netherlands/schneider/index.html>

<sup>112</sup> BORRET, K. – The “void” as a Productive Concept for Urban Public Space. In The Ghent Urban Studies Team, *The Urban Condition: Space, Community and Self in the Contemporary Metropolis*, 1999, p. 245

### 3.6.2 Jardim de ENS Lyon – Gilles Clément

---

#### Informação técnica:

País: França

Cidade: Lyon

Finalização da obra: 2002

Autor: Gilles Clément



**Figura 3.39:** Jardim de ENS Lyon  
Fonte: <http://landarchs.com>

O local onde hoje se encontra a *École Normale Supérieure de Lyon (ENS Lyon)* era no passado uma zona industrial abandonada, considerada como *Terceira Paisagem* por Gilles Clément. Para o espaço envolvente dos edifícios da *ENS Lyon* Clément projetou um jardim privado para que funcionários e estudantes tivessem a possibilidade de desfrutar da natureza<sup>113</sup>.

Guiado pelo seu conceito de *Jardim em Movimento* (anteriormente explicitado), Clément criou pequenos jardins que visavam representar a natureza e sociedade. O seu objetivo era levar as pessoas a refletir sobre a forma como o jardim evolui. Tal facto acabou por se verificar pois o jardim é extremamente aclamado, recebendo visitas guiadas pelo jardineiro responsável que explica cuidadosamente cada um dos espaços aos visitantes<sup>114</sup>.



**Figura 3.40:** Diferentes espécies utilizadas no jardim de ENS Lyon  
Fonte: <http://landarchs.com/>

A biodiversidade tem ali um papel importantíssimo, as espécies crescem ao seu ritmo, existindo um jogo bastante interessante de cores e formas (Figura 3.40). Desde que o jardim existe o número de espécies aumentou de cerca de 200 para quase 600, sem que existisse a intervenção do Homem.

---

<sup>113</sup> SÉGUIN, M. - <http://landarchs.com/gilles-clement-pioneer-working-land/>

<sup>114</sup> *Idem*

Este espaço extremamente amplo e com grande biodiversidade (Figura 3.41) é um local único na cidade, sendo precisamente nessa ordem que se pretende intervir na cidade de Olhão, no vazio urbano em questão.

Ao contrário dos projetos bastante humanizados de Geuze, Clément preocupa-se com a natureza e como esta pode trazer a maior biodiversidade possível para o espaço. São dois modos de encarar os vazios urbanos bastante peculiares e dissemelhantes, mas que por diferentes motivos se tornam importantes para o presente trabalho.



**Figura 3.41:** Pormenor do jardim ENS Lyon  
Fonte: <http://landarchs.com>

Apesar de não se pretender intervir no espaço em questão com o único objetivo de trazer biodiversidade, este projeto de Clément faz-nos perceber como é importante que o espaço tenha vida própria, independência, permitindo sempre que o seu utilizador escolha o modo com que pretende utilizá-lo.

Como é possível compreender pelo Jardim de ENS Lyon, Clément não propõe para o espaço uma obrigatoriedade de uso, pois além dos diferentes trilhos criados por este, o espaço é extremamente amplo e apto para qualquer tipo de atividade. É precisamente nessa linha de pensamento que se pretende intervir na área em estudo, sendo que se considera uma mais-valia complementá-la com fatores que promovam a biodiversidade.

## 4. PROJETO DE INTERVENÇÃO NUM VAZIO URBANO

---

Após uma profunda análise a diferentes áreas do conhecimento, é finalmente possível ter uma opinião formada e coesa sobre a temática em estudo. É portanto agora possível elaborar um projeto para o espaço onde se propôs intervir no início do estágio profissional, tendo como base todas as informações recolhidas nos capítulos anteriores. Porém, antes dessa intervenção é necessário proceder a uma apresentação, análise (biofísica, urbanística e socioeconómica) bem como um enquadramento legal do local em estudo, de modo a compreendê-lo sucintamente. Só após a sua compreensão é possível agir corretamente, tendo a certeza que o projeto se enquadra no espaço a nível biofísico, urbanístico e social, de modo a que se tire o melhor partido deste. Seguidamente será então apresentada toda a análise efetuada ao longo do estágio curricular, que é uma mais-valia para a criação de um projeto coerente e integrado na respetiva envolvente.

### 4.1 LOCALIZAÇÃO

---

A área em estudo localiza-se no concelho de Olhão, mais propriamente na freguesia com o mesmo nome. A Norte, encontra-se limitada por um espaço expectante (futuro loteamento), seguido de um estabelecimento comercial (McDonalds). A Este é possível encontrar as Piscinas Municipais, bem como o Estádio Municipal do Olhanense, um marco da cidade. Trata-se de uma área maioritariamente habitacional. A Sul o seu limite é a Rua da Feira, sendo que a Oeste está presente uma das principais vias de acesso à cidade, a Avenida 5 de Outubro (Figura 4.1 e 4.2).



**Figura 4.1:** Localização geográfica da área em estudo na freguesia de Olhão (sem escala definida) *fonte:* <http://mapa.cm-olhao.pt/>



**Figura 4.2:** Localização geográfica da área em estudo (sem escala definida) *fonte:* <http://geo.algarvedigital.pt/index.aspx>

## 4.2. ENQUADRAMENTO LEGAL

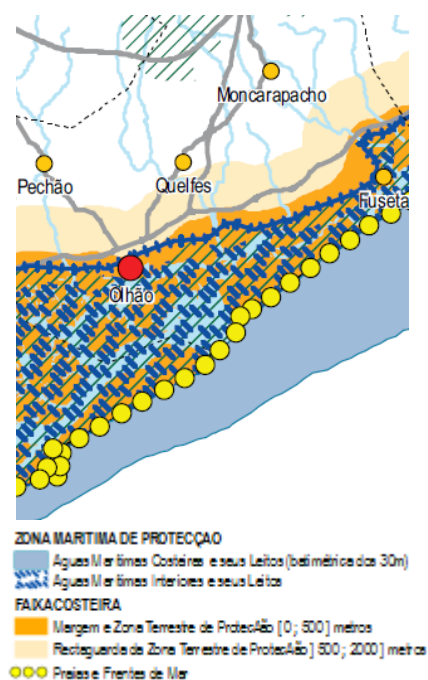
Quando se pretende intervir num determinado espaço, é imprescindível recorrer ao seu enquadramento legal, de modo a compreender se existe algum tipo de limitação ou proposta de usos para a área em questão.

Vigoram atualmente no concelho (para além de planos de ordem municipal), planos de ordem nacional e regional, que apesar de ditarem apenas as linhas de orientação para o ordenamento do território, merecem algum ênfase.

De âmbito nacional tem-se o Programa Nacional da Política de Ordenamento do Território (PNPOT), aprovado em 4 de Setembro segundo a Lei n.º 58/2007. Tal como está referido neste Decreto-lei, este instrumento de natureza estratégica, estabelece as grandes opções de organização sustentável e integrada do território nacional, tendo em conta a identidade de cada parcela. Para além disso, promove a coesão territorial de Portugal, garantindo a igualdade de oportunidades.

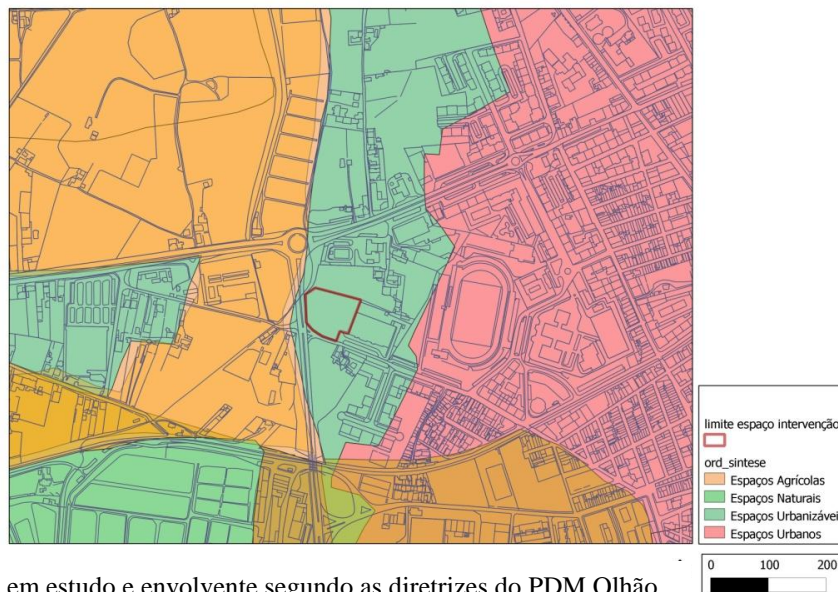
Seguidamente, a nível regional tem-se o Plano Regional de Ordenamento do Território (PROT Algarve), que define a estratégia de desenvolvimento para o território Algarvio, tendo em conta todas as estratégias a nível municipal.

Através da análise da peça gráfica 4 do PROTAL (Figura 4.3) intitulada de *Sistema Litoral*, existiram algumas dúvidas relativamente ao limite da “Zona Terrestre de Proteção” (área que se encontra até 500 metros da orla costeira), pois não é perceptível (devido à escala em que esta se encontra) se integra ou não a cidade de Olhão. A área em estudo parece encontrar-se dentro desta faixa, havendo por isso limitações a este nível, ditadas pelo POOC (Plano de Ordenamento da Orla Costeira).



**Figura 4.3:** Excerto da peça gráfica nº4 “Sistema Litoral” do PROTAL (2007)

A área em estudo encontra-se ainda inserida nos limites regidos pelo Plano Diretor Municipal (PDM) de Olhão. Foi assim possível compreender que esta é considerada como *espaço urbanizável*, tal como é possível ver na Figura 4.4:



**Figura 4.4:** Área em estudo e envolvente segundo as diretrizes do PDM Olhão (1991)

Segundo o artigo 66º. do Decreto-Lei n.º 104/2006 de 7 de Junho, republicado pelo despacho n.º 940/2008 em 10 de Janeiro de 2008, *no espaço urbanizável (...) apenas são admitidas operações urbanísticas relativas à instalação de infraestruturas ou equipamentos coletivos de iniciativa pública, de inequívoco interesse público e de apoio balnear e marítimo.*

Assim sendo a área de intervenção terá obrigatoriamente que suprir necessidades da população como um todo, nunca com a introdução de construções habitacionais, ou qualquer outra infraestrutura que beneficie apenas uma parte da população.

## 4.3 ANÁLISE

---

Sendo quase infindáveis os aspetos possíveis de analisar, selecionaram-se aqueles que se consideram os mais proveitosos para o trabalho em curso. Assim sendo, serão seguidamente apresentadas três tipos de análise – Biofísica, Urbanística e Socioeconómica, que muito contribuirão para a compreensão do local em estudo e sua envolvente.

### 4.3.1 ANÁLISE BIOFÍSICA

---

Para a análise biofísica considerou-se relevante analisar o relevo, hipsometria e exposição de encostas do espaço em questão e sua envolvente, de modo a compreender como se comporta ali o território. Considerou-se igualmente relevante a análise sucinta do clima do concelho de Olhão, bem como solos, hidrografia, geologia e geomorfologia do mesmo, por se considerar que esses aspetos poderiam influenciar o projeto. Foi ainda feita uma breve análise à vegetação do concelho, bem como do local em estudo, algo igualmente importante para a conceção projetual.

#### 4.3.1.1 RELEVO, HIPSOMETRIA E EXPOSIÇÃO DE ENCOSTAS

---

Tal como está descrito no relatório 2 do PDM do concelho de Olhão (1991), referente à Caracterização do Solo, Sub-solo e Recursos Naturais, *o concelho de Olhão desenvolve-se desde a costa até ao interior numa sucessão de zonas naturais bem marcadas: a sul uma zona lagunar integrada na Ria Formosa, uma área intermédia com a disposição de uma encosta suave; e uma área norte, de relevo acentuado* (Figura 4.5)<sup>115</sup>.



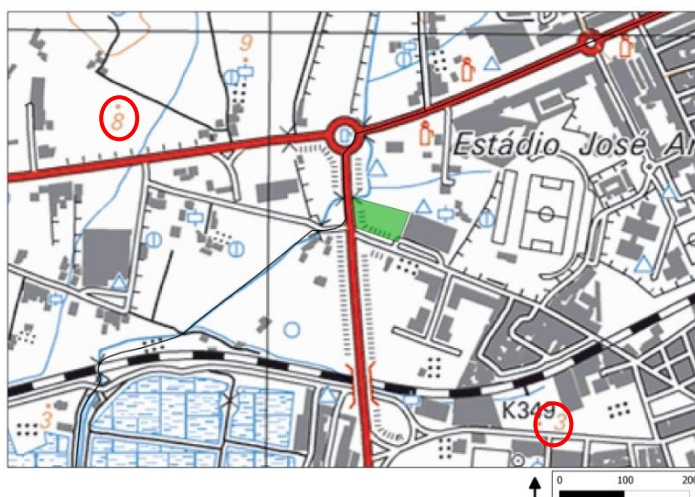
**Figura 4.5:** Hipsometria do concelho de Olhão e respetiva legenda, fonte: <http://www.arena.pt/>

---

<sup>115</sup> PDM relatório 12 – Caracterização do Solo, Sub-solo e Recursos Naturais, 1991, p. 15

A zona lagunar é caracterizada pela suavidade do relevo, abrangendo uma área de baixas altitudes, que não ultrapassa a cota dos 60 metros, onde predominam altitudes entre os 20 e os 30 metros<sup>116</sup>. É precisamente nesta zona que se encontra a área em estudo.

Foi efetuada uma pesquisa minuciosa de modo a compreender a área em estudo a nível hipsométrico. Infelizmente revelou-se uma tarefa complicada, uma vez que a carência de dados, e inexistência de levantamento topográfico para a área em



**Figura 4.6:** Diferença de cotas na envolvente da área em estudo (escala 1:25000), fonte: carta militar folha nº 611, ano 2006

questão, não permitiram concluir com exatidão como se comporta aqui o relevo. Assim sendo, recorreu-se à carta militar (folha nº 611) de 2006, de modo a colmatar essas questões. Foi assim possível apurar que a área em estudo se encontra entre as cotas 3 e 8 (Figura 4.6), sendo plana (percetível através de visita ao local), estando no entanto rodeada a sul e oeste, por um talude com cerca de dois metros de altura (Figura 4.7).

Sendo o seu relevo tão suave, não se procedeu a uma análise de exposição de encostas, uma vez que toda a área recebe a mesma exposição solar.



**Figura 4.7:** Relevo da área em estudo  
*Fonte: Ana Rita Martins*

<sup>116</sup> <http://www.cm-olhao.pt/conhecer-olhao/geografia-do-concelho#relevo>

### 3.3.1.2 CLIMA

---

Segundo a classificação de KOPPEN (sistema de classificação global dos tipos climáticos bastante utilizada e reconhecida), Portugal está dividido em duas regiões climáticas, sendo elas **Csb**- clima temperado com Inverno chuvoso e Verão seco e pouco quente, e **Csa** – clima temperado com Inverno chuvoso e Verão quente, na qual o Algarve se encontra inserido<sup>117</sup>.

O Algarve (e conseqüentemente Olhão) tem assim um clima essencialmente mediterrânico, sendo o seu Verão quente, com a temperatura a situam-se normalmente entre os 30° e os 35°, podendo ainda exceder os 40° ocasionalmente<sup>118</sup>.

Tendo em conta as normativas climatológicas (1981-2010) para a estação meteorológica de Faro (estação mais próxima do concelho de Olhão) do Instituto de Meteorologia, o mês mais quente é julho, com a temperatura média a oscilar entre 29,2° e os 19,1°. Já o mês mais frio é janeiro, com as temperaturas médias entre os 16,1° e os 7,9°<sup>119</sup>.

Relativamente à precipitação, e tendo em conta que o Litoral e Barrocal Algarvio têm normalmente níveis de precipitação diminutos, pode-se afirmar que os meses mais chuvosos foram novembro, sendo o valor médio total de 90,4 mm de precipitação, e dezembro, tendo sido atingidos os 114 mm de precipitação. Já em junho, julho e agosto, os meses mais quentes do ano, a precipitação foi praticamente inexistente (entre 1 e 4 mm)<sup>120</sup>.

Mas tal como está descrito no relatório 2 do PDM, *o concelho de Olhão não é homogéneo do ponto de vista climático, já que apresenta grandes contrastes de altimetria. Além disso, a influência marítima que se faz sentir na faixa litoral do concelho atenua-se gradualmente à medida que se caminha para o interior. Assim, à medida que se caminha para Norte, o clima vai-se tornando mais quente e mais seco (menor influência marítima) e simultaneamente mais chuvoso (influência de altitude)*<sup>121</sup>.

---

<sup>117</sup> <http://www.meteo.pt/pt/areaeducativa/otempo.eoclima/clima.pt/index.html>

<sup>118</sup> KOPP, E. – *Os Solos do Algarve e as Suas Características*, 1989, p. 13

<sup>119</sup> <http://www.meteo.pt/pt/oclima/normais.clima/1981-2010/008/>

<sup>120</sup> *Idem*

<sup>121</sup> PDM relatório 2 – *Caracterização do Solo, Sub-solo e Recursos Naturais*, 1991, p. 17 e 18

Sendo que a área em estudo se situa na zona lagunar, tendo por isso bastante influência marítima, considera-se que o clima é aqui um pouco menos seco e quente do que no interior do concelho, algo que influenciará certamente a proposta de intervenção.

#### 4.3.1.3 GEOLOGIA

Através da consulta da Carta Geológica de Portugal (escala 1:50 000), folha 53-A e 53-B, foi possível compreender quais as formações geológicas existentes no concelho de Olhão.

Através desta carta compreendeu-se, que neste concelho é possível encontrar formações geológicas, que vão desde o Jurássico (Oxfordiano), até ao Holocénico (atualidade).

Sendo que a área em estudo (a vermelho na Figura 4.8) se localiza na freguesia de Olhão, achou-se mais relevante estudar com maior detalhe esta freguesia ao invés de todo o concelho, de modo a compreender quais as formações geológicas da área em estudo. Assim sendo, foi possível perceber que a freguesia de Olhão é abrangida por duas formações geológicas distintas: **Qa** - Areias de Faro-Quarteira (Plistocénico), e **a** - Aluviões e sapais (Holocénico), estando a área em estudo localizada nesta segunda formação.



**Figura 4.8:** Freguesia de Olhão em termos geológicos, fonte: *Carta Geológica de Portugal, folha 53-A*

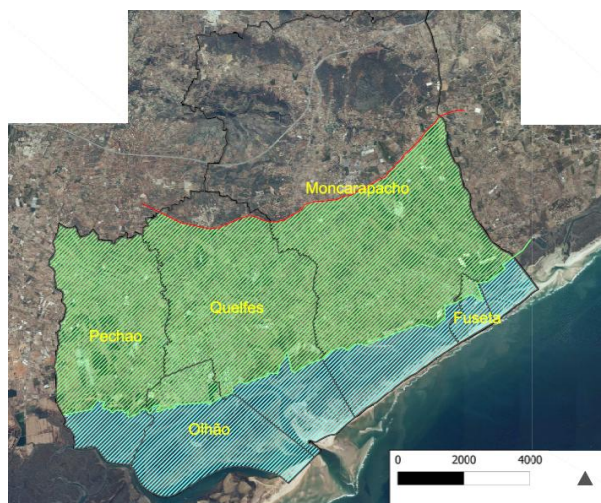
Segundo o relatório 12 do PDM (1991), referente à *Caracterização do Solo, Sub-solo e Recursos Naturais*, a formação Aluviões e sapais é caracterizada por integrar areias, argilas e siltes argilosos, sendo a parte superior constituída pelos níveis areno-argilosos. Sob estes ocorrem níveis arenosos, cada vez mais grosseiros para a base<sup>122</sup>.

<sup>122</sup> PDM relatório 2 – *Caracterização do Solo, Sub-solo e Recursos Naturais*, 1991, p. 25

#### 4.3.1.4 GEOMORFOLOGIA

A região na qual se encontra inserido o concelho de Olhão, pode ser subdividido em duas unidades morfológicas distintas - o Barrocal e o Litoral<sup>123</sup>. A área em estudo encontra-se localizada no litoral, e por isso mesmo o estudo geomorfológico recaiu primordialmente nesta unidade.

O Litoral, do ponto de vista morfológico, subdivide-se em duas áreas distintas - o Planalto litoral (a verde na Figura 4.9), onde a área em estudo se encontra, *constituído por uma zona de aplanção onde predominam séries monoclinais de natureza margo-carbonatada e gresosa com suaves pendores*<sup>124</sup> e a Baixa Aluvionar (a azul na mesma figura), *constituída por terrenos de*



**Figura 4.9:** Delimitação do Planalto litoral e da Baixa Aluvionar no concelho de Olhão

*origem sedimentar detrítica (...) constituindo a extremidade leste do cordão litoral que se desenvolve desde Faro até Cacela e que integra o sistema da Ria Formosa*<sup>125</sup>.

#### 4.2.1.5 SOLOS

Considerou-se fundamental recorrer a uma breve análise dos solos do concelho de Olhão, na tentativa de compreender qual o tipo de solo existente na área em estudo, e as suas características. Tal como é referido na obra *Os Solos do Algarve e as Suas características*, este tipo de análise é bastante importante e proveitosa, uma vez que auxilia a avaliação do local em termos de qualidade de solo, de modo a compreender qual a sua aptidão para determinado uso. Será por isso uma ferramenta essencial, permitindo auxiliar na decisão de quais os usos e funções que serão propostos para o espaço em questão.

<sup>123</sup> PDM relatório 2 – *Caracterização do Solo, Sub-solo e Recursos Naturais*, 1991, p. 21

<sup>124</sup> *Idem* p. 21

<sup>125</sup> *Idem e Ibidem*, p 21

Através da consulta da Carta de Solos de Portugal (escala 1:50 000), folha 53-A e 53-B, foi então possível entender, quais os tipos de solo existentes no concelho, tendo existido uma especial atenção aos existentes no litoral Olhanense, onde a área em estudo se encontra.

O Litoral inclui solos de depósitos Plio-Quartenários, dividindo-se em duas sub-unidades: Sub-unidade de solos de areias ou arenitos (onde se encontra a área em estudo), e Sub-unidade aluvionar<sup>126</sup>.

A área em estudo situa-se numa zona de solos Vt (solos litólicos não húmicos de arenitos grosseiros)<sup>127</sup>. Este tipo de solo é comum na zona litoral do concelho, já muito perto da ria, mas ainda sem contactar diretamente com esta. É precisamente o caso da área em estudo. São solos de textura areno-franca, pouco evoluídos e com reduzido teor em matéria orgânica<sup>128</sup>.

Apesar da carência em matéria orgânica (importantíssima para o desenvolvimento de vegetação), sabe-se que a área em estudo se encontrava, até ao final dos anos 90, inserida numa grande zona de hortas (ver análise urbanística), querendo por isso dizer, que apesar de tudo, existe aptidão para a agricultura. Tal facto veio a ser confirmado através da análise da carta de capacidade de uso do solo de Portugal (escala 1:50 000), folhas 53-A e 53-B, onde se verifica que a área em questão se localiza numa zona de classe B, ou seja, com capacidade elevada para a agricultura.

---

<sup>126</sup> PDM relatório 2 – *Caracterização do Solo, Sub-solo e Recursos Naturais*, 1991, p. 42

<sup>127</sup> KOPP, E. – *Os Solos do Algarve e as Suas Características*, 1989, p. 27

<sup>128</sup> PDM relatório 2 – *Caracterização do Solo, Sub-solo e Recursos Naturais*, 1991, p.44

#### 4.3.1.6 HIDROGRAFIA

A hidrografia de uma região rege normalmente a estrutura de ocupação humana, não sendo no entanto, o caso do concelho de Olhão. Todas as linhas de água deste concelho têm um caudal efémero (de curta duração), devido à grande irregularidade do regime pluviométrico da região, e à reduzida área drenada por cada linha de água<sup>129</sup>. A ocupação humana e o desenvolvimento económico estão por isso neste caso, relacionados com os aquíferos subterrâneos<sup>130</sup>:



**Figura 4.10:** Relação da linha de água (a azul) e a área em estudo (a verde)

Fonte: Carta Militar nº611 (ano 2006)

A área em estudo (a verde na Figura 4.10) tem nas suas proximidades uma linha de água com alguma expressão, que chega mesmo, num breve troço, a invadir a área em estudo. Esta linha de água influencia a vegetação ao seu redor, algo que se verificará seguidamente na análise à vegetação da área em estudo. Para além deste pequeno troço da linha de água referida, não existe qualquer presença de água neste espaço.

#### 4.3.1.7 VEGETAÇÃO

Como foi referido anteriormente, pode-se dividir o concelho de Olhão em duas unidades – Barrocal e Litoral. Estas unidades diferem em muitos aspetos sendo que a vegetação é um deles.

Relativamente ao litoral, onde existe o maior número de espaços edificados do concelho e conseqüentemente menos vegetação espontânea, é visível a presença espontânea de alfarrobeiras (*Ceratonia siliqua*), figueiras (*Ficus carica*) ou amendoeiras (*Prunus dulcis*)<sup>131</sup>.

<sup>129</sup>PDM relatório 2 – *Caracterização do Solo, Sub-solo e Recursos Naturais*, 1991, p.34

<sup>130</sup>*Idem*, p. 33

<sup>131</sup> D'ABREU, A., CORREIA, T., OLIVEIRA, R. - *Contributos para a Identificação e Caracterização da Paisagem em Portugal Continental* - Volume V, 2004, p. 205

Já no Barrocal existe uma predominância natural da azinheira, sendo que nos locais de elevada fertilidade esta foi substituída por pomares de sequeiro onde se pode incluir a oliveira (*Olea europaea*), figueira (*Ficus carica*), alfarrobeira (*Ceratonia siliqua*) e amendoeira (*Prunus dulcis*). Existem também pomares de regadio compostos por citrinos ou hortas<sup>132</sup>. Como é possível perceber através da consulta da obra *Flora e Vegetação – Barrocal Algarvio Tavira – Portimão* (2005) de Carlos Gomes e Rodrigo Ferreira, no Barrocal Olhanense é ainda possível encontrar outras espécies tais como a Erva-polvinhenta (*Andryala laxiflora*), Flor-do-vento (*Anemone palmata*), Falsa camomila (*Anthemis arvensis*), Margarida-do-campo (*Bellis annua*), Cardo-estrelado (*Centaurea calcitrapa*), Palmeira-anã (*Chamaerops humilis*), Roselha-pequena (*Cistus crispus*), Sargaço (*Cistus monspeliensis*), Aderno-bastardo (*Rhamnus alaternus*), Erva moura (*Solanum nigrum*) entre outros.

Relativamente à área em estudo, esta encontra-se quase na sua totalidade desprovida de vegetação (Figura 4.11). Tendo sido revestida a brita para albergar carros ocasionalmente (único uso conhecido mesmo que temporário), a única vegetação que ainda é visível, são espécies invasoras que aparecem espontaneamente no espaço.



**Figura 4.11:** Vegetação incipiente da área em estudo

Fonte: Ana Rita Martins

No talude que envolve a área existe ainda alguma vegetação, embora se tratem de espécies igualmente invasoras, na qual se pode incluir a Acácia (*Acacia saligna*). É visível também a formação de um canavial junto a uma saída de águas no lado sul do espaço.

---

<sup>132</sup> <sup>132</sup> D'ABREU, A., CORREIA, T., OLIVEIRA, R. - *Contributos para a Identificação e Caracterização da Paisagem em Portugal Continental* - Volume V, 2004, p. 200

Como foi referido anteriormente, existe um troço de uma linha de água que se encontra nos limites da área em estudo. Esta linha de água sofreu uma intervenção, a quando da renovação urbana da entrada poente de Olhão em 2000, tendo sido introduzidas espécies bem adaptadas a esta situação (Figura 4.12). Através da consulta do plano de plantação (escala 1:500) deste mesmo projeto de execução elaborado pelo GAT Faro é possível ter acesso a quais as espécies ali existentes. São elas: Giesta de flor amarela (*Cytisus scoparius*), Pascoíinha (*Coronilla glauca*), Loendro (*Nerium oleander*), Folhado (*Viburnum tinus*), Choupo negro (*Populus nigra*), Salgadeira (*Atriplex halimus*) e Murta (*Myrtus communis*).



**Figura 4.12:** Vegetação da linha de água existente na área em estudo, *fonte: Ana Rita Martins*

### **4.3.2ANALISE URBANÍSTICA**

---

Considera-se fundamental recorrer a uma breve análise da evolução da estrutura urbana da cidade de Olhão, de modo a compreender qual tem sido a relação da área em estudo com a envolvente ao longo do tempo. Para além disso, esta análise evolutiva permitirá compreender qual a origem desta área e em que altura se tornou esta num vazio urbano.

#### **4.3.2.1 EVOLUÇÃO DA ESTRUTURA URBANA**

---

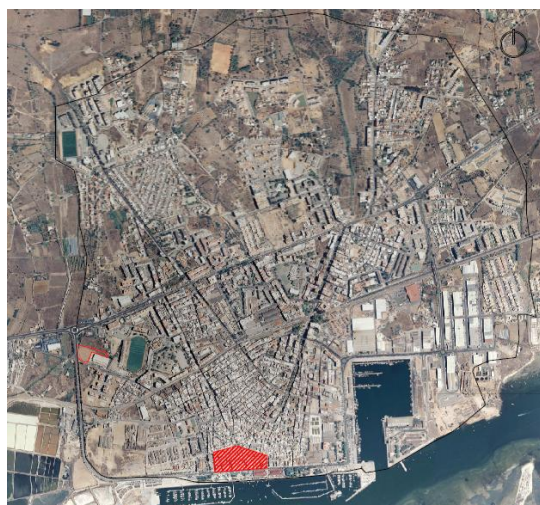
Recorreu-se a uma pesquisa exaustiva no Arquivo Municipal, a algumas obras sobre a cidade e ao Plano Diretor Municipal (PDM) de Olhão do ano 1991 (último plano a ser concretizado), mais propriamente ao Relatório 11, referente a *Estudos de Caracterização da Cidade*, para se compreender como tem evoluído a cidade e a área em estudo.

Tendo como base a informação disponível no relatório 11, dividiu-se a evolução da cidade até ao ano de 1991, em cinco períodos de expansão que se consideraram mais importantes: Início do século XVIII, meados do século XVIII, ano de 1875, 1976 e finalmente 1991. Foi ainda acrescentado um sexto período de expansão (1991-2008) sendo que 2008 corresponde à data em que o ortofotomapa utilizado para retratar esta evolução foi captado. É assim possível ter-se uma perceção aproximada de qual a situação urbanística atual da cidade.

#### 4.3.2.1.2 INÍCIO DO SÉC.XVIII

Pensa-se que foi algures entre o séc. XIV e o séc. XVII que os pescadores se começaram a instalar, na então Praia de Olhão, em cabanas de madeira, canas e palha<sup>133</sup>.

É mais tarde no séc. XVIII que são autorizadas as primeiras habitações em alvenaria, ainda que muito precárias, que viriam a substituir as antigas cabanas<sup>134</sup>. Surge então o primeiro núcleo de ocupação urbana da cidade (Figura 4.13), o chamado bairro da Barreta<sup>135</sup>.



**Figura 4.13:** 1ª fase de ocupação – Barreta (séc. XVIII) orto retirado de <http://www.algarvedigital.pt>

Como é possível perceber na mesma figura, a área em estudo (delimitada a vermelho), encontra-se bastante afastada deste primeiro núcleo, não fazendo portanto parte da cidade nesta altura.

<sup>133</sup> [http://www.olhao.web.pt/historia\\_de\\_olhao.htm](http://www.olhao.web.pt/historia_de_olhao.htm)

<sup>134</sup> *Idem*

<sup>135</sup> PDM relatório 11 – *Estudos de Caracterização, A cidade de Olhão*, 1991, p. 8

#### 4.3.2.1.2 MEADOS DO SÉC. XVIII

Sendo as construções extremamente precárias, com utilização de materiais inflamáveis, algumas das habitações mais antigas acabaram mesmo por arder. Foi dada então ordem para que fossem construídas muitas mais casas, com melhores materiais, de modo a que não ardessem<sup>136</sup>. Começa assim uma fase de expansão significativa do núcleo urbano da Barreta (a vermelho-escuro na Figura 4.14), dando origem a uma malha urbana mais densa<sup>137</sup>.



**Figura 4.14:** 2ª fase de ocupação – Meados do séc. XVIII orto retirado de

Estas duas fases de expansão do Bairro da Barreta, são hoje considerados como o núcleo histórico da cidade, tão conhecido pela sua arquitetura cubista<sup>138</sup>.

A área em estudo continuava aqui, a localizar-se bastante afastada do que era Olhão no séc. XVIII, só vindo bem mais tarde a estar integrada nos limites da cidade.

#### 4.3.2.1.3 ANO DE 1875

Neste ano a Av. Da República (a verde na Figura 4.15), uma das mais emblemáticas da cidade, já se encontra implantada até ao atual caminho-de-ferro (a magenta na mesma figura), embora ainda com uma ocupação marginal<sup>139</sup>.

A malha urbana da então vila começa aqui a ser mais racional e planeada, sendo agora composta por quarteirões e uma



**Figura 4.15:** 3ª fase de ocupação –1875 orto retirado de <http://www.algarvedigital.pt>

<sup>136</sup> ROMBA, S. – *Evolução Urbana de Olhão*, 2008, p. 19

<sup>137</sup> PDM relatório 11 – *Estudos de Caracterização, A cidade de Olhão*, 1991, p. 8

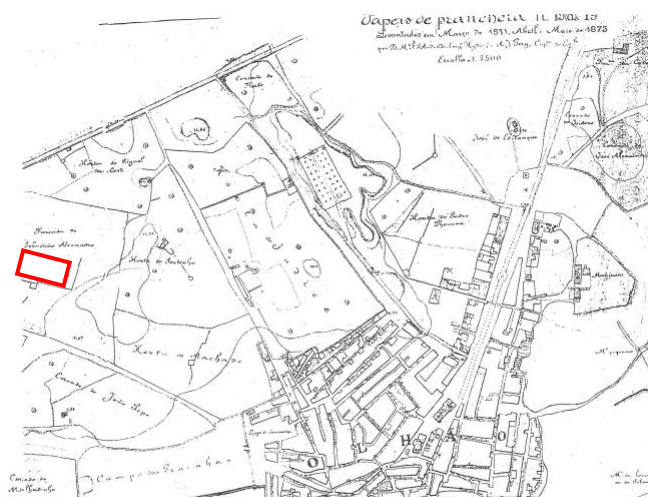
<sup>138</sup> *Idem*, p. 8

<sup>139</sup> *Idem e Ibidem*, p.8

rede viária ortogonal<sup>140</sup>.

A área portuária e a sua estrutura de apoio localizavam-se ainda na área contígua ao Bairro da Barreta, estando toda a área urbana envolvida por hortas e lagoas<sup>141</sup>.

Através da análise de um levantamento cadastral do ano de 1873 (Figura 4.16), foi possível



**Figura 4.16:** Vila de Olhão e respetivas hortas no ano de 1873  
Fonte: Arquivo Municipal de Olhão

perceber que a área em estudo pertencia à “Fazenda do Sebastião Alexandre”, sendo provavelmente terreno de cultivo, tal como todos os terrenos adjacentes. Não se encontra ainda assim, próximo dos limites da vila.

#### 4.3.2.1.4 ANO DE 1976

A construção do caminho-de-ferro e a expansão das atividades piscatória e industrial levaram à expansão da vila para Norte (especialmente a poente do cemitério) apoiada em dois eixos viários – a Rua 18 de Junho (a azul na Figura 4.17) e a Rua Almirante dos Reis (a amarelo na mesma figura)<sup>142</sup>.

A ocupação da atividade industrial deu-se nas áreas adjacentes à linha de caminho-de-ferro, sendo a restante área (a laranja claro na mesma figura) dedicada à ocupação residencial.



**Figura 4.17:** Situação da então vila em 1976  
orto retirado de <http://www.algarvedigital.pt>

Já no séc. XX, é perceptível a grande expansão de Olhão, que cada vez mais se aproximava da área em estudo, continuando esta porém, aquém dos limites da mesma.

<sup>140</sup> PDM relatório 11 – *Estudos de Caracterização, A cidade de Olhão*, 1991, p. 8

<sup>141</sup> *Idem*, p. 8

<sup>142</sup> *Idem e Ibidem*, p. 8

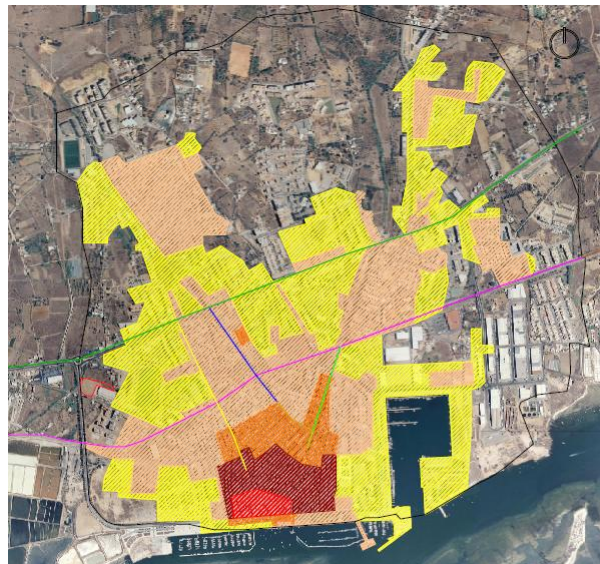
Depois da pesquisa efetuada no Arquivo da CMO, foi possível ter acesso a um conjunto de ortofotomapas da cidade, datados de 1980. Através da folha 077 (Figura 4.18) foi possível perceber que neste ano, a área em estudo fazia ainda parte da grande zona de hortas que delimitavam a cidade.



**Figura 4.18:** Área em estudo no ano de 1981, fonte: Instituto de Geográfico e Cadastral

#### 4.3.2.1.5 ANO DE 1991

A vila que entretanto passou a cidade no ano de 1985<sup>143</sup> viu a sua expansão urbana apoiar-se nos eixos referidos anteriormente – Av. da República e as Ruas 18 de Junho e Almirante Reis, convergentes na EN 2-6 e que atravessam as barreiras do caminho-de-ferro e da EN 125 (a verde da Figura 4.19)<sup>144</sup>.



**Figura 4.19:** Situação da cidade em 1991 orto retirado de <http://www.algarvedigital.pt>

Neste período, a expansão urbana (a amarelo na mesma Figura) deu-se essencialmente nos espaços intersticiais das áreas já urbanizadas<sup>145</sup>. Deu-se igualmente um razoável crescimento a Norte da EN125, conseguindo-se assim, a união de manchas habitacionais entretanto dispersas com a restante cidade, formando-se assim um único núcleo urbano mais consolidado.

As instalações ligadas à atividade piscatória e portuária passaram a ocupar a parte Nascente da cidade e envolvente da doca<sup>146</sup>.

<sup>143</sup> <http://www.cm-olhao.pt/conhecer-olhao/historia-olhao>

<sup>144</sup> PDM relatório 11 – Estudos de Caracterização, A cidade de Olhão, 1991, p. 9

<sup>145</sup> *Idem*, p.9

<sup>146</sup> *Idem e Ibidem*, p. 9

A área em estudo já se encontrava aqui praticamente inserida na cidade, pois nas suas imediações começavam a surgir infraestruturas tais como o campo de futebol, ou a Avenida 5 de Outubro.

Foi possível apurar que, com a construção da Avenida 5 de Outubro em 1990, uma parcela da área em estudo teria sido cedida à Câmara Municipal para a construção desta via. Tal facto levou a crer que possivelmente a área em questão teria perdido o uso agrícola nesta altura. Depois de uma pesquisa mais aprofundada compreendeu-se que tal não teria afinal acontecido.

Através da consulta do registo perdial da área em questão (n.º 01132/910806) datado de 1997, foi possível perceber, que esta era ainda um terreno agrícola, aquando da sua compra para instalação das Piscinas Municipais (que viriam a ocupar somente o terreno adjacente) em 1997. Segundo a descrição do registo perdial, esta área (então pertencente ao Sr. Hermenegildo Fernandes Ângelo) era composta por uma horta e cultura arvenses.

Tal facto comprova que com a instalação da Avenida 5 de Outubro, a área manteve o uso agrícola, ficando assim até à construção das piscinas em 1997. Com a implantação desta infraestrutura esta perdeu então este uso, passando a servir como área de aterro para as obras que estavam a decorrer (Figura 4.20). Com o término das obras, a área tornou-se então num vazio urbano, que não viria, até aos dias de hoje, a ter um novo uso definido.



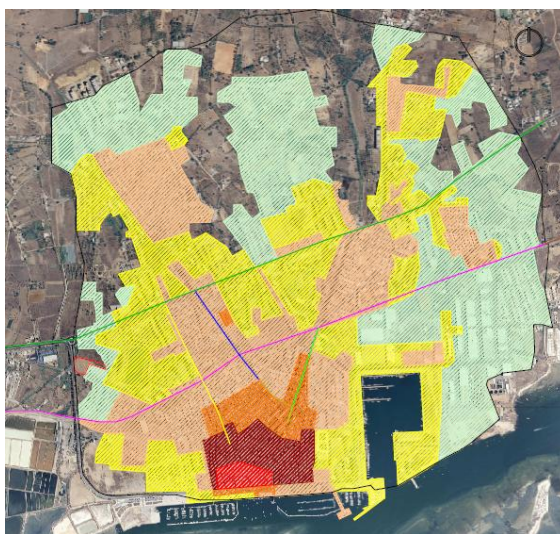
**Figura 4.20:** Área em estudo aquando da construção das piscinas municipais (1998), fonte: Arquivo CMO

#### 4.3.2.1.6 ANO DE 2008

A cidade sofreu já no séc. XXI, uma expansão considerável (representada a azul na Figura 4.21), sendo a sua situação atual bastante semelhante à representada nesta figura.

Sendo que a maioria dos espaços intersticiais já se encontravam urbanizados, a expansão deu-se para a periferia, a Norte, Este e um pouco a Oeste, indo ao encontro dos limites administrativos da cidade.

Embora na periferia, a área em estudo encontra-se cada vez mais inserida na cidade, sendo visível as várias construções que se fixam cada vez mais ao seu redor. Como foi referido anteriormente, a área em estudo encontra-se agora sem uso definitivo (Figura 4.22), sendo apenas utilizada esporadicamente como estacionamento automóvel aquando dos jogos de futebol.



**Figura 4.21:** Situação da cidade em 2008  
orto retirado de <http://www.algarvedigital.pt>



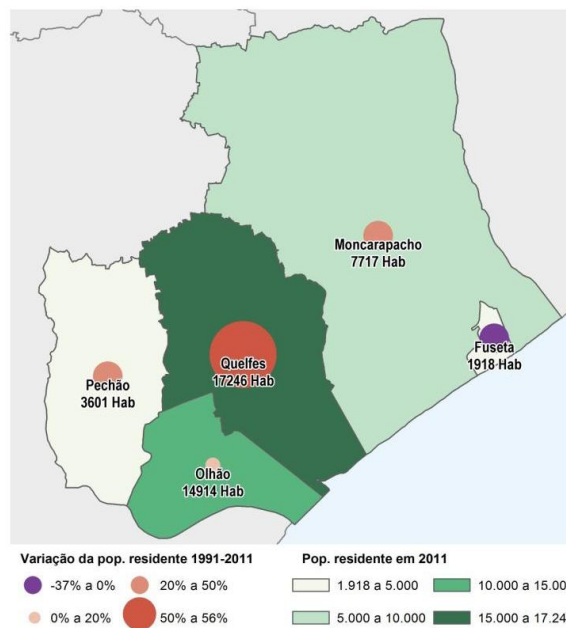
**Figura 4.22:** Área em estudo atualmente  
fonte: Ana Rita Martins

### 4.3.3 ANÁLISE SOCIOECONÓMICA

Em qualquer projeto de arquitetura paisagista é indispensável recorrer a uma contextualização social e económica, de modo a adequar o projeto às necessidades da população que usufruirá dele. Deste modo recorreu-se a uma sucinta análise socioeconómica do concelho de Olhão (com mais destaque para a freguesia de Olhão onde se insere a área em estudo), para que se compreendesse todos os fatores sociais e económicos que poderão afetar a proposta em questão.

Recorrendo à Figura 4.23 é possível ter uma perceção geral da distribuição populacional no concelho (por freguesias) entre 1991 e 2011.

Como é possível perceber, a freguesia mais populosa em 2011 foi Quelfes (com um aumento de cerca de 50% relativamente a 1991), seguida de Olhão, Moncarapacho, Pechão, e finalmente Fuseta, a única freguesia a sofrer uma diminuição de população (cerca de -37%) relativamente a 1991.



**Figura 4.23:** População residente no Concelho de Olhão (2011) e variação da população residente 1991-2011  
Fonte: <http://www.cm-olhao.pt/>

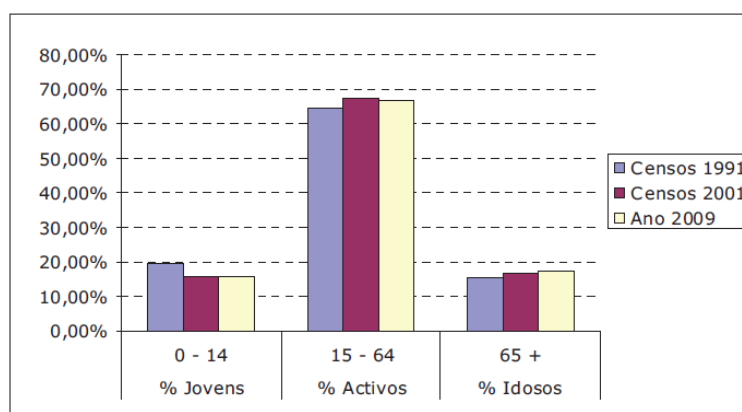
Através da consulta do relatório 10 do PDM de Olhão (1991) relativo ao *Povoamento e Rede Urbana*, é possível compreender um pouco melhor como era a distribuição populacional do concelho anterior a 1991. Aqui percebe-se que a freguesia de Olhão era a mais populosa até esta data. Este facto deve-se essencialmente à localização privilegiada desta freguesia. Por se encontrar na zona litoral do concelho, sempre se desenvolveu ali uma das atividades económicas tradicionais mais importantes do concelho - a pesca, o que levou à instalação da população naquele local<sup>147</sup>. A partir daí a cidade foi-se expandindo dentro desta freguesia, o que levou ao consequente aumento da população na mesma.

<sup>147</sup> PDM relatório 10 – *Estudos de Caracterização - Povoamento e Rede Urbana*, 1991, p.9

Neste momento é em Quelfes que se verifica o maior aumento populacional no concelho, sendo que na freguesia de Olhão o aumento já é bastante menor. Tal acontece possivelmente devido ao facto de Olhão se encontrar de tal modo consolidada, que pouco é o espaço que resta para a fixação de novas edificações, levando a população a instalar-se na freguesia vizinha.

A área em estudo encontra-se assim situada numa freguesia extremamente consolidada, onde parecem ser poucos os espaços de lazer disponíveis para a população. O projeto para a área em questão terá por isso mesmo, um papel importante no lazer das pessoas que ali habitam.

Recorrendo ao *Diagnóstico Social do Concelho de Olhão* (2011) realizado pelo Conselho Local de Ação Social de Olhão, é possível ter um maior número de informações (atualizadas) sobre o panorama social do concelho.

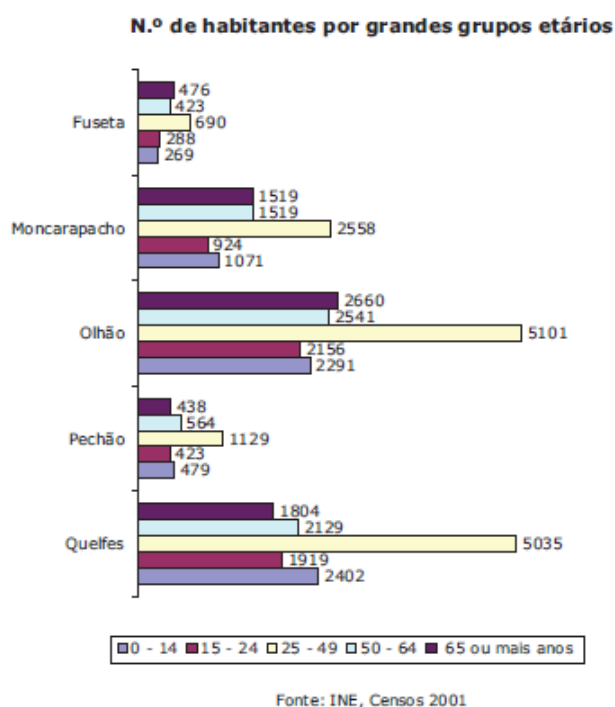


**Gráfico 4.1:** População residente (%) no concelho de Olhão por Grupos Funcionais (1991, 2001 e 2009)  
Fonte: *Diagnóstico Social do Concelho de Olhão* (2011)

Através do Gráfico 4.1, referente à população residente no concelho tendo em conta os grupos funcionais, percebe-se que a maior percentagem de habitantes diz respeito ao grupo dos ativos (15-64), com quase 70,0% do total de habitantes de Olhão.

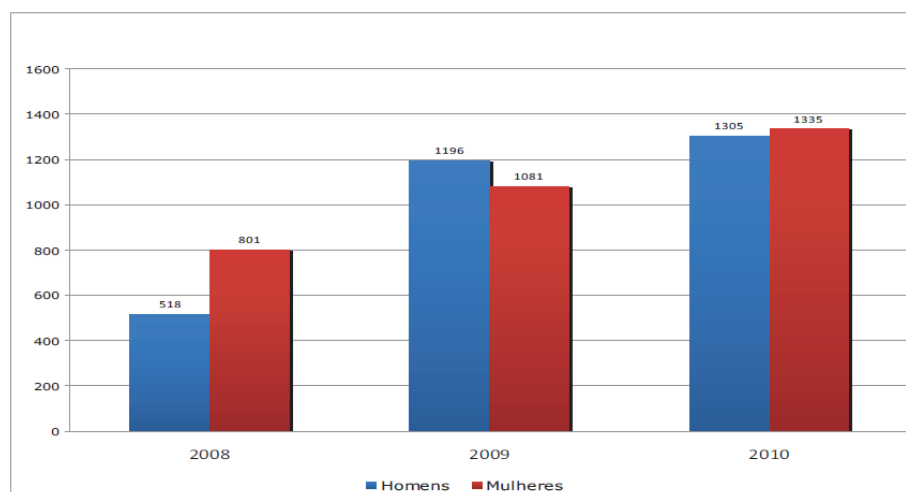
Enquanto os grupos dos jovens e ativos praticamente estabilizaram de 2001 a 2009, o grupo dos idosos sofreu um aumento, o que espelha o panorama demográfico regional e nacional segundo o *Diagnóstico Social do Concelho de Olhão*. Esta informação tem bastante importância relativamente ao projeto em questão, pois tem-se aqui a noção de quais os grupos de utilizadores que predominantemente utilizarão o espaço.

Recorrendo agora ao Gráfico 4.2 é possível perceber com mais exatidão qual o grupo etário mais representado em cada uma das freguesias. Em relação a Olhão é visível que o grupo dos 25-49 era o mais representado no ano de 2001 com cerca de 5101 habitantes. Os idosos da freguesia diziam respeito a quase metade desse valor sendo que o grupo menos representado era o dos 15-24 anos com 2156 habitantes. Tendo em conta que a população residente entre 2001 e 2010 não parece ter sofrido alterações de grande nível (depois da análise ao Gráfico 4.2), pode-se referir que atualmente o panorama vivido na freguesia não é muito dissemelhante do vivido em 2001. É assim possível perceber que o grupo etário que provavelmente mais usufruirá do espaço a intervencionar será o dos 25-49. Apesar de se tratar do grupo etário que representa na sua maioria a população ativa do concelho, é importante perceber qual o nível de desemprego deste, de modo a compreender se este grupo etário usufruirá com regularidade do espaço.



**Gráfico 4.2:** N.º de habitantes por grandes grupos etários das freguesias do concelho de Olhão em 2001  
 Fonte: INE, Censos 2001

Recorrendo novamente ao *Diagnóstico Social do Concelho de Olhão* (2011), foi possível compreender como se desenvolveu o desemprego no concelho nos anos de 2008, 2009 e 2010. Através da análise do Gráfico 4.3, é claro que o desemprego subiu vertiginosamente neste período de três anos. Relativamente ao sexo feminino houve um aumento do desemprego na ordem dos 67%. O desemprego no caso dos homens sofreu um aumento ainda mais drástico. De 2008 a 2010 a percentagem de homens desempregados subiu cerca de 151%, o que equivale ao triplo de homens desempregados comparativamente a 2008. Estima-se que o desemprego terá tomado proporções ainda maiores de 2009 a 2013, tendo em conta a enorme crise que o país atravessa.



**Gráfico 4.3:** Nº de desempregados inscritos no centro de emprego por ano e sexo no concelho de Olhão

Fonte: fonte: *Diagnóstico Social do Concelho de Olhão* (2011), p. 73

Segundo ainda o *Diagnóstico Social do Concelho de Olhão* (2011), o desemprego é um dos maiores problemas sociais vividos no concelho, tendo sido mesmo considerado como uma das grandes prioridades estratégicas de intervenção no concelho.

Apesar destes dados não serem referentes à freguesia de Olhão por si só, é possível compreender o panorama vivido nesta, sendo que muito provavelmente uma grande fatia dos habitantes ativos da freguesia em questão se encontrará desempregada. Significa isto que este grupo etário será um dos grandes utilizadores do espaço. Para além disso, e tendo em conta que todos os outros grupos etários têm alguma representação na freguesia, o espaço terá de atender às necessidades de todos eles, tendo

por isso mesmo que ser à partida um espaço multifuncional, preparado para utilizadores de qualquer idade.

Relativamente ao panorama económico atual, na página de internet da Câmara Municipal de Olhão é possível ter acesso a dados sobre esta temática referentes ao ano 2008. Tendo em conta os dados analisados, realizou-se a Tabela 4.1 que explicita quais os cinco setores de atividade com maior número de empresas e pessoal ao serviço durante esse mesmo ano para o concelho.

<b>SETORES DE ACTIVIDADE</b>	<b>EMPRESAS (Nº)</b>	<b>PESSOAL AO SERVIÇO (Nº)</b>
<b>Comércio por grosso e a retalho</b>	<b>1166</b>	<b>2570</b>
<b>Outros serviços públicos e privados</b>	<b>834</b>	<b>1064</b>
<b>Indústria da Construção</b>	<b>714</b>	<b>2115</b>
<b>Agricultura, pecuária, florestas e pesca</b>	<b>545</b>	<b>930</b>
<b>Alojamento, Restauração e similares</b>	<b>475</b>	<b>1000</b>

**Tabela 4.1:** Perfil setorial das atividades económicas mais importantes no concelho de Olhão, 2008

Segundo ainda o relatório 10 do PDM de Olhão (1991) relativo ao *Povoamento e Rede Urbana*, a atividade agrícola, piscatória e industrial, eram os grandes responsáveis pelo emprego no Concelho de Olhão na década de 90. Através desta tabela é visível que isso ainda se verifica apesar de ocuparem no ano de 2008 o segundo e quinto lugar em termos de empregabilidade. O maior empregador passou assim a ser nesse ano o setor do Comércio por grosso e a retalho com 2570 pessoas ao serviço num total de 1166 empresas. Em terceiro lugar tinha-se Outros serviços Públicos e Privados onde se pode incluir a Câmara Municipal ou a AmbiOlhão (empresa municipal), empregando 1064 pessoas num total de 834 empresas. Em quarto lugar tinha-se nesse ano o Alojamento, Restauração e similares com 1000 pessoas empregas num total de 475 empresas. Este setor está intimamente ligado ao turismo, atividade em crescente desenvolvimento neste concelho.

Anteriormente a 1991, o desenvolvimento turístico massivo da região algarvia não tinha repercussões diretas no concelho de Olhão, sendo que este era um dos concelhos com menores capacidades de alojamento com a taxa de ocupação inferior às taxas médias do

Distrito<sup>148</sup>. Em 1991 começou a verificar-se alterações relativamente a este panorama, sendo que o número de visitantes no concelho aumentou, bem como o número de infraestruturas, principalmente aquelas relacionadas com o turismo balnear. No ano de 2008, verificava-se um acréscimo ainda maior desta atividade no concelho, sendo precisamente por isso que o setor Alojamento, Restauração e similares ocupava naquele ano o quarto lugar de empregabilidade. Considera-se que este setor registre um ainda maior crescimento até ao presente ano, pois desde 2008 foram criadas mais unidades hoteleiras no concelho, sendo um deles o Real Marina Hotel de grande importância em termos de empregabilidade<sup>149</sup>.

---

<sup>148</sup> PDM Olhão relatório 10 – *Povoamento e Rede Urbana*, 1991, p. 16

<sup>149</sup> *Idem*, p.14

#### 4.4 CONCEÇÃO PROJETUAL

---

Tendo já uma contextualização teórica bastante minuciosa e uma análise ao espaço de intervenção e envolvente, optou-se por realizar um projeto de intervenção (ao nível do estudo prévio) tendo com base as diretrizes seguidas ao longo de todo o relatório.

Como foi compreendido ao longo da análise, a área em estudo encontra-se localizada num local maioritariamente habitacional, sendo que existem vários equipamentos desportivos nas suas proximidades (como é o caso das piscinas e estádio municipal).

Esta área encontra-se sem qualquer tipo de uso fixo tendo sido deixada ao abandono após as obras de construção das piscinas municipais no final dos anos 90. Apesar de rodeada por um talude de alguma expressão, é uma área bastante plana, sendo que a vegetação existente é praticamente nula.

Atualmente a área não traz qualquer usufruto para a cidade e sua população, à exceção de servir ocasionalmente como estacionamento aquando de jogos de futebol importantes. Considera-se portanto necessário intervir, garantido que esta área possa fazer parte da dinâmica da cidade, sendo novamente útil e servindo a sua população.

Tendo em conta o que se concluiu com a contextualização teórica, um vazio urbano como este não necessita de mudanças drásticas e de usos e funções impostos para que a população usufrua dele. Tendo em conta a visão de este tipo de espaços tida por Berger, Geuze, Koolhaas, Solà-Morales ou até mesmo Clément, considera-se importante que o vazio urbano em questão se comporte como uma “tela em branco”, onde os seus utilizadores possam dar aso à imaginação, usufruindo deste da forma que mais contentamento lhes der, podendo este estar em constantes modificações.

Esta ideia da “tela em branco” surge pelo que se apreendeu dos autores a cima mencionados, já que algo em comum em todas as suas opiniões é o facto de acreditarem que tem de ser o utilizar a moldar o espaço às suas necessidades. Assim sendo esta ideia surge na tentativa de permitir ao utilizador apropriar-se livremente do espaço, não sendo este estático. Pode estar em constante mudança e apresentar usos e funções totalmente diferentes, dependendo somente do utilizador o modo como o espaço será usufruído.

Entretanto é fundamental ter presente que a intervenção será realizada ao nível da arquitetura paisagista, sendo que não se pretende intervir tendo apenas em conta o que artistas como fotógrafos ou cineastas consideram mais relevante para um espaço com estas características. O que se pretende é intervir no espaço através da arquitetura paisagista, mas nunca de uma forma rígida como muitas vezes acontece, sem que o utilizador possa ter a possibilidade de escolher como quer utilizar o espaço. Tenciona-se demonstrar que existem outros modos de intervir em locais com estas características, sem que por isso se criem espaços menos apreciados ou bem-sucedidos.

Como se percebeu através da análise efetuada, a envolvente da área em estudo está bastante ligada ao desporto. Aliando esse facto ao que o PDM prevê para aquele local (terá de conter infraestruturas ou equipamentos coletivos de iniciativa pública que satisfaçam toda a população) propõe-se então que a área em estudo esteja igualmente ligada ao desporto, funcionando com um espaço de união de todos os equipamentos existentes na envolvente.

Apesar de não se pretender uma implementação forçada de usos ou funções, o facto de se ambicionar que este espaço esteja ligado ao desporto não quer de modo algum, dizer que tal se trata de uma obrigatoriedade de usos.

Optou-se assim pela criação de duas áreas distintas (Figura 4.24) sendo que ambas se relacionam e acabam por se completar. A ideia principal passa pela representação deste antagonismo de opiniões relativamente aos vazios urbanos tido pelas artes e pela arquitetura paisagista/ arquitetura/ urbanismo. Surge assim a área 1 composta por linhas meanderizadas, naturais e nada rígidas que representam o pensamento dos artistas, ao contrário da área 2, composta por formas mais rígidas, linhas direitas



**Figura 4.24:** Proposta de intervenção para o vazio urbano com duas áreas distintas

que representam o pensamento mais formal e rígido de muitos dos arquitetos e arquitetos paisagistas. O objetivo é que ambas as áreas se completem, provando que opiniões que por vezes podem ser tão distintas podem realmente trabalhar em conjunto.

Para a área 1 (Figura 4.25), e tendo em conta que se pretende que de algum modo esta esteja ligada ao desporto, propõe-se a introdução de formas micromodeladas por toda a área, dando a oportunidade dos mais infindáveis usos por parte dos utilizadores. Com uma altura média de 0,60 metros, estas formas podem servir como zona de estadia ou até mesmo como obstáculos para os praticantes de desporto. Podem ser usadas por



utilizadores de todas as idades, sendo que depende de cada um o uso que lhes é dado. Prevê-se igualmente no centro destas formas um espaço amplo e desimpedido, que permita a prática de desportos que necessitem de uma maior extensão (como é o caso de jogos em equipa, ou atividades escolares em grupo).

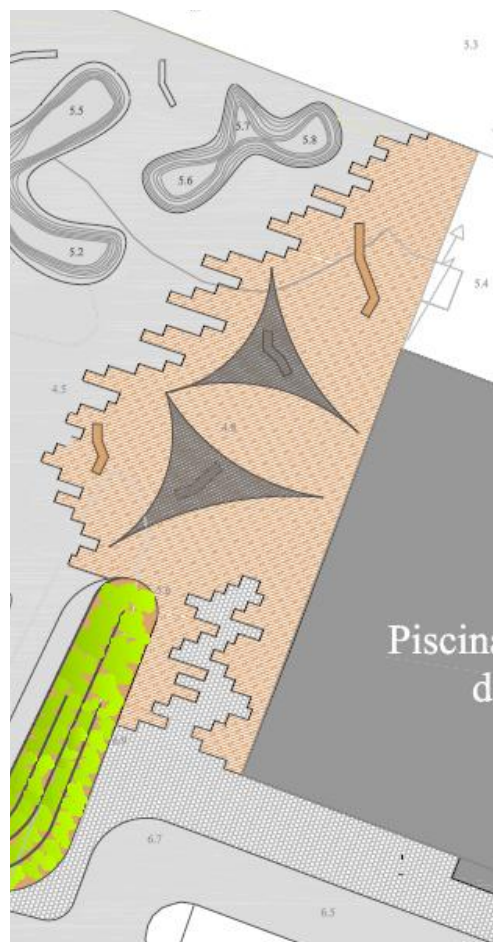
Propõe-se que toda esta área 1 seja revestida a prado de sequeiro, o que torna o espaço bastante mais confortável e acessível a todo o tipo de atividade. O facto de se optar por prado, que crescerá livremente, é um modo de apelar ao pensamento de Clément (que apoia a biodiversidade neste tipo de espaços) sendo que mesmo em questões de manutenção será uma mais-valia. O prado é um substrato bastante eficaz, pois não é necessário recorrer a rega automática, o que proporcionará um menor consumo de água e energia. Prevê-se igualmente a introdução de oito exemplares arbóreos de grande porte que proporcionaram sombra aos utilizadores do espaço.

Prevê-se a introdução de estruturas de diferentes formas colocadas alternadamente entre as formas micromodeladas, com o objetivo de serem utilizadas como telas ao ar livre. O

próprio utilizador do espaço poderá decora-las como bem entender, considerando-se que é um modo de aumentar a sensação de apropriação do espaço por parte da população, vindo de encontro à ideia do espaço ser uma “tela em branco”. O modo como estas estruturas estão dispostas no espaço foi pensado de modo a propiciar a descoberta do mesmo por parte dos visitantes, tal como se tratasse de uma exposição ao ar livre.

Quanto à Área 2 (Figura 4.26) propõe-se que esta seja revestida a deck compósito ou a outro material semelhante. A escolha deste material é justificada pela existência de material semelhante nas proximidades do espaço, sendo assim possível conseguir uma continuidade de materiais. É possível encontrar a madeira como pavimento na ponte existente sobre a linha de água que se encontra no espaço adjacente à área em estudo. Esta ponte transformar-se-á numa das entradas principais do espaço e por isso mesmo considera-se importante que exista continuidade de pavimentos no local.

Esta segunda área, trata-se de um espaço amplo, onde novamente todo o tipo de atividades podem ser desempenhados, desde feiras, mostras culturais, atividades escolares,



**Figura 4.26:** Área 2 proposta

existe um extenso leque de possibilidades que esta área pode apresentar dependendo do que se pretende. Propõe-se igualmente a instalação de duas velas brancas tensadas, que potenciarão sombra ao espaço 2, sendo que ao mesmo tempo invocarão o espírito marítimo, algo que está intrinsecamente ligado a Olhão. Prevê-se ainda a utilização de outro pavimento nesta área que muito naturalmente se tratará de calçada.

A calçada encontra-se presente ao longo de todo o espaço público que envolve a área. Pensa-se que a introdução do mesmo material que existe nas proximidades da área irá garantir a sua integração na cidade, sem que exista uma mudança demasiado brusca de pavimento. Para isso contribuirá também o facto da calçada até certa altura entrar na área, sendo aos poucos completamente substituída pelo outro pavimento.

O talude de cerca de 2 metros que existe ao redor de todo o espaço também não foi descurado. Propõe-se uma estabilização do mesmo através de uma técnica de engenharia natural. Trata-se da estabilização através de plantação de estacas vivas, neste caso com espécies arbustivas autóctones de modo a que o seu enraizamento permita o sustento das terras, ao mesmo tempo que se promove a biodiversidade no local.

De modo a envolver toda a população o mais possível no espaço, para que esta tenha a verdadeira sensação de apropriação do espaço, considera-se frutífero que exista o envolvimento das escolas do concelho na preparação desta técnica, sendo este um modo de envolver os mais novos em técnicas que visam a sustentabilidade, dando-lhes alguns conhecimentos em termos ecológicos e ambientais.

Entre este talude e a área de recreio, propõe-se a introdução de uma faixa de 2 metros de largura que funcionará como elemento de continuidade entre estes dois espaços. Aqui, e indo novamente ao encontro do pensamento de Gilles Clément, propõe-se que a população a introduza as espécies que bem entender. Pode ser um espaço encarado como uma horta ou canteiro social, cujas características vão mudando tendo em conta o que a população pretende.

Considera-se que este é mais um modo de proporcionar a interação da população com o espaço, agilizando a sua apropriação do mesmo. É mais uma forma do espaço não se tornar estático, sendo que a própria vegetação do mesmo pode estar em constante modificação.

Relativamente a acessibilidades, uma vez que o espaço se encontra rodeado pelo já referido talude, foi imprescindível criar acessos viáveis para todo o tipo de utilizadores, de modo a tornar a deslocação até ao espaço cómoda e possível. Recorreu-se assim ao Decreto-Lei n.º 163/2006, de 8 de agosto, referente à mobilidade e acessibilidade para todos de modo a garantir acessos que cumprissem todas as exigências legisladas. Assim sendo, no acesso junto às piscinas municipais optou-se por uma rampa com uma inclinação suficiente para que pessoas com mobilidade reduzida possam aceder ao espaço. Propõe-se ainda outro acesso, junto à rotunda de entrada na cidade que fará a ligação entre a ponte em madeira e este espaço. Tendo em conta a existência de uma linha de água por baixo desta ponte e uma diferença de cerca de 2 metros, optou-se pela

introdução de escadas (cumprindo igualmente os requisitos do decreto lei) de modo a proporcionar a cómoda deslocação ao espaço.

Com as opções projetuais propostas pensa-se conseguir um projeto bem integrado na cidade, que corresponde às necessidades do espaço e da população, e que ao mesmo tempo vai de encontro à abordagem levada a cabo durante o presente trabalho. Trata-se de um projeto que promove a apropriação livre do espaço e a constante modificação deste, de modo a evitar tornar-se num espaço estático e enfadonho. Trata-se de um projeto contemporâneo e liberativo que será uma verdadeira mais-valia para a cidade de Olhão.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Apesar da temática dos vazios urbanos estar cada vez mais no centro de discussões e investigações por parte de estudiosos das mais variadíssimas áreas, é visível que não existe ainda um parecer unânime em relação a esta.

Através do presente trabalho verificou-se que no seio da arquitetura, arquitetura paisagista e urbanismo existem duas concepções bastante vincadas e dissemelhantes:

– Por um lado os vazios urbanos são encarados como locais inoportunos, escuros e sem sentido no seio da cidade contemporânea, não se vislumbrando qualquer característica positiva neles;

– Por outro são tidos como espaços únicos, que saem da continuidade extremamente maçadora da cidade, dando aso a intervenções singulares e bastante benéficas para o meio em que se encontram.

Este segundo modo de encarar os vazios urbanos acaba por vir de encontro à opinião dos mais variadíssimos artistas, entre eles fotógrafos, artistas de instalações, cineastas, escritores ou até mesmo músicos, já que também eles encaram estes espaços como algo positivo.

Como foi possível compreender ao longo de todo o presente trabalho, o fascínio que os artistas sentem por este tipo de espaços advém das possibilidades criativas que estes emanam. São locais de fuga à realidade rígida da cidade, onde conseguem encontrar cenários maravilhosos e improváveis para todo o tipo de obras. Não existe ali obrigatoriedade alguma de usos e funções, sendo que são os próprios artistas a decidirem como o espaço será usufruído. São igualmente vistos por eles como uma consequência inevitável do crescimento da cidade, algo completamente normal no seu seio. Por isso, e enquanto muitos tentam esquecer a sua existência, grande parte dos artistas faz questão de expô-los nas suas obras, na tentativa de serem finalmente compreendidos e não censurados. Mais uma vez esta opinião é partilhada por vários arquitetos/ arquitetos paisagistas e urbanistas que encaram os vazios urbanos de modo mais positivo e liberal.

Apesar de serem ainda escassos, é possível encontrar atualmente projetos em que arquitetos paisagistas tornam vazios urbanos em espaços novamente úteis à sociedade, integrando-os na dinâmica desta, sem que por isso mesmo deixem de ter as características que os tornam únicos. Para isso apostam em projetos onde as intervenções nem sempre são massivas, onde os usos e funções que o espaço adquire não dependem unicamente deles, mas sim do seu utilizador. Este pensamento vem novamente ao encontro do tido pelos artistas já que, como foi referido anteriormente, é exatamente por essa não obrigatoriedade de usos e funções que eles os apreciam. É assim possível ter espaços multifacetados e nada enfadonhos. São normalmente locais em constante mudança, pois todo o tipo de atividades podem ser lá desempenhadas, dependendo unicamente da vontade e imaginação do utilizador.

Conclui-se que este modo livre e despojado de rigidez de encarar os vazios urbanos é algo extremamente frutífero para a cidade, pois permite um espaço de lazer bastante diferente de todos os outros onde exista uma obrigatoriedade de usos e funções. Aqui o utilizador é deixado à vontade, podendo fazer tudo aquilo que a sua imaginação ditar, sem ter de ser o espaço a expressar aquilo que é possível ou não fazer. Isso traduz-se num escape à rigidez de formas e funções da cidade contemporânea, sendo por isso mesmo uma verdadeira lufada de ar fresco.

Como modo de consolidar todos ensinamentos adquiridos ao longo deste trabalho, propôs-se a intervenção para o vazio urbano em questão na cidade Olhão. Através da análise realizada à área mais artística do conhecimento, foi possível criar um projeto multidisciplinar, em que as diretrizes de liberdade, criatividade e apropriação do utilizador foram postas em prática. Ter-se recorrido a esta abordagem de modo multidisciplinar foi importante, pois originou um enriquecimento da abordagem da arquitetura paisagista relativamente aos vazios urbanos. Esta abordagem deu origem a um modo próprio de encará-los, mas que ainda hoje cria alguma relutância no seio da arquitetura paisagista.

Sendo que esta temática é escassamente abordada em Portugal (principalmente nestes moldes) o presente trabalho e projeto foram também frutíferos pelo facto de permitirem a amplificação do conhecimento relativamente aos vazios urbanos. Considera-se que este projeto, com um conceito ainda único a nível nacional, trará não só benefícios à população que dele usufruirá, como a toda a comunidade de arquitetos paisagistas

interessados na temática, pois permitirá a criação de discussão e estudo mais aprofundado relativamente a esta.

Infelizmente este tipo de abordagem ainda não deu aso a uma opinião unânime no seio da arquitetura/ arquitetura paisagista e urbanismo, como aliás já foi referido. Os projetos realizados tendo como base esta abordagem são por vezes encarados de forma menos positiva. São entendidos como projetos vazios e sem sentido, por não existir a tal obrigatoriedade de usos e funções, que para muitos é ainda fundamental. Considera-se que este modo de encarar este tipo de projetos se deva a dois fatores principais:

- Pelo fato destes estudiosos acreditarem que o projeto tem de dar todas as diretrizes de como o espaço deve ser utilizando para ser um projeto viável;
- Ou por considerarem que este tipo de espaços tem de estar perfeitamente integrado na “monotonia” da cidade (sendo para isso necessário a tal rigidez de usos e funções impostos logo de início);

Espera-se que o presente trabalho venha clarificar este modo tão inflexível de encarar os vazios urbanos, ou que de algum modo dê o mote para uma abordagem mais cuidada e aprofundada desta temática. É importante que o utilizador tenha uma palavra a dizer, para que o espaço, que afinal de contas será utilizado por si, prenda a sua atenção e corresponda às suas expectativas.

No longo caminho ainda a percorrer relativamente a esta temática, surge uma questão que não pode de todo ser descurada – Qual a opinião da população relativamente a este tipo de abordagem? Os espaços vítimas de intervenções nestes moldes prendem realmente a atenção de quem os utiliza, ou estará a população demasiado acostumada a espaços onde as regras sempre estiveram impostas? Pelo que se apreendeu ao longo da análise efetuada tudo indica que a população sinta uma grande empatia com espaços onde se intervém deste modo tão único, embora não existam ainda bases científicas que o comprove. Pensa-se portanto que esta questão é bastante pertinente, sendo que o seu posterior estudo seria uma mais-valia para a compreensão dos vazios urbanos nestes moldes.

Os vazios urbanos são assim espaços que continuam a estar na base de diversas discussões no seio da arquitetura paisagista, sendo que o consenso relativamente a esta

temática está longe de ser atingido. Sendo uma problemática tão grande para a cidade contemporânea merecem ser compreendidos de modo a serem intervencionados do modo mais correto possível. Através deste trabalho percebeu-se que os vazios urbanos não devem de todo ser encarados como algo pejorativo, pois as hipóteses que emanam são variadíssimas e extremamente positivas tanto para a cidade como o seu utilizador.

Tal como se verificou com a análise da abordagem de Alan Berger a este tipo de espaços, os vazios urbanos são assim uma excelente oportunidade para a introdução de intervenções na cidade baseadas no *Landscape Urbanism*. Isto porque ao efetuar mudanças neste tipo de espaços, é possível trazer benefícios a toda a cidade, contagiando-a com a mudança. Esta é mais uma prova de que realmente este tipo de espaços tem valor e pode ser frutífero para a cidade.

O caso de Olhão foi assim uma excelente oportunidade para introduzir a teoria do *Landscape Urbanism* na cidade, pois considera-se que o projeto efetuado venha criar a mudança e novidade não só no espaço mas em toda a cidade. Com este projeto a população tem assim acesso a um espaço dissemelhante de tudo o resto, onde a criatividade impera e que sai da realidade rígida do mundo contemporâneo – Trata-se de um espaço pensado realmente para o utilizador.

## 6. BIBLIOGRAFIA

- *5 Infamous Abandonments Used in Famous Movies: Deserted Buildings from Cult Classic Films*. Obtido em 3 de Dezembro de 2012, de Web Urbanist - Local Designs to Global Destinations: <http://weburbanist.com/2008/04/03/5-infamous-abandonments-used-in-famous-films-deserted-buildings-from-cult-classics-of-cinema/>
- Augé, M. (1998). *Não-Lugares - Introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. Venda Nova: Bertrand Editora.
- Austerlitz, S. (21 de Março de 2003). *Cinémathèque annotations on film - Los Olvidados*. Consultado em 2 de Dezembro de 2012, de Senses of Cinema: [http://www.sensesofcinema.com/2003/cteq/los\\_olvidados/](http://www.sensesofcinema.com/2003/cteq/los_olvidados/)
- Berger, A. (2006). *Drosscape*. In C. Waldheim, *The Landscape Urbanism Reader* (pp. 199-215). Nova York: Princeton Architectural Press.
- Berger, A. (2006). *Drosscapes - Wasting Land in Urban America*. New York: Princeton Architectural Press.
- Bielawski, J., Trondsen, T. S. (1 de Agosto de 2001). *Topics*. Consultado em 3 de Dezembro de 2012, de Nostalghia.com: <http://people.ucalgary.ca/~tstronds/nostalghia.com/TheTopics.html>
- *Bio For Melody Gilbert*. Consultado em 6 de Dezembro de 2012, de Frozen feet films: <http://www.frozenfeetfilms.com/FFF-MelodyBio.pdf>
- *Biography*. Consultado em 1 de Dezembro de 2012, de Marcel Carné.com: <http://www.marcelcarne.com/bio.htm>
- *Biography*. Consultado em 8 de Dezembro de 2012, de Jordi Colomer: <http://www.jordicolomer.com/?lg=2&id=3>
- *Biography for Spike Jonze*. Consultado em 7 de Dezembro de 2012, de IMDB: <http://www.imdb.com/name/nm0005069/bio>
- Bishop, M. (2008). *Truth and Infinity: Ben Vautier*. In M. Bishop, *Contemporary French Art 1: Eleven Studies* (pp. 9-21). Nova York: Editions Rodopi B.V. .
- Borret, K. (1999). *The "void" as a Productive Concept for Urban Public Space*. In T. G. Team, *The Urban Condition: Space, Community and Self in the Contemporary Metropolis* (pp. 236-251). Roterdão: 010 Publishers.
- Buñuel, L., White, G. (2000). *An Unspeakable Betrayal - Selected Writings of Luis Buñuel*. California: University of California Press.
- Câmara Municipal de Olhão. *Geografia do Concelho*. Consultado em 22 de Maio de 2012, de Município de Olhão: <http://www.cm-olhao.pt/conhecer-olhao/geografia-do-concelho#relevo>
- Câmara Municipal de Olhão. (2012). *História de Olhão*. Consultado em 24 de Maio de 2012, de Município de Olhão: [http://www.olhao.web.pt/historia\\_de\\_olhao.htm](http://www.olhao.web.pt/historia_de_olhao.htm)
- Câmara Municipal de Olhão. (1991). *PDM - Relatório 11 - A Cidade de Olhão*. Lisboa: Risco Planeamento.
- Câmara Municipal de Olhão. (1991). *PDM - Relatório 2 - Caracterização do Solo, Sub-solo e Recursos Naturais*. Lisboa: Risco Planeamento.

- Carney, P., Miller, V. (2009). *Vague Spaces*. In A. Jansson, A. Lagerkvist, *Strange Spaces - Explorations Into Mediated Obscurity* (pp. 33-53). England: Ashgate Publishing Limited.
- Cartier-Bresson, H. (2004). *O imaginário segundo a natureza*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA.
- Clément, G. (2004). *Manifeste du Tiers Paysage*. Consultado em 2 de Março de 2013, de Gilles Clément:  
[http://www.gillesclement.com/fichiers/\\_tierspaypublications\\_92045\\_manifeste\\_du\\_tiers\\_paysage.pdf](http://www.gillesclement.com/fichiers/_tierspaypublications_92045_manifeste_du_tiers_paysage.pdf)
- Clément, G. *The Garden in Motion*. Consultado em 3 de Março de 2013, de Gilles Clément: <http://www.gillesclement.com/art-469-tit-The-Garden-in-Motion>
- Clément, G. *The Third Landscape*. Consultado em 2 de Março de 2013, de Gilles Clément: <http://www.gillesclement.com/art-454-tit-The-Third-Landscape>
- Colomer, J. *Anarchitekton*. Consultado em 8 de Dezembro de 2012, de Anarchitekton: <http://www.anarchitekton.com/>
- Conselho Local de Ação Social de Olhão. (2011). *Diagnóstico Social do Concelho de Olhão*. Olhão: Câmara Municipal de Olhão.
- D'Abreu, A. C., Correia, T. P., Oliveira, R. (2004). *Contributos para a Identificação e Caracterização da Paisagem em Portugal Continental (Volume 1)*. Lisboa: DGOTDU.
- Espuche, A. G. *Binnenrotte Square*. Consultado em 27 de Dezembro de 2012, de Public Space: <http://www.publicspace.org/en/works/z010-binnenrotte-square>
- Falcão, M. (1 de Dezembro de 2010). O Mapa do Futuro. *Blitz*, p. 37.
- Foster, H. (2002). *Design and Crime (and other diatribes)*. London: Verso.
- Gilbert, M. (s.d.). *About Melody Gilbert*. Consultado em 6 de Dezembro de 2012, de Frozen Feet Film: <http://www.frozenfeetfilms.com/about.php>
- Gilbert, M. *Urban Explorers: Into the Darkness Documentary*. Consultado em 6 de Dezembro de 2012, de About Urban Explorers: Into the Darkness Documentary: [http://www.urbanexplorersfilm.com/about\\_urban\\_explorers.htm](http://www.urbanexplorersfilm.com/about_urban_explorers.htm)
- Gilliam, T. (Março de 2003). *Salman Rushdie talks with Terry Gilliam*. Consultado em 5 de Dezembro de 2012, de Believer: [http://www.believermag.com/issues/200303/?read=interview\\_gilliam](http://www.believermag.com/issues/200303/?read=interview_gilliam)
- Gilliam, T., & Christie, I. (1999). *Gilliam on Gilliam*. New York: Faber and Faber, Inc. .
- Gomes, C. P., & Ferreira, R. P. (2005). *Flora e Vegetação - Barrocal Algarvio Tavira - Portimão*. Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve.
- Hido, T. (2011). *Interview with Todd Hido*. Consultado em 25 de Novembro de 2012, de ahorn magazine: [http://www.ahornmagazine.com/issue\\_6/interview\\_hido/interview\\_hido.html](http://www.ahornmagazine.com/issue_6/interview_hido/interview_hido.html)
- Illg, J., & Neuger, L. *I'm interested in the problem of inner freedom*. Consultado em 3 de Dezembro de 2012, de Nostalghia.com: [http://people.ucalgary.ca/~tstronds/nostalghia.com/TheTopics/interview.html#On\\_Stalker](http://people.ucalgary.ca/~tstronds/nostalghia.com/TheTopics/interview.html#On_Stalker)
- Johnson, V. T., & Petrie, G. (1994). *The films of Andrei Tarkovsky - A visual Fugue*. USA: Indiana University Press.

- Kopp, E., Sobral, M., Soares, T., Woerner, M. (2000). *Os Solos do Algarve e as Suas Características*. Faro: Direcção Regional de Agricultura do Algarve.
- Kwinter, S. (2002). *Rem Koolhaas: Conversa com estudantes*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA.
- Lefebvre, H. (1991). *The Production of Space*. Oxford: Blackwell Publishing.
- Lorrain, F.G. (16 de Março de 2010). *Sandro Veronesi : "L'Italie est un pays éteint"*. Consultado em 9 de Dezembro de 2012, de Le Point: <http://www.lepoint.fr/culture/2010-03-16/sandro-veronesi-l-italie-est-un-pays-eteint/249/0/434085>
- *Luis Buñuel Bio*. Consultado em 2 de Dezembro de 2012, de Luis Buñuel.com: <http://www.luisbunuel.com/bio.html>
- *Man Ray - Prophet of the Avant-Garde*. (17 de Setembro de 2005). Consultado em 22 de Novembro de 2012, de American Masters: <http://www.pbs.org/wnet/americanmasters/episodes/man-ray/prophet-of-the-avant-garde/510/>
- *Martha Cooper*. Consultado em 20 de Novembro de 2012, de I art Joburg: <http://i-art-joburg.com/martha-cooper/>
- Melo, L. P. (1 de Março de 2007). *Terrain Vague - Notas de Investigação para uma identidade. ArteCapital* .
- *Moma Exhibitions*. (11 de Abril de 2010). Consultado em 23 de Novembro de 2012, de The Museum of Modern Art: <http://www.moma.org/visit/calendar/exhibitions/968>
- Portugal, I. d. (2008). *Clima de Portugal Continental*. Consultado em 22 de Maio de 2012, de Instituto de Meteorologia, IP Portugal: <http://www.meteo.pt/pt/areaeducativa/otempo.eoclima/clima.pt/index.html>
- Portugal, I. d. (2008). *Normais Climatológicas - 1981-2010 - Faro*. Consultado em 22 de Maio de 2012, de Instituto de Meteorologia, IP Portugal: <http://www.meteo.pt/pt/oclima/normais.clima/1981-2010/008/>
- *Robocop - O polícia do futuro*. Consultado em 4 de Dezembro de 2012, de IMDB: <http://www.imdb.com/title/tt0093870/>
- Romba, S. (2008). *Evolução Urbana de Olhão*. Faro: Universidade do Algarve. *Sandro Veronesi*. Consultado em 9 de Dezembro de 2012, de Edições Asa: <http://www.asa.pt/autores/autor.php?id=2148>
- Schneider, B. *Schouwburgplein*. Consultado em 28 de Dezembro de 2012, de Landscape Architecture Study Tour: <http://courses.umass.edu/latour/Netherlands/schneider/index.html>
- *Schouwburgplein*. Consultado em 28 de Dezembro de 2012, de Architecture in Rotterdam: <http://www.architectuurinrotterdam.nl/building.php?buildingid=75&lang=en&PHPSES SID=228f4fae13d7250ef550110c6208b879>
- *Schouwburgplein*. Consultado em 28 de Dezembro de 2012, de West 8: <http://www.west8.nl/projects/schouwburgplein/>
- Shaw, D. *Paul Verhoeven*. Consultado em 15 de Janeiro de 2012, de Sense of Cinema: <http://www.sensesofcinema.com/2003/great-directors/verhoeven/>
- Silvano, F. (2001). *Antropologia do Espaço - Uma Introdução*. Oeiras: Celta Editora.

- Solà-Morales, I. d. (2002). *Territorios*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.
- Sterritt, D., & Rhodes, L. (2004). *Terry Gilliam: Interviews*. Mississippi: University Press of Mississippi.
- Szarkowski, J. *Eugene Atget*. Consultado em 20 de Dezembro de 2012, de Atget Photography: <http://www.atgetphotography.com/The-Photographers/Eugene-Atget.html>
- Szarkowski, J. *Henri Cartier-Bresson*. Consultado em 21 de Dezembro de 2012, de Atget Photography: <http://www.atgetphotography.com/The-Photographers/Cartier-Bresson.html>
- Szarkowski, J. *Man Ray*. Consultado em 20 de Dezembro de 2012, de Atget Photography: <http://www.atgetphotography.com/The-Photographers/Man-Ray.html>
- Taillancourt, P. d. *Ben Vautier*. Consultado em 8 de Dezembro de 2012, de Vicky David Gallery : <http://www.vickydavid.com/artist-ben-vautier.htm>
- *Terrain Vague (1960)*. Consultado em 1 de Dezembro de 2012, de Marcel Carné: <http://www.marcel-carne.com/les-films-de-marcel-carne/1960-terrain-vague/fiche-technique-synopsis-revue-de-presse/>
- Zwimer, D. (2010). *Stan Douglas*. Consultado em 24 de Novembro de 2012, de David Zwimer: <http://www.davidzwirner.com/artists/stan-douglas/biography/>